

A transformação

com desenhos de

Franz Kafka

edição brasileira© Hedra 2025
tradução do alemão e introdução© Celso Donizete Cruz
desenhos Franz Kafka

textos de apêndice Walter Benjamin, Otto Maria Carpeaux

título original *Die Verwandlung* (1915)
primeira edição *A metamorfose* (Hedra, 2009)

edição Paulo Henrique Pompermaier, Jorge Sallum,
Iuri Pereira e Bruno Costa
coedição Suzana Salama
assistência editorial Bruno Domingos e Thiago Lins
revisão Rogério Duarte e Luis Dolhnikoff
capa Lucas Kröeff
ISBN 978-85-7715-963-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro: SP, Brasil)

Kafka, Franz (1883-1924)

A transformação. Franz Kafka; tradução e introdução Celso Donizete Cruz; apêndice Walter Benjamin e Otto Maria Carpeaux. 3. ed. São Paulo, SP: Editora Hedra, 2025.

ISBN 978-85-7715-963-5

1. Ficção alemã I. Cruz, Celso Donizete. II. Benjamin, Walter.
III. Carpeaux, Otto Maria. IV. Título.

24-213782

CDD: 833

Elaborado por Aline Grazielle Benitez (CRB-1/ 3129)

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura alemã (833)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
Av. São Luís, 187, Piso 3, Loja 8 (Galeria Metrôpole)
01046-912 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br
Foi feito o depósito legal.

A transformação

com desenhos de

Franz Kafka

Celso Donizete Cruz (*tradução e introdução*)

Walter Benjamin e Otto Maria Carpeaux (*textos de apêndice*)

3ª edição

hedra

São Paulo 2025

Franz Kafka (Praga, 1883–Klosterneuburg, 1924) é um dos autores mais lidos e influentes do século xx. Oriundo de uma abastada família judaica de comerciantes, sua infância é marcada pela relação conflituosa com o pai. Frequenta na juventude uma escola alemã de Praga, cursa química e posteriormente direito na Universidade Karl-Ferdinand, seguindo depois uma bem-sucedida carreira como funcionário público na área de segurança do trabalho. Além de *A transformação*, Kafka publicou em vida *O foguista*, *A sentença* e *O artista da fome*. *O processo*, *O castelo* e *América* (este último, inacabado) foram publicados postumamente, graças à intervenção de seu amigo Max Brod, que se recusou a seguir o testamento de Kafka, no qual determinava a destruição de todos os seus escritos inéditos. A sua obra inclui ainda contos, diários e uma significativa correspondência com sua noiva Felice Bauer, que ele jamais desposaria. Falece ao 39 anos, vítima de tuberculose.

A transformação (*Die Verwandlung*, 1915) foi publicada originariamente na revista expressionista *Weißer Blätter*, que abrigava textos da nova geração de escritores alemães como Heinrich Mann, Ernst Bloch e Rosa Luxemburgo. A novela narra a singular história de Gregor Samsa, um caixeiro viajante que certo dia acorda em sua cama transformado em inseto. Plena de significados simbólicos, a obra deu origem às mais diversas interpretações. Famosas são as associações de ordem psicanalítica sobre a relação de Kafka com seu pai. Uma das obras literárias mais lidas e comentadas do século xx, *A transformação* ganha aqui uma nova tradução direta do alemão que procura recuperar o tom algo jocoso da obra.

Walter Benjamin (1892–1940), filósofo, crítico literário e ensaísta alemão, é amplamente conhecido por suas análises da modernidade, história e cultura de massa. Após a ascensão do nazismo na Alemanha — durante seu exílio em Paris, a partir de 1933 —, também atuou como crítico e tradutor de obras literárias, além de colaborar com jornais e revistas.

Otto Maria Carpeaux (1900–1978) foi um crítico literário e historiador austriaco. Destacou-se por sua monumental *História da literatura ocidental*. Fugindo do nazismo, se estabeleceu no Brasil em 1939, onde influenciou profundamente o pensamento literário e cultural.

Celso Donizete Cruz (1966–2013), mestre em língua e literatura alemãs pela Universidade de São Paulo, foi professor da Universidade Federal de Sergipe. Além de obras traduzidas do alemão, inglês e italiano, é autor de *As metamorfoses de Kafka* (2008), um estudo comparativo das mais de doze traduções de *A transformação* publicadas no Brasil.

Sumário

Introdução, <i>por Celso Donizete Cruz</i>	7
A TRANSFORMAÇÃO.	21
APÊNDICE.	87
Franz Kafka e o mundo invisível, <i>por Otto Maria Carpeaux</i> .	89
Franz Kafka, <i>por Walter Benjamin</i>	99



Introdução

Franz Kafka, um personagem da mitologia moderna

CELSO DONIZETE CRUZ

A transformação,¹ novo título dado à obra mais conhecida de Franz Kafka, recupera a repetição sonora do substantivo alemão do título original, *Verwandlung*, que ecoa na forma verbal *verwandelt* (em português, “transformado”) no fim da primeira frase da narrativa, considerada por muitos a sentença de abertura mais célebre de toda a literatura.² Dizem que o escritor argentino Jorge Luis Borges também criticava o título consagrado nas traduções, argumentando que a língua alemã possui a palavra *Metamorphose*, e Kafka a adotaria se sua intenção fosse de fato privilegiar em sua narrativa a mutação biológica, o que não é o caso. Na recepção em espanhol do século XXI, em consonância com o reparo, propõe-se uma nova tradução do título, *La transformación*, nas edições da Editorial Funambulista, de Madri, e da Debolsillo, de Barcelona, ambas de 2005. Em língua inglesa, já no final do século XX surgia uma proposta conciliatória, *The Transformation (Metamorphosis)*, na edição da Penguin Classics, de 1995.

1. O texto de Celso Donizete Cruz foi adaptado para a terceira edição, em decorrência da mudança de título (de *A metamorfose* para *A transformação*) que na primeira edição já tinha sido reivindicada pelo tradutor. [N. E.]

2. “Als Gregor Samsa eines Morgens aus unruhigen Träumen erwachte, fand er sich in seinem Bett zu einem ungeheuren Ungeziefer *verwandelt*”. A fim de manter a mesma correspondência, Modesto Carone, responsável pela primeira tradução brasileira diretamente do alemão, na década de 1980, propõe solução inversa: não mexe no título, mas traduz o verbo por “metamorfoseado”, opção desde então seguida por algumas traduções posteriores.

Os exemplos não são muitos, afinal, e houve também argumentos contrários à adoção do novo título, todos no fundo receosos de afrontar gratuitamente a tradição (em português, *tradução e tradição* é que dão um trocadilho revelador das condições do campo). A experiência poderia ser desastrosa em mais de um sentido. Poderia levar a perder leitores interessados na obra, porém em busca do título tradicional, o que autoriza quando muito um parêntese, como na edição inglesa. A mudança de título poderia além do mais ser vista como tática meramente novidadeira, sem maiores implicações para a fruição da obra. Ou quem sabe angariasse para a tradução a pecha de enganadora, dando título desconhecido a uma obra mais do que famosa (fosse entendida a proposta só como brincadeira, e já estaria melhor). Mas, mesmo assim, achamos importante alterar o título desta reedição para *A transformação*.³

KAFKA NO BRASIL

No Brasil, *A transformação* vem funcionando como o carro-chefe da recepção de Kafka, sobretudo de sua recepção popular. De 1956 a 2002, contam-se no país pelo menos 21 edições diferentes da obra.⁴ É o livro que fisga o leitor e lhe abre as portas para o universo kafkiano.⁵ A mesma coisa deve se dar em outros países. A história do homem que se transforma em inseto tem um forte apelo, nunca deixando de inspirar novos lançamentos, cuja sucessão reafirma o notável sucesso da obra entre leitores dos mais distintos estratos culturais. Difusão sem dúvida louvável, quando se pensa no teor crítico do discurso kafkiano e em seu poder

3. As imagens utilizadas ao longo desta edição são desenhos do próprio Kafka, parte de uma coleção particular encontrada em 2019. [N. E.]

4. Cf. Celso Cruz. *Metamorfoses de Kafka*. São Paulo: Annablume, 2007.

5. Alguns colegas reivindicam essa primazia para *O processo*, às vezes até para *O castelo*, o que pode até acontecer entre o público mais intelectual. Porém, o número de edições e traduções de *A transformação* é bem maior, o que confirma sua extensa popularização. *O processo* exige mais do leitor, e *O castelo* ainda mais, daí a dificuldade dessas obras de atingir o grande público. Elas tendem a atrair o interesse desse público no caminho que *A transformação* pavimenta.

desalienante. Contudo, vendo o que já se fez para sua divulgação, pode-se supor também um leitor leigo, seduzido pelo título e por algumas capas, a julgar que se trata de uma história de terror cujo protagonista é um homem que vira uma barata gigante e ameaça sua família. Tal leitor não estará absolutamente errado, só que se acompanhar a narrativa há de topar com um terror estranho e inesperado, por vezes mais engraçado que aflitivo (pode achar que levou gato por lebre: queria *A metamorfose*, e recebeu *A transformação*). A hipótese não é de todo descabida, ainda que seja difícil um leitor se aproximar da obra assim tão desavisadamente. O adjetivo derivado do nome de seu autor é presença certa nos dicionários, além do que Kafka e os títulos de suas obras mais famosas já são verbetes obrigatórios das enciclopédias. Se o leitor vai ao livro, é porque em geral soube de antemão alguma coisa.

Soube no mínimo do grande prestígio do escritor, um dos nossos maiores ícones literários. Embora tenha escrito no começo do século xx, e alcançado a glória póstuma após a metade desse mesmo século, rapidamente ganhou posição ao lado dos clássicos imortais da literatura de todos os tempos. O adjetivo “kafkiano” ultrapassou os círculos do pensamento literário, vindo a servir para designar determinadas situações de nossa vida prática. Tão entranhado assim ficou em nossa cultura, que figura ao lado de outros adjetivos literários, como dantesco, quixotesco, homérico. A uma tal altura no Olimpo das letras, não será difícil ao leitor divisá-lo ao adentrar o pátio principal da literatura do Ocidente. Mas o que justifica tamanho destaque? De onde virá a força que lhe assegura de saída um lugar no panteão dos gênios indisputáveis? Na resposta a essas questões, há a considerar o que Kafka fez, e o que dele foi feito.

A transformação é um bom exemplo para tanto. Em parte por ser sua obra mais popular e ter sido publicada com o autor ainda vivo. Não foi muita coisa que ele deixou vir a público enquanto vi-

via.⁶ Três pequenos livros de narrativas curtas: *Betrachtung* (*Contemplação*), de 1913; *Ein Landarzt* (*Um médico rural*), de 1919; e *Ein Hungerkünstler* (*Um artista da fome*), publicado no ano de sua morte, 1924. Três narrativas médias: *Der Heizer* (*O foguista*), de 1913; *Das Urteil* (*O julgamento* ou *O veredito*), de 1916; e *In der Strafkolonie* (*Na colônia penal*), de 1919. Além de *Die Verwandlung* (*A transformação*), uma narrativa longa, que saiu inicialmente na revista *Weißer Blätter* (*Folhas brancas*) em 1915, depois em livro, em 1916, e alcançou uma segunda edição em 1918. Em conjunto, os escritos publicados em vida não ultrapassam quinhentas páginas.⁷ A economia narrativa e o rigor no acabamento apresentam-se desde já como parte do projeto literário de Kafka. De fato, apenas essas obras talvez fossem suficientes para garantir sua posição entre os grandes mestres. As principais características de sua ficção estão praticamente todas presentes. Só não se saberia então que o material publicado era apenas parte do edifício.

MAX BROD E O ESPÓLIO

Ficou mais do que notável uma das últimas vontades de Kafka, a de que, após a sua morte, seu espólio literário fosse destruído. O amigo Max Brod, incumbido pelo autor da realização dessa vontade, evidentemente não cumpriu a promessa. Esse episódio biográfico já deu o que falar e é um dos que contribuem para a construção de uma visão romantizada da vida de Kafka. Pode-se imaginar o escritor em seu leito de morte, vencido pela tuberculose, entre acessos de tosse e escarros de sangue, encarecendo o amigo com a tarefa inglória; na cena seguinte o amigo, ao abrir

6. Há opinião diversa, como a de Osman Durrani, no *The Cambridge Companion to Kafka*, que procura desfazer o mito do autor tímido, avesso à publicação de sua obra. Em relação ao mito, até que Kafka publicou bastante. In: *The Cambridge Companion to Kafka*, org. Julian Preece, Cambridge University Press, 2002.

7. São 447, numa contagem mais recente, incluindo textos não literários. Cf. Osman Durrani, "Editions, Translations, Adaptations". In: *The Cambridge Companion to Kafka*, op. cit., p. 208.

o baú, surpreso e maravilhado com a quantidade e a qualidade do tesouro que encontra; no final feliz, o tesouro partilhado com os próximos e os pósteros... Deve ter sido mais ou menos isso o que aconteceu, descontada a dose de má ficção. O já citado Jorge Luis Borges é um dos que referem o episódio,⁸ evocando para efeito de comparação o caso de Virgílio (outro escritor cujo similar último desejo também não se realizou) e a seguir argumentando que se essa fosse realmente a vontade desses autores, eles mesmos se encarregariam de riscar o fósforo. Ironias à parte, o pedido não atendido de Kafka pode ser a tradução sincera de sua dúvida quanto ao valor de suas páginas inacabadas. O rigor de seus critérios de acabamento aumenta na medida da desproporção entre o muito que escreveu e o pouco que publicou. A *transformação*, todavia, não deixa dúvidas, pois passou pelo crivo do autor, não sofreu as interferências da organização e edição póstumas de Max Brod, não padecendo assim da desconfiança, algo desmedida, diga-se, quanto à autenticidade de alguns trechos de sua produção literária divulgada *post mortem*. Por isso vem a ser mesmo o livro ideal para um contato inicial preciso com a mais pura ficção kafkiana.⁹

8. Num conhecido prólogo publicado no Brasil na abertura de uma edição da Ediouro de *A metamorfose*, tradução de Torrieri Guimarães, de 1998, coleção Biblioteca de Babel, dedicada à literatura fantástica, homônima porém não a mesma dirigida por Borges e Bioy Casares na Argentina. A propósito de Borges, ainda, também se acredita que tenha traduzido *A transformação*, fato entretanto desmentido por Fernando Sorrentino, em “*La metamorfosis* que Borges jamás tradujo”, *La Nación*, Buenos Aires, 9 de março de 1997 (disponível online com o título “El kafkiano caso de la *Verwandlung* que Borges jamás tradujo”).

9. Entretanto, não se quer dizer que o que veio após sua morte deva ser descartado, longe disso. Inclusive, acontece uma coisa interessante, a partir da recepção das obras do espólio. O inacabado e o fragmentário próprio desses papéis cuja redação não foi retomada, ou que não foram revistos para publicação, são incorporados como matrizes da expressão literária de Kafka, e reverterem sobre suas produções anteriores. Cumpre-se de certa forma a perspicaz observação, de novo de Borges, agora em “Kafka e seus precursores”, de que os autores que influenciam Kafka só vêm a surgir depois de sua morte.

Proponho a distinção entre as narrativas póstumas e as publicadas em vida apenas como tentativa de destacar o cuidado do autor com seus escritos, sua consciência literária, seu senso crítico apurado, seu compromisso vital com a literatura. Trata-se de um homem de letras, que frequentou espaços sociais comuns a intelectuais e artistas, que tinha uma visão particular da literatura, estava informado das novidades de seu tempo, e certamente manifestaria suas opiniões em encontros com os amigos nos cafés de Praga. Não corresponderia unicamente à imagem do escritor desconhecido, enclausurado, sombrio, gênio incompreendido e maldito — visões românticas tantas vezes propagadas nas biografias. Max Brod, conhecendo o amigo, por certo estaria consciente de seu alto valor literário, e de antemão calcularia a importância do que o aguardava no baú. Kafka não foi afinal o escritor anônimo descoberto da noite para o dia, infelizmente quando era tarde demais e já não podia desfrutar da fama. Não viu o sucesso de nenhuma das obras que publicou, é certo, porém é igualmente correto que alcançou de imediato com elas o reconhecimento de seus pares em Praga, despertando reações positivas também em alguns círculos literários da Alemanha.¹⁰ O seu talento de primeira grandeza não era popular, mas foi notado. Consta que arrebatou em 1915 a terceira edição do Prêmio Theodor Fontane de Arte e Literatura, instituído na Alemanha, embora tenha sido uma vitória indireta: o vencedor oficial, o dramaturgo alemão Carl Sternheim, repassou depois a premiação a Kafka. Episódio emblemático de uma recepção restrita — que tem o autor como escritor dos escritores, conhecido apenas em pequenos círculos literários, condição que após a sua morte sua obra superaria totalmente, chegando ao coração das massas, o que é até espantoso, em face do desconforto inevitável provocado por sua leitura.

10. Luiz Costa Lima comprova em *Limites da voz: Kafka* (Rocco, 1993) que o escritor “não foi um ignorado”, e que sua “recepção inteligente” soube lhe destacar o valor, além de ser em alguns casos muito feliz na caracterização de suas peculiaridades.

PRAGA, A SOMBRA DE UM CENÁRIO

Franz Kafka nasceu em 1883 em Praga, capital da então Boêmia, hoje República Tcheca. À época, a Boêmia fazia parte do Império Austro-Húngaro, e seu idioma administrativo oficial era o alemão. A submissão compulsória ao império obviamente não retirava aos tchecos o sentimento de pertença à cultura de sua região, e logo os movimentos nacionalistas desta e de outras regiões submetidas iriam dissolver o império. Imagine-se a aversão pelo imperialismo, e a desconfiança para com todos que parecessem mais fiéis ao império do que à Boêmia. Este em parte devia ser o caso de Kafka que, apesar de seu local de nascimento, não possuía identificação muito evidente com a cultura tcheca. Era filho de pais judeus emigrados da Áustria, praticamente sem laços afetivos ou nacionalistas com a Boêmia. Sua família fazia parte da comunidade judaica de Praga e ao mesmo tempo flertava com os oficiais alemães, tanto é que colocaram Kafka para estudar numa escola alemã. Seu caso, evidentemente, não seria único, contudo não será também de admirar a crise identitária e o sentimento de perseguição decorrentes da situação. Kafka era tcheco, mas escreveu em alemão e acabou órfão das duas culturas. Um dos maiores nomes da literatura alemã de todos os tempos não era alemão. E Praga em sua obra é nada mais que a sombra de um cenário ocasional. Judeu, mas desgarrado e descrente, tampouco pode-se dizer que encontrasse sua identidade em meio à comunidade judaica. Exilado das três pátrias, seria hoje cidadão do mundo... Mas a Europa era outra, e Kafka a viu antes, durante e logo depois da Primeira Guerra. Foi testemunha desse acontecimento traumático, que literalmente expôs as entranhas de uma sociedade pretensamente racional. A condição marginal lhe possibilitaria observar essa sociedade sem compromimentos patrióticos. O que tinha para dizer, e deixou por escrito, não se dirigia especificamente à cultura tcheca, alemã ou judaica. A nenhuma das três em particular, mas a todas a um só tempo — ao humano em cada uma delas.

Sua posição à parte no conturbado cenário europeu de então deu-lhe uma compreensão inusitada dos problemas do homem de seu tempo, o homem contemporâneo, este que veio a ser o que ainda hoje somos. Sua obra resulta dessa compreensão, um dos motivos elementares da importância a ela atribuída. Kafka parece ter dito uma vez que concebia a literatura como uma “expedição à verdade”.¹¹ Essa concepção acentua outro tanto o interesse pelo que deixou. Seus textos literários são nesse sentido uma contribuição à filosofia (em sentido lato), que de direito se ocupa dos problemas da verdade. A literatura kafkiana demonstra que a reserva filosófica não impede a progressão do método literário na exploração de um mesmo território. A diferença é que, onde a filosofia explica, a literatura mostra. Não se recorre às premissas que permitirão a dedução de uma situação absurda na qual o ser humano, “barateado”, reduz-se à condição de inseto. Não se aciona o pensamento lógico *stricto sensu*. O absurdo é maior e mais impactante com a eclosão inexplicável do inseto humano no seio de uma típica família pequeno-burguesa. O fenômeno é incomum, e visível apenas pelas lentes literárias. Mas não desperta nenhuma dúvida nas personagens, que em nenhum momento questionam a impossibilidade do fato. Note-se que não se trata de metáfora, o inseto está lá em toda sua concretude, para quem quiser ver. Age como inseto: tem dificuldades para se mover, não possui dentes, rasteja pelas paredes e pelo teto, se alimenta de restos e, apesar de ainda raciocinar como humano e de entender a língua dos humanos, estes não só não entendem o que ele fala, como o julgam (com exceção talvez da faxineira) incapaz de compreendê-los. Chama-se aqui a atenção para o irreal que afinal aparece como a condição para que se enxergue a realidade, e aí temos um método de desalienação. Didática de Kafka: os contrassensos não são discutidos, são vistos, e é o impacto do que se vê que perturba o entendimento sossegado do leitor.

11. “Dichtung ist immer nur eine Expedition nach der Wahrheit”, frase atribuída a Kafka por Gustav Janouch em seu livro *Conversas com Kafka*.

INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA

Vale falar de um propósito na dedicação extrema de Kafka à literatura. A julgar pelo que relatou em diários e cartas, sua vida só adquiria sentido em função da literatura. Acredito que seja possível confiar na sinceridade desses escritos pessoais, embora a relação da biografia do autor (em boa parte inspirada por esses mesmos escritos) com as obras que deixou dê margem a interpretações muitas vezes equivocadas ou ingênuas. Não é que tenha retratado episódios de sua vida pessoal. Estes, no máximo, iriam lhe servir de inspiração. A literatura, como a concebia, seria mais uma forma de flagrar as contradições da cultura ocidental no princípio do século xx, de um modo eficaz, no entanto nada confortável nem óbvio. Seria uma tentativa de entender o que acontece com os humanos numa sociedade cada vez menos humanizada, se é que algum dia houvesse sido mais... Escrever lhe era vital, provavelmente porque o punha em contato com a *verdadeira vida*. A procura da verdade, se por um lado enfeixa suas produções na confluência da literatura com a filosofia — e não por acaso os maiores filósofos do século se dispuseram a interpretá-lo —, por outro lado leva a classificá-las como realistas. De um realismo que não se reduz à descrição pitoresca da superfície do real, antes corresponde à percepção objetiva da realidade. Com efeito, seu realismo é de tipo expressionista, à medida que dá vazão a uma realidade desfigurada pela percepção interna do sujeito. Entretanto, o propósito de objetivar essa realidade impede a expressão puramente subjetiva. Como explica Luis Costa Lima,¹² a ficção de Kafka pressupõe uma mediação, “um meio interposto entre a subjetividade e o mundo externo, que permita a objetivação daquela”:

Sua questão é converter as tematizações pessoais de próprias ao espaço interno em capazes de se mover no externo; *i. e.*, transformá-las de fantasmas em objetos, cujos traços mostrariam a si e a seu tempo.

12. *Op. cit.*, pp. 65–66

Se bem entendo a lição, diviso uma metodologia nessa busca de conversão do interior em exterior, de “fantasmas em objetos”, da subjetividade em objetividade, enfim. Só faz sentido falar em método quando se quer atingir um objetivo, no caso *mostrar* “a si e a seu tempo”, o que vem a ser a confirmação de uma intenção realista.

Aqui se cai de chofre na *selva selvaggia* da fortuna crítica. Missão impossível não recorrer ao paradoxo na descrição da singularidade do autor. O subjetivo objetivo, a ação que é inação, o estranho familiar... Nomeia-se pela contradição uma obra que se realiza no limite, sempre na dúvida entre o que *é* e o que *não é*. Tal indecisão retira as bases de qualquer juízo crítico absoluto. E o mistério sempre se mantém um mistério, mesmo depois de aberto com as diferentes chaves forjadas pela crítica. Ora, não será demasiado supor que era esse precisamente o ponto visado pela literatura de Kafka, a apresentação de situações numa perspectiva ambígua, trágica e cômica ao mesmo tempo, próxima e distante, real e fantástica (termos e contratermos se sucedem...). Toda representação kafkiana sustenta-se na evocação de sua face contrária. O caso de Gregor Samsa, personagem principal de *A transformação*, é mais uma vez exemplar. Ele só toma consciência de sua alienação ao ser alienado de sua forma humana. Não é o fato de se transformar em inseto o que o aliena, isso só lhe revela sua real alienação. Já era inseto quando ainda era humano, se ainda é humano quando já é inseto? Se para descobrir sua humanidade é preciso que a perca, a *transformação* é a condição de sua consciência. A exposição do humano é levada ao extremo com a oposição do inseto. No choque dos opostos é possível viver uma verdade.

Não devia mesmo ser fácil ao autor sustentar tal ponto de vista. Kafka sempre se queixou da falta de espaço e tempo para se dedicar à literatura como gostaria e, de acordo com seus critérios, deveria. A biografia em quadrinhos de Robert Crumb e David Zane Mairowitz¹³ retrata enfaticamente a ausência de privacidade na casa dos pais, onde residiu durante quase toda

13. *Kafka de Crumb*, trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.

a sua vida, e também o grau de concentração exigido em sua prática literária. No traço de Crumb, o escritor entra em transe ao escrever, os olhos esbugalhados, como se transportado para um outro plano existencial. O transe é ainda ambíguo, pois significa a necessidade tanto de superar um entorno desfavorável à prática (situação do sujeito) quanto de aceder ao plano de perseguição da verdade (condição do objeto). Não admira que o esforço exaurisse o autor, solicitando-lhe uma disposição que somente teria se pudesse abandonar o trabalho e demais compromissos sociais. Kafka se dizia um fraco. Para poder escrever, se viu obrigado a abdicar de possíveis casamentos e a buscar a solidão. Ainda assim, o mínimo exigido de vida social já lhe parecia muito e roubava-lhe as forças de que necessitava para completar suas obras. Em que pese a fantasia *underground*, a representação proposta por Crumb sintetiza os apuros do escritor, que se sentia hábil e capaz apenas para o trabalho literário que sua vida lhe dificultava exercer. O transe místico é ainda o simulacro de sua obsessão com a literatura, à qual sacrificava a vida.

KAFKA, MÍTICO E MÍSTICO

Nesse ponto tocamos a esfera do mito. Não é fácil acreditar que um autor se dispusesse a tanto, nem que a literatura exija pacto tão radical. Mas fato é que o próprio Kafka cultivou a ideia do escritor abnegado. A divulgação de suas obras póstumas também pôs em circulação seus escritos pessoais, e é nesses que se acham declarações do autor sobre seu envolvimento com a criação literária. Essas declarações alimentam o mito. De acordo com elas, o escritor dedica-se à literatura como a um sacerdócio. A literatura seria sua religião mais cara, se de fato lhe revelasse a verdade. Daí a enxergá-lo como profeta é um passo. Isso sem contar a simpatia despertada por sua situação pessoal precária. Note-se, porém, que Kafka fala de uma *expedição* à verdade, não de uma *revelação*. Uma expedição é uma viagem, uma aventura, e só se vive uma verdadeira aventura quando não se pode prever o final. Para

abandonar o mito, é preciso compreender o compromisso com a verdade do ponto de vista ético, não religioso. Os resultados das expedições nunca são conclusivos. Mas o rigoroso relato do percurso é a prova da dedicação e da fidelidade ao compromisso assumido. A literatura é, assim, seu instrumento de busca da verdade, ao encontro da qual não é necessário ir com a alma pura dos crentes inocentes. Também não é preciso deixar ao cinismo o papel principal. Parece haver em Kafka, como nos grandes autores, um compromisso com a sinceridade. A tortura ou o transe da criação podem, sim, se associar antes ao rigor do que à mística. Essa reivindicação, contudo, no fundo também obedece a imperativos associados a uma visão específica da arte, entendida aqui mais como construção e cálculo do que como magia e inspiração. Reclama-se um escritor consciente de sua proposta literária, antes que um “médium” da expressão de forças superiores.

Entretanto, a preferência parece tender ao místico. Com a popularização de sua recepção, Franz Kafka passa a habitar uma outra dimensão, e se transforma em um personagem da mitologia moderna, cujos círculos inevitavelmente se misturam à mitologia dos tempos imemoriais. E faz pouco mais de oitenta anos que veio a falecer. Morria quando nossos pais ou avós nasciam, há duas gerações apenas. Como esse intervalo é relativamente pequeno, ainda é possível testar, com base em documentação histórica, a verdade de alguns relatos biográficos.¹⁴ Mas a própria disputa pela verdade biográfica tende a confirmar o mito. Algumas correções não perturbam a imagem geral, pelo contrário. A voracidade do mito traga qualquer migalha de veracidade histórica.

Creio que o que acontece com a recepção de Kafka no Brasil repete em escala doméstica, ressaltado o atraso, o movimento internacional de sua popularização. De início, sua leitura é privilégio de pequenos círculos, mas logo suas produções vêm a ser difundidas para todos os estratos sociais. *A transformação*

14. Cf., por exemplo, Anthony Northey, “Myths and Realities in Kafka Biography”. In: *The Cambridge Companion to Kafka*, op. cit.

é sua obra mais divulgada, porta de entrada de sua recepção, como observado. Sua primeira tradução brasileira, de Brenno Silveira, data de 1956, e foi feita a partir do inglês. É só a partir dos anos 1960 que o autor passa a ser popularizado, já então como clássico. Em muito concorre para sua popularização a história do homem que se transforma em um inseto. Na época de sua primeira publicação em livro, em 1916, Kafka instou para que o inseto de modo algum fosse sugerido na capa. Logo na primeira edição brasileira, contudo, já aparecem justapostos, de costas um para o outro, os perfis de um homem e de uma barata, esta mais detalhada que aquele. A tônica no inseto descortina uma estratégia de difusão que potencializa em demasia certos apelos popularescos da história original, e tende a preservar o mito. *A transformação* é normalmente divulgada como clássico da literatura moderna ou universal. Só por isso já deveria ser lida. Mas a presença do homem-inseto é um incentivo a mais, considerada a curiosidade que o fantástico e o sobrenatural em geral despertam no público. Em nome desse apelo é que se coloca a *transformação* do homem em primeiro plano, quando na verdade a narrativa trata é das transformações de seu entorno em face de uma situação totalmente inesperada. Todas as nuances possíveis decorrentes desse evento inicial são exploradas. *A transformação* desperta reações em cadeia, e são essas reações que a narrativa de Kafka acompanha. Daí, na verdade pouco importa o inseto, basta frisar sua inadequação e a repulsa que ele provoca. Se em lugar do inseto houver uma massa amorfa e gosmenta, nada muda, a não ser a forma de suas pegadas.

HUMOR EM «A TRANSFORMAÇÃO»

Por isso a sugestão de deslocar o foco. Trocar a *metamorfose* pela *transformação*. As reações ao asco são mais interessantes que o objeto asqueroso. Aí é que está o humor, um humor não autorizado pelo horror da situação descrita e que entretanto comparece como possível matriz do modo de narração. O distanciamento

narrativo é máximo, mesmo que tenhamos acesso direto aos pensamentos das personagens. O narrador é onisciente e não se compromete. Mantém a objetividade ainda que o evento narrado seja o maior dos absurdos. Faz questão de chamar a atenção para detalhes periféricos das situações principais, e tais detalhes acabam sendo reveladores das reais motivações das personagens. Ora, o absurdo, o inesperado, o grotesco, o ínfimo que se revela fundamental, essas ocorrências são comuns ao reino do cômico, isso sem falar que o distanciamento é a condição da comédia, pois são poucos os que acham graça quando são os objetos de derisão. Não admira pois que, conforme reza a lenda, Kafka tenha chegado às gargalhadas ao ler a narrativa em primeira mão para os amigos. Acredito que falte uma pitada maior desse humor nas edições e traduções brasileiras, o qual todavia está presente nas ilustrações do pintor Walter Levy para a primeira edição brasileira de 1956. Esse veio interpretativo ficou meio esquecido nas várias edições posteriores. A tônica foi mais para o horror ou para o trágico, que fazem justiça à obra, mas não a esgotam.

Constata-se, por mais incrível que pareça, apesar de toda a avalanche interpretativa a que o autor esteve e continua sujeito, a existência de espaços ainda a explorar, afora a necessidade de revisão de algumas ideias prontas herdadas de recepções passadas. O maior desafio da crítica kafkiana talvez seja escapar aos mitos e às múltiplas interpretações preestabelecidas de sua obra. De qualquer modo, todo clássico acaba se impondo por si só quando nos dispomos à sua leitura. Uma nova tradução é só mais uma proposta de interpretação, sempre possível porque o contexto de recepção nunca é estável. O clássico atravessa as gerações, tendo sempre o que dizer a cada uma delas. Há portanto sempre uma oportunidade de renovação a comprovar o seu vigor atemporal.

A transformação



I

Certa manhã, ao despertar de um sonho inquieto, Gregor Samsa descobriu-se em sua cama transformado num insuportável inseto. Deitado de costas, duras como um casco, ele viu, ao erguer um pouco a cabeça, sua barriga arredondada, pardacenta, repartida por pregas arqueadas, do alto da qual a coberta, já quase toda caída, escorregava. Diante de seus olhos moviam-se desesperadas suas várias pernas, ridiculamente finas em comparação com suas proporções de antes.

“O que aconteceu comigo?”, pensou. Não era um sonho. Seu quarto, abrigo humano e normal em tudo, só um tanto quanto pequeno, jazia em silêncio entre as quatro paredes velhas conhecidas. Acima da mesa, onde se espalhavam pacotes desembulhados de amostras de tecidos — Samsa era caixeiro-viajante —, pendia a ilustração que ele recortara há pouco tempo de uma revista e havia encaixilhado numa moldura linda, dourada. Era o retrato de uma dona elegante, sentada, aprumada, ornamentada com um barrete e uma estola de peles, que elevava na direção do observador um pesado regalo também de pele, no interior do qual quase todo o seu antebraço desaparecia.

O olhar de Gregor voltou-se então para a janela, e o tempo fechado — ouviam-se gotas de chuva batendo no peitoril de metal — deixou-o bastante melancólico. “Como seria bom dormir um pouco mais e esquecer essas maluquices”, pensou, mas isso era inexequível, pois estava acostumado a dormir do lado direito, e no seu estado atual não conseguia ficar nessa posição. Por mais força que fizesse ao se projetar para a direita, acabava sempre mandado de volta à posição inicial, de costas. Já havia tentado

umas cem vezes, fechava os olhos para não ter que ver a movimentação das pernas, e só parou quando começou a sentir na lateral do corpo uma ligeira dor, surda, nunca antes sentida.

“Deus do céu”, pensou, “que profissão mais desgastante eu fui escolher! É viajar todo santo dia. A tensão desse comércio é de fato muito maior do que o trabalho na loja, e além disso a mim me toca ainda esse tormento das viagens, a preocupação com as conexões dos trens, a comida péssima, sem hora certa, o contato humano sempre alternado, nunca permanente, nunca chegando a ser afetuoso. Que isso tudo vá pro inferno!” Sentiu uma cocoirinha na parte de cima, na barriga; empurrou as costas devagar para junto da armação da cama, a fim de poder erguer melhor a cabeça; divisou a região que coçava, coberta de minúsculos pontinhos brancos pronunciados, não chegou a atinar o que fossem; e quis cutucar o local com uma perna, mas retirou-a na mesma hora, pois ao contato foi acometido por um calafrio.

Deslizou de volta à sua posição anterior. “Esse negócio de acordar tão cedo”, pensou, “deixa a pessoa apalermada. Um homem deve ter direito a suas horas de sono. Os outros vendedores levam vida de princesa. Quando, por exemplo, eu volto para a hospedaria no meio da manhã, e vou passar a limpo os pedidos, só então esses cidadãos se sentam para tomar o café. Vou eu tentar a mesma coisa com o chefe que eu tenho; iria parar no olho da rua. Aliás, vai saber se isso não seria mesmo o melhor para mim. Se eu, por causa dos meus pais, não estivesse de mãos atadas, já tinha pedido as contas há muito tempo, teria parado bem na frente do chefe e dito o que penso com absoluta franqueza. Era capaz dele cair da mesa! Essa é outra mania esquisita do chefe, sentar na mesa e falar com os funcionários olhando de cima, sem contar que, por causa de sua audição sofrível, a gente precisa chegar bem pertinho. Mas não perdi de todo as esperanças; assim que juntar o dinheiro e saldar a dívida que os meus pais têm com ele — o que deve durar ainda uns cinco ou seis anos —, adoto a medida sem falta. Então as amarras serão todas rompidas. Por enquanto, todavia, eu tenho de me levantar, porque o meu trem parte às cinco.”

E olhou de lado na direção do despertador, que fazia tique-taque em cima do guarda-roupa. “Minha Nossa Senhora!”, pensou. Eram seis e meia, e os ponteiros seguiam mansos adiante, era até mais tarde, já estava perto de quinze para as sete. Será que o despertador não tinha tocado? Via-se da cama que ele havia sido ajustado direitinho para as quatro; na certa, pois, tocara. É, mas seria possível manter um sono tranquilo com esse barulho que chegava a estremecer os móveis? Bem, tranquilo é que não fora o seu sono, entretanto, talvez por conta disso mesmo, teria sido mais profundo. Mas o que devia fazer agora? O próximo trem partia às sete; para alcançá-lo, teria de se apressar feito um louco, e as amostras ainda não estavam na mala, e ele próprio não se sentia inteiramente descansado e disposto. E depois, se o alcançasse, não havia mais como evitar um acesso furioso do chefe, pois o menino da loja teria aguardado o trem das cinco e há muito já transmitira o informe de sua falta. Esse era uma cria do chefe, sem fibra e sem discernimento. Não poderia avisar que estava doente? Isso, porém, seria demasiado constrangedor e suspeito, pois Gregor, durante os seus cinco anos de serviço, não ficara doente nem uma vez sequer. Na certa o chefe viria com o médico da previdência, repreenderia os pais por causa do filho preguiçoso e rejeitaria qualquer objeção com base no palpite do médico, que era da opinião de que a boa saúde nunca faltava aos homens, faltava era a disposição para o trabalho. E, a propósito, nesse caso estaria ele tão errado assim? Na verdade, descontada uma certa sonolência realmente superficial, devida ao longo período de sono, Gregor se sentia muito bem e até estava com uma fome um pouco além do comum.

Enquanto refletia aos atropelos sobre tudo isso, sem encontrar coragem para deixar a cama — o despertador marcava exatamente quinze para as sete —, foram ouvidas leves batidas na porta ao lado da cabeceira. “Gregor”, chamavam — era a mãe —, “já são quinze pras sete. Você não ia viajar?” Que voz mais doce! Ao responder, Gregor se assustou com a sua própria, que era nitidamente a mesma voz, porém agora, como se vindo do fundo,

mesclava-se a ela um guincho aflitivo, impossível de reprimir, que só num primeiro momento deixava as palavras soarem inteligíveis, para corrompê-las em seguida com seu eco por trás de cada emissão, de uma tal maneira que a pessoa não sabia se tinha escutado direito. Gregor teve vontade de responder em detalhes e explicar tudo, entretanto, dadas as circunstâncias, limitou-se a dizer: “É, ia; obrigado, mãe; já vou levantar”. Na certa por causa da madeira da porta, a alteração na voz de Gregor não foi notada do lado de fora, pois a mãe se satisfez com a explicação e se afastou arrastando as chinelas. Contudo, a pequena troca de palavras alertou os outros membros da família para o fato de que Gregor, contrariando o previsto, ainda estava em casa, e logo o pai batia em uma das portas laterais, sem força, mas com o punho. “Gregor, Gregor”, chamou, “o que houve?” E depois de um breve intervalo voltou a exortar, engrossando a voz: “Gregor! Gregor!”. Na outra porta lateral, por sua vez, a irmã chamou baixinho, num tom queixoso: “Gregor? Está se sentindo bem? Precisa de alguma coisa?”. Gregor respondeu para ambos os lados: “Já estou indo”, e esforçou-se para que não reparassem em sua voz, pronunciando as palavras com o máximo de cuidado e intercalando longas pausas de uma emissão a outra. Também o pai deu meia volta e retornou ao seu café da manhã, a irmã entretanto sussurrou: “Gregor, abra, eu insisto”. Mas Gregor não pensava de forma alguma em abrir, pelo contrário, louvava a precaução adquirida com as viagens, e até em casa mantinha todas as portas trancadas durante a noite.

Agora o que queria era levantar-se com calma e sem ser incomodado, vestir-se e, acima de tudo, tomar o café da manhã, para só então refletir sobre o restante, pois ele via muito bem que ali deitado não conseguiria conduzir seus pensamentos a nenhuma conclusão satisfatória. Lembrou-se de já ter sentido várias vezes na cama uma certa dor leve, provável resultado do sono em posição desajeitada, que logo em seguida, ao se levantar, revelava-se pura imaginação, e estava curioso para ver como aos poucos se dissipariam suas impressões do dia. Que a alteração na voz nada

mais fosse do que o sintoma de um belo resfriado, doença típica da sua profissão, disso não tinha a menor dúvida.

Afastar a coberta foi muito fácil; bastou a ele inflar-se um pouco que ela caiu por si só. Mas a partir daí ficou difícil, principalmente por causa de sua largura tão excepcional. Ele teria necessitado de braços e mãos para se pôr de pé; em vez disso, porém, tinha apenas as várias perninhas que se movimentavam sem trégua para todos os lados, e que além do mais ele não conseguia dominar. Queria fazer uma delas dobrar, e essa era a primeira a ficar esticada; conseguia afinal realizar o que queria com essa, e já todas as outras, nesse meio tempo, trabalhavam por conta própria, numa agitação maior e mais aflitiva ainda. “Não vai ficar estendido aí como um inútil”, Gregor disse a si mesmo.

Primeiro quis deixar a cama com a parte de baixo de seu corpo, mas essa parte, que aliás ele ainda não vira e da qual também não conseguia fazer uma ideia muito precisa, mostrou-se muito difícil de mover; avançava tão devagar; e quando ele afinal, numa fúria quase animal, projetou-se para frente com todas as forças, sem prestar atenção, calculou a direção, bateu contra a armação dos pés da cama, e a dor lancinante que sentiu o ensinou que justo a parte de baixo de seu corpo talvez fosse no momento a mais sensível.

Em vista disso procurou sair primeiro com a parte de cima, e virou a cabeça com cuidado para a beira da cama. Pareceu fácil e, apesar da largura e do peso, seu corpanzil acabou por acompanhar aos poucos a movimentação da cabeça. Porém, quando a sustentou fora da cama, em pleno ar, ficou com medo de continuar avançando dessa maneira, porque, se no fim ele se deixasse cair assim, seria um verdadeiro milagre que sua cabeça não saísse seriamente machucada. E ele não podia de modo algum se arriscar a perder os sentidos agora; preferia permanecer na cama.

Mas quando, bufando com a repetição do esforço, voltou à mesma posição de antes, e tornou a enxergar suas perninhas em luta umas contra as outras, ainda mais agitadas, se isso era possível, e não viu nenhuma chance de acalmar e organizar aquela

anarquia, repetiu consigo mesmo que era inadmissível continuar deitado e que o mais lógico seria sacrificar tudo, ainda que fosse ínfima a esperança de que assim conseguisse sair da cama. Ao mesmo tempo, porém, não se esquecia de lembrar que naquela situação uma reflexão calma, a mais calma, seria muito melhor do que resoluções desesperadas. Nesses momentos buscava com os olhos a janela, aguçando ao máximo o olhar, mas infelizmente muito pouca confiança e inspiração havia a extrair da visão da neblina matutina, que ocultava até o lado oposto da rua estreita. “Sete horas já”, ele disse ao ouvir o clique do despertador, “sete horas já, e ainda uma neblina dessas.” E durante alguns instantes permaneceu deitado quieto, quase sem respirar, como se esperasse da quietude total o retorno das condições normais de realidade.

Mas depois falou para si mesmo: “Antes das sete e quinze, é indispensável que eu tenha deixado a cama de uma vez. Aliás, até lá terá vindo alguém da loja perguntar por mim, porque ela abre antes das sete”. E decidiu então sair da cama com o corpo todo, movendo-o em toda a sua extensão num balanço calculado e uniforme. Se chegasse a cair da cama dessa forma, era de supor que conservaria ilesa a cabeça, que pretendia manter firmemente ereta durante a queda. As costas pareciam duras; na certa nada sofreriam no choque com o tapete. O maior receio lhe vinha da atenção que o alto estrondo despertaria e das preocupações, quando não do susto, que deveria causar atrás de todas as portas. Mas era preciso correr o risco.

Quando já estava suspenso pela metade para fora da cama — o novo método era mais uma diversão que um esforço, ele só precisava de pequenos arrancos ao balançar —, ocorreu-lhe como seria simples se alguém viesse em seu auxílio. Duas pessoas fortes — pensava em seu pai e na empregada — seriam mais do que suficientes; bastava-lhes enfiar os braços por baixo de suas costas redondas, removê-lo da cama nessa posição, inclinar-se com a carga e então apenas assisti-lo com cautela para que completasse o giro no chão, onde enfim as perninhas oxalá iriam adquirir algum sentido. No entanto, descontado o fato de que as portas

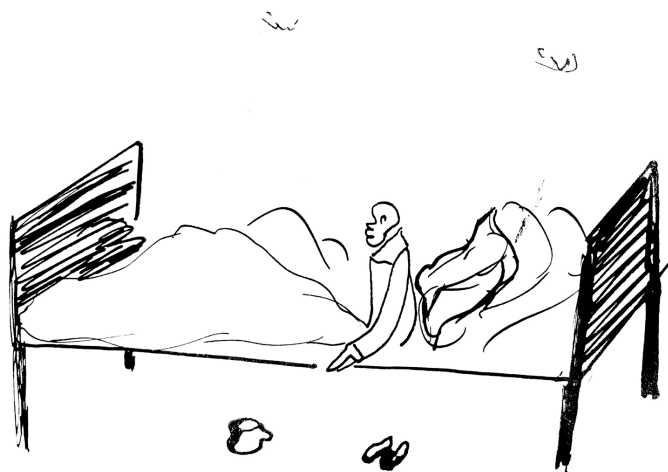
estavam trancadas, ele deveria mesmo pedir ajuda? Apesar de toda a aflição, não pôde deixar de sorrir a esse pensamento.

Tanto já se deslocara que a um balanço mais forte mal poderia manter o equilíbrio, e em muito pouco tempo teria de se decidir de uma vez, pois dali a cinco minutos seriam sete e quinze — quando a campainha do apartamento tocou. “É alguém da loja”, falou para si e quase congelou, enquanto suas perninhas em resposta dançavam ainda mais depressa. Por um momento tudo continuou quieto. “Não vão abrir”, disse, agarrando-se a alguma esperança absurda. Mas então, como sempre, naturalmente, a empregada dirigiu-se com o passo firme até a porta e a abriu. Gregor só precisou ouvir a primeira palavra do cumprimento da visita e já soube quem era — nada menos que o gerente. Por que será que Gregor estava condenado a ser empregado numa firma onde a menor falta era vista com a maior das desconfianças? Todos os funcionários eram, portanto, sem exceção, uns mandriões, não havia entre eles uma só pessoa dedicada e fiel, que, se por acaso apenas umas poucas horas da manhã não havia utilizado em prol da loja, estaria se moendo de remorsos e definitivamente sem condições de deixar a cama? Já não seria suficiente mandar um aprendiz pedir informações — se é que um tal interrogatório fosse mesmo necessário —, precisava vir o gerente em pessoa, e precisava com isso ser mostrado a todos os familiares inocentes que a investigação desse caso suspeito só podia ser confiada ao juízo do gerente? E mais por causa da irritação a que fora levado através desses pensamentos do que em decorrência de uma decisão tomada, lançou-se com todas as forças para fora da cama. Houve um barulho alto de pancada, mas de fato um estrondo é que não foi. O tapete amorteceu um pouco a queda, e também as costas tinham mais elasticidade do que Gregor supunha, daí o som abafado, que nem chamava a atenção tanto assim. Só não erguera a cabeça com o cuidado necessário, e por isso a contundira; girou-a e, cheio de raiva e dor, esfregou-a no tapete.

“Alguma coisa caiu lá dentro”, disse o gerente no cômodo da esquerda. Gregor procurou imaginar se ao menos uma vez

não poderia se passar com o gerente algo semelhante ao que lhe acontecera hoje; a possibilidade não deveria de modo algum ser descartada. Porém, como se fosse uma resposta seca a essa hipótese, o gerente deu alguns passos firmes e ouviu-se o rangido de suas botas de verniz. No quarto da direita, a irmã sussurrou para adverti-lo: “Gregor, o gerente está aí”. “Já sei”, disse Gregor de si para si; mas erguer a voz a uma altura tal que pudesse ser ouvida pela irmã, isso ele não arriscou.

“Gregor”, agora falava o pai, do cômodo à esquerda, “o senhor gerente veio até aqui e quer saber por que você não partiu com o primeiro trem. Nós não sabemos o que dizer a ele. E ele também quer falar com você em particular. Então faça o favor de abrir a porta. Ele terá a bondade de desculpar a desarrumação do quarto.” “Bom dia, senhor Samsa”, intrometeu-se o gerente, chamando com voz amigável. “Ele não está bem”, a mãe disse ao gerente, enquanto o pai ainda discursava para a porta, “ele não está bem, acredite, senhor gerente. Se não, como Gregor iria perder um trem! O rapaz não tem mais nada na cabeça a não ser a loja. Eu até fico irritada, porque ele nunca sai à noite; agora mesmo, ele esteve oito dias seguidos na cidade, mas ficou em casa todas as noites. Ele senta à mesa com a gente, e fica quieto lendo o jornal ou estudando o horário dos trens. Já é uma grande distração quando se ocupa com algum trabalho de marcenaria. Agora mesmo, por exemplo, em duas ou três noites ele acabou de entalhar uma pequena moldura; o senhor vai ficar admirado de ver como ela ficou bonita; está pendurada lá dentro, no quarto; o senhor vai ver, assim que Gregor abrir. Eu, aliás, fico contente que o senhor esteja aqui, senhor gerente; só a gente não seria capaz de fazer o Gregor abrir a porta; ele é tão teimoso; e com certeza não está nada bem, apesar de ter dito o contrário hoje de manhã.” “Já vai”, disse Gregor, calculadamente lento, e não se mexeu, para não perder nenhuma palavra da conversa. “De outro modo, prezada senhora, eu também não saberia explicar”, disse o gerente, “tomara que não seja nada sério. Embora, por outro lado, eu seja também obrigado a dizer que nós, homens de negócios — feliz



ou infelizmente, como queira —, muitas vezes, em atenção às obrigações comerciais, devemos simplesmente ignorar qualquer indisposição passageira.” “Então, o senhor gerente já pode entrar?”, perguntou o pai com impaciência, e voltou a bater na porta. “Não”, disse Gregor. No cômodo da esquerda sobreveio um silêncio perturbador, no quarto da direita, a irmã começou a soluçar.

Por que será que a irmã não ia se juntar aos outros? Na certa só agora ela havia saído da cama e ainda não se vestira. E por que chorava? Por que ele não se levantava e não deixava o gerente entrar, por que se arriscava a perder o emprego e por que desse jeito o chefe voltaria a perseguir os pais com as antigas cobranças? Por enquanto, porém, essas eram preocupações de todo desnecessárias. Gregor ainda estava presente e não tinha a menor intenção de abandonar sua família. É certo que no momento ele continuava lá, estendido no tapete, e ninguém que tivesse conhecimento de sua situação iria lhe pedir a sério que deixasse o gerente entrar. Contudo, por causa dessa pequena descortesia, para a qual mais tarde seria fácil achar uma desculpa aceitável, Gregor não poderia ser mandado embora assim, sumariamente. E lhe parecia muito mais lógico deixá-lo em paz neste momento, em vez de perturbá-lo com choros e exortações. Mas era sem dúvida a incerteza que afligia os outros e lhes desculpava o comportamento.

“Senhor Samsa”, chamou então o gerente, em voz alta, “o que se passa? O senhor fica entrincheirado aí em seu quarto, responde apenas com monossílabos, deixa, sem necessidade, seus pais gravemente preocupados e — isso seja dito só de passagem — falta às suas obrigações comerciais de uma maneira realmente nunca vista. Eu falo aqui em nome de seus pais e do seu chefe e lhe solicito, com toda a seriedade, o favor de uma explicação clara e imediata. Estou atônito, estupefato. Eu acreditava conhecê-lo como um homem pacato, ajuizado, e agora o senhor de repente dá mostras de querer começar a exhibir tais caprichos. É verdade que o chefe hoje de manhã me insinuou uma possível explicação para a sua negligência — dizia respeito à cobrança recentemente confiada ao senhor —, mas eu interpus a bem da verdade quase a

minha palavra de honra, dizendo que essa explicação não tinha cabimento. Agora, contudo, que vejo sua obstinação incompreensível, perco por completo a vontade de intervir o mínimo que seja a seu favor. E sua posição não é em absoluto das mais garantidas. Eu tinha a princípio a intenção de lhe dizer isso tudo em particular, porém, já que o senhor me faz vir aqui desperdiçar inutilmente o meu tempo, não sei por que também os seus pais não devam ouvir. Seus resultados nos últimos tempos, aliás, não foram muito satisfatórios; claro que esta não é a época do ano em que se fecham grandes negócios, nós reconhecemos; mas uma época do ano em que não se fecha negócio algum, isso terminantemente não existe, senhor Samsa, não pode existir.”

“Mas, senhor gerente”, Gregor gritou fora de si, esquecendo tudo o mais no alvoroço, “eu abro agora mesmo, num instante. Um pequeno mal-estar, uma tontura, impediu que eu me levantasse. Ainda estou aqui deitado. Mas já me sinto mais disposto. Acabo mesmo de me levantar da cama. Só um minutinho de paciência! Ainda não estou tão bem como pensava. Mas já me sinto melhor. Como um homem pode ser pego assim de surpresa! Ainda ontem à noite estava tudo bem comigo, meus pais são testemunha, ou melhor, já ontem à noite eu tive um leve pressentimento. Deviam ter reparado em mim. Por que não mandei logo avisar na loja?! Mas a gente sempre pensa que vai vencer a doença sem precisar ficar em casa. Senhor gerente! Poupe os meus pais! Todas as acusações que o senhor me faz agora, elas não têm fundamento; também não me disseram uma palavra a esse respeito. Talvez o senhor não tenha tomado conhecimento dos últimos pedidos que eu despachei. A propósito, ainda saio para viajar com o trem das oito, essas poucas horas de descanso me fortaleceram. Não é preciso se demorar mais, senhor gerente; agora mesmo eu vou para a loja, e o senhor tenha a bondade de transmitir esse recado e apresentar os meus cumprimentos ao senhor chefe.”

E enquanto Gregor despejava tudo isso às pressas, mal sabendo o que dizia, havia se aproximado do guarda-roupa com facilidade, graças à prática adquirida antes na cama, e procurava

se levantar apoiado nele. Queria muito abrir a porta, queria de fato mostrar-se e falar com o gerente; estava ansioso para saber o que iriam dizer quando o vissem, eles que agora tanto reclamavam sua presença. Se tomassem um susto, Gregor não precisava justificar mais nada, e podia ficar descansado. E se aceitassem tudo com calma, então também não havia motivo para se preocupar, e ele poderia, se se apressasse, estar de fato às oito horas na estação ferroviária. No começo ele escorregou algumas vezes no guarda-roupa liso, mas ao final deu um último arranco e conseguiu se erguer; já não prestava atenção à dor na parte de baixo de seu corpo, por mais que ardesse. Deixou-se depois cair em direção ao encosto de uma cadeira próxima, a cujas bordas se agarrou com suas perninhas. Só aí voltou a recuperar o domínio sobre si mesmo e emudeceu, pois agora precisava ouvir o gerente.

“Os senhores entenderam uma única palavra?”, perguntou o gerente aos pais, “não estará ele nos pregando uma peça?” “Meu Deus do céu”, exclamou a mãe já começando a chorar, “ele pode estar muito doente, e nós aqui o atormentando. Grete! Grete!”, gritou então. “Mamãe?”, respondeu a irmã do outro lado. Elas se comunicavam através do quarto de Gregor. “Você tem que chamar o médico agora mesmo. Gregor está doente. Corre até o médico. Você ouviu como ele falou?” “Era uma voz de animal”, disse o gerente num tom estranhamente baixo, em contraste com os gritos da mãe. “Anna! Anna!”, chamou o pai batendo palmas da antessala para a cozinha, “vai já buscar um chaveiro!” Logo as duas moças atravessavam a antessala correndo num frufu de saias — como é que a irmã havia se vestido tão rápido? — e abriam precipitadas a porta do apartamento. Não se ouviu a porta bater de volta; decerto a tinham deixado aberta, como é de costume nas casas onde aconteceu uma grande desgraça.

Gregor, porém, ficou bem mais tranquilo. É fato que suas palavras já não eram compreendidas, embora tenham lhe parecido claras, mais claras até do que antes, talvez porque seu ouvido logo se ajustara a elas. Mas, ainda assim, agora já sabiam que nem tudo estava em ordem com ele, e se dispunham a ajudá-lo.

Fizeram-lhe bem a confiança e a firmeza com que as primeiras providências foram tomadas. Ele se sentiu de novo integrado ao círculo humano e esperava de ambos, médico e chaveiro, sem distingui-los com muita precisão, realizações grandiosas e surpreendentes. A fim de participar das discussões decisivas que estavam por vir com a voz o mais clara possível, tossiu limpando a garganta, todavia se esforçou para abafar o ruído, que provavelmente também teria um som distinto da tosse humana, algo que ele mesmo já não tinha competência para discernir. No cômodo do lado, nesse meio tempo, fez-se completo silêncio. Talvez os pais tenham ido se sentar à mesa com o gerente, e cochichavam, talvez estivessem todos pregados à porta, na escuta.

Gregor moveu-se até lá empurrando a cadeira devagar, depois soltou-a, jogou-se contra a porta, segurou-se a ela mantendo-se na vertical — as pontas de suas perninhas tinham uma espécie de grude — e descansou ali um instante do esforço realizado. A seguir, contudo, foi tentar girar com a boca a chave na fechadura. Era de lamentar que não tivesse uns dentinhos de verdade — com o que mais iria se agarrar à chave? —, mas em compensação as mandíbulas eram muito fortes, com certeza; com a ajuda delas de fato conseguiu movimentar a chave e nem reparou que assim fatalmente infligia a si mesmo algum ferimento, dado que um líquido marrom saía-lhe da boca, escorria pela chave e pingava no chão. “Prestem atenção”, disse o gerente no cômodo ao lado, “ele está virando a chave.” Para Gregor, esse foi um grande incentivo; mas todos deveriam apoiá-lo, inclusive o pai e a mãe: “Ânimo, Gregor”, deveriam gritar, “não desiste, dá duro na fechadura!” Então, imaginando que todos acompanhavam seus esforços com interesse, aferrou-se à chave sem pensar em mais nada, reunindo todas as forças que podia. Bailava em torno da fechadura conforme o avanço da volta da chave; acabou segurando-se na vertical apenas com a boca, e de acordo com a necessidade pendurava-se na chave ou a forçava mais uma vez para baixo com todo o peso do seu corpo. O claro estalo da fechadura que enfim destravava tirou-o do transe. Tomando fôlego, ele disse: “Pois

então, nem precisei do chaveiro”, e deitou a cabeça na maçaneta, para abrir de par em par as folhas da porta.

Como só podia abri-las puxando daquela maneira, uma delas já estava praticamente toda aberta e ele mesmo ainda não podia ser visto. Devia primeiro contornar devagar essa folha, e sempre com muita cautela, se não quisesse fazer o papelão de cair de costas bem na entrada do quarto. Estava ainda ocupado com essa difícil operação e não tinha tempo para prestar atenção em outra coisa, quando ouviu o gerente soltar um sonoro “Oh!” — soava como o sopro do vento — e então Gregor o enxergou também, viu como ele, que era o que estava mais próximo da porta, comprimia com a mão a boca aberta e retrocedia aos poucos, parecia puxado por uma força de atração contínua, invisível. A mãe — que apesar da presença do gerente apresentava-se com os cabelos ainda soltos, desgrehados pela noite de sono — juntou as mãos e olhou primeiro para o pai, depois deu dois passos na direção de Gregor e despencou no meio do círculo formado por suas saias esparramadas, o rosto encoberto pendendo contra o peito. O pai cerrou o punho com uma expressão ameaçadora, como se quisesse forçar Gregor a voltar para dentro do quarto, então olhou a sala em torno de si, indeciso, cobriu os olhos com as mãos e caiu num choro que chegou a sacudir seu peito forte.

Gregor contudo não havia nem saído do quarto, ainda se esticava de dentro na direção da folha que permanecia trancada, de modo que se avistavam apenas metade de seu corpo e acima, inclinada para o lado, a cabeça com a qual olhava de soslaio para os outros. Havia clareado bastante nesse meio tempo; no outro lado da rua projetava-se nítido um recorte do imenso edifício da frente, cinza escuro — era um hospital —, com suas janelas rigorosamente simétricas rasgando a fachada; a chuva ainda caía, mas eram apenas gotas grossas, esparsas, e que assim espaçadas atingiam o solo num ritmo regular. A louça do café espalhava-se em grande número sobre a mesa, pois para o pai o café da manhã era a refeição mais importante do dia, e ele a prolongava horas a fio com a leitura de diferentes jornais. Na parede oposta pendia

uma fotografia de Gregor da época do exército, posando como tenente, as mãos na espada, sorrindo despreocupado, invocando respeito por sua postura e sua farda. A porta da antessala estava aberta e, como a porta da frente também continuava aberta, era possível enxergar na parte de fora o corredor e o começo das escadas que conduziam para baixo.

“Bem”, disse Gregor, com a plena consciência de que era o único que havia mantido a calma, “agora mesmo vou me vestir, empacotar as amostras e partir. Vocês vão querer, por favor, me deixar partir? Como vê, senhor gerente, não estou sendo teimoso e trabalho com vontade; as viagens são incômodas, mas eu não poderia viver sem viajar. Para onde está indo, senhor gerente? Para a loja? É? O senhor vai reportar tudo direitinho? Uma pessoa pode estar num momento incapacitada para o trabalho, mas essa é exatamente a hora certa de recordar suas realizações passadas e de pensar que depois, afastado o impedimento, com certeza ela virá a trabalhar até mesmo com mais aplicação e concentração do que antes. O senhor sabe muito bem o tanto que eu devo ao chefe. E ainda tenho de cuidar dos meus pais e da minha irmã. Estou na penúria, mas com o trabalho vou conseguir dar a volta por cima. Não torne as coisas mais difíceis do que já são para mim. Tome o meu partido na loja! Eu sei que ninguém gosta do caixeiro-viajante. Pensam que ele ganha rios de dinheiro e além disso leva uma vida folgada. Ninguém nem mesmo toma a iniciativa de discutir mais a fundo esse preconceito. Mas o senhor, senhor gerente, tem uma visão geral da situação melhor que a dos outros empregados, até mesmo, seja dito em absoluto segredo, melhor que a do próprio chefe, que em sua posição de patrão às vezes se deixa levar por juízos equivocados, prejudicando um funcionário. O senhor também sabe muito bem que o caixeiro-viajante, que passa quase o ano inteiro fora da loja, torna-se facilmente vítima de intrigas, maledicências e queixas infundadas, das quais é impossível que se defenda, porque na maioria das vezes ele nem chega a tomar conhecimento delas e é só quando volta para casa, esgotado após outra viagem, que

vem a receber de corpo presente suas graves consequências, cujas causas originais não tem mais como descobrir. Senhor gerente, não vá embora sem me dizer uma palavra demonstrando que ao menos em parte o senhor me dá alguma razão!”

Mas o gerente, logo às primeiras palavras, já havia lhe dado as costas e, com um esgar de lábios, só ousava olhar em sua direção por cima dos ombros trêmulos. E durante o discurso de Gregor não permaneceu parado um segundo sequer, ao contrário, sem perdê-lo de vista, retrocedeu em direção à porta, porém muito devagar, como se houvesse uma lei misteriosa que o proibisse de deixar a sala. Aos poucos chegou à antessala e, a julgar pelo movimento repentino com que retirou o pé no último passo para fora da sala, era possível acreditar que tivesse pisado em brasas. Já na antessala ele esticava a mão direita cada vez mais na direção da escada, como se lá o aguardasse uma salvação decididamente extraterrena.

Gregor sabia que em hipótese alguma devia deixar o gerente partir naquele estado de espírito, se não quisesse que sua posição na loja ficasse comprometida. Os pais não entendiam direito o que acontecia; ao longo dos anos, haviam formado a convicção de que Gregor estava garantido na loja até o fim da vida, e agora, ainda por cima, com a urgência da situação, tinham tanto a fazer que uma conjectura dessas lhes passava despercebida. Mas a Gregor não passava. Era preciso reter o gerente, apaziguá-lo, persuadi-lo e por fim convencê-lo; o futuro de Gregor e de sua família dependia muito disso! Quem dera a irmã estivesse aqui! Ela era inteligente; chorou por antecipação quando Gregor ainda estava só deitado quieto, virado de costas. E na certa o gerente, esse conquistador, iria se deixar levar por ela; que fecharia a porta do apartamento e ali mesmo na antessala o acalmaria. Mas a irmã nem ao menos estava lá, Gregor mesmo devia cuidar do assunto. E sem pensar que nada sabia de sua real capacidade de se movimentar, sem pensar também que era possível, ou melhor, muito provável que seu discurso mais uma vez não houvesse sido compreendido, ele largou a folha da porta e se lançou pela abertura; queria correr para junto do gerente que, de um modo

patético, já se agarrava com ambas as mãos ao corrimão do corredor; porém, no instante seguinte, procurando algum apoio, Gregor deu um gritinho e caiu por cima de suas perninhas. Mal isso aconteceu, ele experimentou, pela primeira vez naquela manhã, algum conforto físico; as perninhas encontraram chão firme abaixo de si; e obedeciam de pronto, como ele notou com satisfação; até faziam força para levá-lo aonde quisesse; e ele logo acreditou que era iminente a melhora definitiva de todos aqueles incômodos. Porém, no mesmo momento em que se viu ali no chão, agitado pelo desejo de se movimentar, não muito afastado de sua mãe, justamente à sua frente, ela, que parecia tão recolhida dentro de si mesma, de um pulo se levantou, os braços esticados, apontava com o dedo, gritando: “Socorro, meu Deus do céu, socorro!”, mantinha a cabeça inclinada, como se quisesse observar Gregor com mais atenção, entretanto, num gesto contraditório, recuava sem pensar em mais nada; esquecera que atrás de si a mesa estava posta; quando encostou nela, como que distraída, sentou-se logo sobre o tampo; e pareceu nem reparar que a seu lado, saindo do grande bule que virara, o café derramava em grandes golfadas sobre o tapete.

“Minha mãe”, Gregor disse baixinho, e olhou na direção dela. Por um instante, o gerente foi varrido de seus pensamentos; em contrapartida, ante a visão do café que escorria, não pôde deixar de estalar várias vezes as mandíbulas, com cobiça. Diante disso, a mãe soltou um novo grito, saiu correndo da mesa e caiu nos braços do pai, que veio depressa ao seu encontro. Gregor, contudo, agora não tinha tempo para os pais; o gerente já descia a escada; o queixo na altura do corrimão, ainda voltava o olhar pela última vez. Gregor se preparou para correr, na expectativa de alcançá-lo; o gerente deve ter pressentido alguma coisa, pois de um salto desceu vários degraus e desapareceu; mas ainda soltou um grito, “Ahh!”, que ecoou em toda a escadaria. Por infelicidade, então, parece que a evasão do gerente também deixou o pai, que até aqui havia se comportado de modo relativamente calmo, bastante transtornado, pois, em vez de correr ele mesmo



atrás do homem ou de pelo menos permitir que Gregor saísse em seu encalço, agarrou com a mão direita a bengala do gerente, por este deixada na cadeira, junto com o chapéu e o sobretudo, apanhou com a mão esquerda um grosso jornal de cima da mesa e, com passadas pesadas, sacudindo a bengala e o jornal, pôs-se a tocar Gregor de volta para o quarto. Nenhuma súplica lhe foi de valia, nenhuma súplica sequer fora entendida, Gregor quis baixar a cabeça de modo ainda mais humilde, e o pai só fez bater os pés com mais força ainda. Do lado oposto, a mãe, apesar do tempo frio, havia aberto uma janela e, debruçada o mais para fora possível, apertava o rosto contra as mãos. Da viela, pela escadaria, veio uma forte corrente de ar, as cortinas esvoaçaram, os jornais farfalharam sobre a mesa, algumas folhas voaram e foram parar no chão. Implacável, o pai insistia e passou a silvar como um selvagem. Mas Gregor ainda não tinha a menor prática em andar para trás, e ia realmente muito devagar. Se ao menos pudesse dar meia volta, na mesma hora estaria dentro do quarto, mas ele temia impacientar o pai com uma manobra muito demorada, e a todo instante via-se ameaçado pelo golpe fatal da bengala, desferido em suas costas ou na cabeça. Porém, no fim não restou nenhuma outra alternativa, pois ele notou assustado que, ao andar para trás, nem uma vez sequer conseguira manter a direção; e assim, entre olhadelas furtivas, medrosas e incessantes na direção do pai, começou a se virar, o mais rápido que podia, na verdade, contudo, ainda muitíssimo lento. Talvez o pai tenha notado a sua boa vontade, porque não o atrapalhou nessa hora, pelo contrário, até direcionou a volta aqui e ali, de longe, com a ponta da bengala. Se não fossem aqueles silvos insuportáveis! Por causa deles, Gregor perdia a cabeça. Já havia dado quase toda a volta quando, atordado por aqueles ruídos incessantes, chegou a se enganar e recuou um bom pedaço no sentido contrário. Mas quando afinal, contente, viu-se diante da abertura da porta, percebeu que seu corpo era muito largo para passar por ela sem dificuldades. Ao pai, é lógico, naquele estado de ânimo, não ocorria nem de longe abrir um pouco a outra fo-

lha da porta, de modo a deixar espaço suficiente para a passagem de Gregor. Sua ideia fixa resumia-se a fazê-lo entrar no quarto o mais rápido possível. Jamais toleraria também os preparativos minuciosos de que precisava para se erguer e desse modo tentar passar pela porta. Em vez de ajudar, agora fazendo um barulho infernal, forçava o avanço de Gregor como se não houvesse nenhum obstáculo; soava como se já não fosse mais a voz de um único pai apenas; com efeito, a coisa deixou de ser brincadeira, e Gregor — seja lá o que acontecesse — jogou-se contra a porta. Um dos lados de seu corpo subiu, ele ficou atravessado na abertura, uma parte de suas costas foi toda esfolada, na tinta branca da porta restaram manchas repulsivas, logo se viu prensado e sozinho não teria podido mais se mexer, as perninhas do lado de cima pendiam vibrando no ar, as do outro lado eram dolorosamente pressionadas contra o chão — foi quando o pai, de trás, deu-lhe um empurrão forte, desta vez deveras libertador, e ele, sangrando a valer, entrou voando para dentro do quarto. A porta ainda foi fechada com a bengala e então enfim tudo ficou quieto.

II

Só ao crepúsculo Gregor acordou de seu sono pesado, que mais parecia um desmaio. Com certeza, se não fosse perturbado, também não teria acordado muito mais tarde, pois sentia que já dormira e descansara o suficiente, embora tivesse a impressão de haver sido despertado por alguns passos furtivos e pelo ruído da porta de acesso à antessala, que fora trancada por precaução. A fraca luz das lâmpadas elétricas da rua iluminava palidamente alguns pedaços do teto do quarto e a parte de cima dos móveis, mas Gregor embaixo estava às escuras. Aos poucos, Tateando ainda desajeitado com suas antenas, às quais só agora dava o devido valor, deslocou-se até a porta, para ver o que havia ocorrido. Seu lado esquerdo estava que era uma única cicatriz, comprida, esticada, incômoda, e por isso ele tinha de andar mancando mesmo com suas duas fileiras de pernas. Uma perninha, aliás, saíra seriamente machucada dos incidentes da manhã — era um milagre que apenas uma tivesse se machucado — e pendia inerte, arrastada pelas outras.

Só ao se aproximar da porta é que foi perceber o que o atraía na verdade; era o cheiro de alguma coisa comestível. Com efeito, lá estava uma tigela cheia de leite fresco, no qual algumas migalhas de pão boiavam. Por pouco não riu de tanta alegria, pois continuava com uma fome ainda maior do que estava pela manhã, e na mesma hora mergulhou a cabeça no leite, quase até os olhos. No instante seguinte porém a retirou, desapontado; não apenas comer lhe era dificultoso, por causa do lado esquerdo avariado — e ele só podia comer com a colaboração ofegante de todo o corpo —, mas também acima de tudo não lhe apeteceu em

absoluto o leite, que antes era sua bebida favorita, e na certa por isso a irmã lho trouxera, de modo que ele, meio enojado, deixou de lado a tigela, voltando a se arrastar para o centro do quarto.

Na sala, como Gregor via pelas frinchas da porta, o gás fora aceso, porém, enquanto antigamente a essa hora o pai se dedicava à leitura em voz alta do jornal vespertino, para a mãe e à vezes também para a irmã, agora não se ouvia ruído algum. Pode ser que essa leitura, que a irmã sempre lhe descrevia e comentava nas cartas, tivesse saído da rotina nos últimos tempos. Em todo caso, o silêncio prevalecia, embora com toda a certeza o apartamento não estivesse vazio. “Mas que vida mais tranquila a família leva”, disse Gregor com seus botões e, enquanto olhava fixo a escuridão à sua frente, sentiu um grande orgulho de que pudesse proporcionar a seus pais e a sua irmã uma vida dessas em um apartamento tão bom. Mas e se agora todo o sossego, todo o bem-estar, toda a paz tivessem de chegar a um terrível fim? Para não se perder em tais pensamentos, Gregor preferiu se movimentar, e ficou se arrastando no quarto, de um lado para o outro.

Durante a longa noite, as duas portas laterais, primeiro uma, depois a outra, foram abertas uma frestinha apenas, e fechadas rapidamente em seguida; alguém sem dúvida sentia necessidade de entrar, mas resolvera pensar duas vezes. Gregor se deteve então bem na frente da porta da sala, determinado a trazer a indecisa visita para dentro de alguma maneira, ou pelo menos disposto a descobrir quem era; a porta porém não voltou a ser aberta e ele esperou em vão. De manhã, quando as portas estavam trancadas, todos queriam entrar, agora, depois que ele abrira sozinho uma delas, e as outras ao que tudo indicava teriam sido abertas no decorrer do dia, ninguém mais vinha, mesmo com as chaves do lado de fora.

Só bem tarde da noite é que desligaram a luz da sala, e nesse momento foi fácil comprovar que os pais e a irmã haviam ficado acordados até aquela hora, pois dava para ouvir direitinho como todos os três se afastavam na ponta dos pés. Na certa até amanhã ninguém mais viria à procura de Gregor; ele tinha assim bastante

tempo para refletir, sem ser incomodado, sobre o modo como devia reorganizar sua vida a partir de agora. Contudo, o quarto alto e despojado, no qual era forçado a permanecer deitado contra o rés do chão, angustiava-o, e ele não conseguia descobrir por que, uma vez que era o mesmo quarto que habitava havia já cinco anos — então, com uma meia volta quase involuntária, e não sem certa vergonha, correu para debaixo do canapé, onde se sentiu muito bem acomodado, apesar de suas costas meio espremidas e apesar de não poder mais erguer a cabeça, lamentando apenas que seu corpo fosse tão largo que não coubesse inteiro embaixo do móvel.

Ali ele passou toda a noite, uma parte em cochilos dos quais era seguidas vezes despertado de súbito pela fome, uma parte tomado por preocupações e incertas esperanças de que tudo afinal encontraria uma solução, de que o certo seria agir com calma nesse meio tempo e, com paciência e o máximo de respeito aos familiares, tentar tornar suportável o desgosto que ele, em suas atuais circunstâncias, excepcionalmente era obrigado a lhes causar.

Já de manhã bem cedo, madrugadinha ainda, Gregor teve oportunidade de pôr à prova suas ponderadas decisões, pois vindo da antessala a irmã, vestida quase dos pés à cabeça, abriu a porta e examinou o interior do quarto com apreensão. Ela não o descobriu na hora, mas quando o divisou ali embaixo do canapé — Deus do céu, ele tinha de estar em algum lugar, não podia sair voando por aí — levou um susto tão grande que, sem que pudesse se controlar, voltou a fechar a porta no mesmo instante. Porém, parecendo arrependida de sua atitude, tornou a abri-la em seguida e entrou na ponta dos pés, como se ali estivesse alguém muito doente ou fosse um estranho. Gregor estendeu um tantinho a cabeça até a borda do canapé e observou a irmã. Iria ela notar que ele tinha deixado o leite intacto, lógico que de modo algum por falta de apetite, e será que traria uma outra comida que lhe fosse mais adequada? Se ela não tomasse a iniciativa, ele preferia morrer de fome a ter de chamar sua atenção para isso, embora no fundo sentisse uma vontade urgente de deixar o canapé, se atirar aos pés da irmã e pedir a ela algo

de bom para comer. Mas a irmã, surpresa, logo notou a tigela ainda cheia, ao redor da qual havia apenas um pouco de leite derramado, recolheu-a no mesmo instante, claro que não com as mãos nuas, e sim com um pedaço de pano, e a levou para fora. Gregor ficou bastante curioso para saber o que ela traria em troca, e teceu as mais diversas suposições a respeito. Nunca, porém, teria adivinhado o que a irmã, em sua grande bondade, realmente fez. A fim de testar o seu paladar, ela lhe trouxe várias coisas sortidas, que dispôs em uma folha de jornal velho. Havia ali legumes passados já meio apodrecidos; ossos da última ceia recobertos de molho branco ressecado; uma porção de passas e amêndoas; um queijo que há dois dias Gregor julgara intragável; um pedaço de pão duro, uma fatia de pão com manteiga e outra fatia com manteiga e sal. Além disso, à frente de tudo voltou a colocar a tigela, pelo visto destinada de uma vez por todas a ele, agora cheia de água. E por delicadeza, sabendo que Gregor não iria comer diante dela, afastou-se às pressas e chegou a dar a volta na chave, a fim de que ele notasse que poderia se pôr tão à vontade quanto quisesse. As perninhas de Gregor zuniram quando ele partiu na direção da comida. Suas feridas, aliás, já deviam ter sarado de todo, ele não sentia mais nenhum desconforto, o que o deixou pasmo pois lembrou como, mais de um mês atrás, havia feito com a faca um cortinho de nada no dedo, e esse machucado ainda antes de ontem doía um bocado. “Será que minha sensibilidade diminuiu?”, pensou, e sorveu ávido o queijo, que acima de todas as outras comidas o atraía imediata e energicamente. Com rapidez, um após o outro, vertendo lágrimas de contentamento, ele devorou o queijo, os legumes e o molho; os alimentos frescos, ao contrário, não agradavam o seu paladar, ele mal podia suportar-lhes o cheiro, e teve até de afastar para o lado as coisas que queria comer. Já dera cabo de tudo há algum tempo, e continuava largado no mesmo lugar, apenas descansando, quando a irmã, para sinalizar que ele devia retroceder, deu uma volta na chave. Isso o despertou de pronto, quando estava a ponto de cochilar, e ele voltou correndo para debaixo

do canapé. Mas precisou de muito autocontrole para permanecer ali embaixo durante o curto espaço de tempo em que a irmã esteve no quarto, porque, após a lauta refeição, seu corpo ficou mais redondo e ele mal conseguia respirar naquele aperto. Entre breves crises de asfixia, viu com os olhos um pouco saltados a irmã, sem desconfiar de nada, juntar com uma vassoura não apenas as sobras, mas inclusive os alimentos em que ele nem sequer chegara a tocar, como se esses também não pudessem mais ser aproveitados, e a viu ainda despejar tudo depressa em um balde que cobriu com uma tampa de madeira e levou para fora do quarto. Mal ela lhe deu as costas, Gregor avançou logo para fora do canapé e relaxou, voltando a estufar-se.

Dessa maneira recebia doravante Gregor diariamente sua refeição, a primeira vez de manhã, quando os pais e a empregada ainda dormiam, a segunda vez depois que todos almoçavam, pois era o momento em que os dois dormiam de novo ainda um bocadinho, e a empregada saía, encarregada pela irmã de uma incumbência qualquer. Com certeza os pais não queriam que Gregor morresse de fome, porém talvez só suportassem, da experiência de suas refeições, no máximo ouvir dizer que aconteciam, ou quem sabe a irmã quisesse lhes poupar mais uma aflição, ainda que pequena, pois era visto que já sofriam o bastante.

Gregor não chegou a saber com quais desculpas o médico e o chaveiro foram dispensados naquela manhã inicial, porque, como não o compreendiam, ninguém presumia, nem mesmo a irmã, que ele pudesse compreender os outros, e por isso, quando ela estava no quarto, ele era obrigado a se contentar apenas com os suspiros e os lamentos que de vez em quando escutava. Só depois que ela se acostumou um pouco com tudo — uma aceitação completa, claro, não poderia nunca ser cogitada —, é que Gregor chegou a flagrar algumas vezes uma observação mais simpática ou que assim poderia ser entendida. “Acho que hoje estava bom”, ela falava, quando Gregor havia devorado com gosto a refeição, ou, caso contrário, o que gradativamente foi se repetindo com maior frequência, costumava dizer, meio entristecida: “De novo não tocou em nada”.

Mas, conquanto não conseguisse saber de nenhuma novidade diretamente, Gregor captava quase tudo o que vinha dos cômodos adjacentes, e assim que escutava alguma voz corria no ato até a porta respectiva e colava-se a ela com o corpo todo. Sobretudo nos primeiros tempos, não havia uma conversa que, de algum modo, ainda que só às escondidas, não tratasse dele. Dois dias seguidos, durante todas as refeições, só se ouviram deliberações sobre como deviam se comportar daí em diante; mas também entre as refeições falava-se do mesmo assunto, pois havia sempre no mínimo dois membros da família em casa, dado que ninguém queria ficar sozinho ali e não tinham a menor condição de abandonar o apartamento logo de uma vez. Ainda nos primeiros dias — não estava muito claro nem o que nem o quanto ela sabia do incidente — a empregada pediu de joelhos à mãe que a mandasse embora de imediato, e quando, quinze minutos depois, deixava o emprego, agradeceu com lágrimas nos olhos tanto a demissão quanto o imenso favor que nessa hora lhe prestavam, e jurou de pé junto, sem que isso lhe fosse solicitado, não revelar o menor detalhe a ninguém.

Então a irmã se viu também obrigada a ajudar a mãe na cozinha; em todo caso, não era muito o esforço exigido, pois não se comia quase nada. Gregor ouvia vezes seguidas como um deles incentivava em vão o outro a comer, sempre obtendo como única resposta: “Obrigado, estou satisfeito”, ou algo semelhante. Tampouco deviam beber. Em várias ocasiões a irmã perguntava ao pai se ele não queria cerveja, e se punha com alegria à disposição para ela mesma ir buscar ou então, ante o silêncio do pai e para eliminar qualquer suspeita de inconveniência, dizia que podia mandar a zeladora ir no lugar dela, mas daí o pai respondia com um poderoso “Não” final, e não se falava mais no assunto.

Já no decorrer desses primeiros dias o pai expôs a ambas, mãe e irmã, suas reais perspectivas e condições financeiras. Aqui e ali ele deixava a mesa para ir buscar algum comprovante ou alguma caderneta no pequeno e valioso cofre que conseguira salvar da bancarrota de seu negócio, ocorrida há cinco anos. Ouvia-se



ele destravar a complicada fechadura e, depois de retirar o que buscava, voltar a trancá-la. Essas explicações do pai, por um lado, foram as primeiras boas notícias que Gregor chegou a ouvir desde o seu confinamento. Sempre achara que nada havia sobrado para o pai do antigo negócio, pelo menos o pai nunca lhe dissera o contrário, e de qualquer modo Gregor também nunca lhe perguntara nada a respeito. Sua única preocupação na época havia sido fazer de tudo para que a família superasse o mais rápido possível o contratempo comercial, que deixara todos no mais completo desalento. E foi assim que ele começou a trabalhar com uma disposição fora do comum, e passou da noite para o dia de simples balconista a caixeiro-viajante, função que evidentemente lhe abria muitas outras oportunidades de ganho, e cujos ótimos resultados, sob a forma de comissões, rápido se transformaram em dinheiro vivo que podia ser espalhado sobre a mesa em casa, diante da família assombrada e satisfeita. Foram bons tempos aqueles, que depois nunca mais se repetiram, pelo menos não com igual esplendor, apesar de Gregor ter recebido mais tarde ainda muito dinheiro, o que o capacitava a assumir, como assumiu, as despesas de toda a família. Tanto a família quanto Gregor se acostumaram logo a essa situação, eles aceitavam o dinheiro agradecidos, ele o entregava de bom grado, mas não houve mais nenhuma manifestação efusiva. Só a irmã permaneceu próxima a Gregor, ela que diferente dele amava a música e aprendera a tocar violino de um modo enternecedor, e ele planejava em segredo matriculá-la no conservatório no próximo ano, sem ligar para os altos custos que isso devia acarretar, e que seriam compensados de uma ou outra maneira. Várias vezes, nas conversas com a irmã, durante as curtas estadias de Gregor na cidade, o conservatório era mencionado, porém sempre como se fosse apenas um belo sonho, cuja realização era impensável, e os pais não ouviam essas fantasias inocentes com muita satisfação; mas Gregor havia refletido a sério sobre o assunto e pretendia anunciar seus planos oficialmente na noite de Natal.

Esses pensamentos, inúteis na sua situação atual, passavam-lhe pela cabeça enquanto permanecia lá erguido e colado à porta, escutando. Às vezes, devido ao cansaço de todo o corpo, não conseguia mais prestar atenção e deixava sem querer a cabeça bater na porta, mas a endireitava no mesmo instante, pois até o mínimo ruído que dessa forma provocava era ouvido do lado de fora e fazia todos se calarem. “Que será que tanto se mexe”, dizia o pai momentos depois, a voz alta dirigida para a porta, e só aos poucos a conversa interrompida era retomada.

Gregor ficou então cansado de saber — pois o pai fazia questão de repetir sucessivas vezes suas explicações, em parte porque há muito que ele próprio já não se ocupava dessas coisas, em parte também porque a mãe não compreendia tudo logo na primeira vez — que apesar de toda a desgraça ainda tinham disponível uma sobra orçamentária dos velhos tempos, em todo caso bastante pequena, mas que nesse ínterim os juros acumulados haviam feito crescer um pouquinho. Além disso também havia o dinheiro que Gregor todo mês deixava em casa — retirava para si apenas algumas notas —, que não era integralmente gasto e acumulava-se, originando um pequeno capital. Atrás da porta, Gregor balançou a cabeça em sinal de aprovação, contente com essa inesperada prudência e economia. Era bem verdade que, com esse excedente de dinheiro, já poderia ter quitado outras parcelas da dívida que o pai tinha com o chefe, e aquele dia em que poderia enfim se libertar do emprego já estaria mais próximo, porém agora sem dúvida as coisas estavam melhor assim, do jeito que o pai havia organizado.

Contudo, a quantia não era em absoluto suficiente para que se pudesse viver de seus rendimentos; talvez bastasse para manter a família durante um, no máximo dois anos, para mais não dava. Eram portanto apenas economias de que não podiam dispor, e deviam conservar intactas para um caso de maior necessidade; o dinheiro do dia-a-dia teria de ser ganho. Acontece, no entanto, que o pai, embora ainda com saúde, era um homem idoso, que estava há cinco anos totalmente afastado do trabalho e além do

mais já não podia fazer muito esforço; nesses cinco anos, que foram as primeiras férias de sua vida diligente porém malsucedida, ele engordara muito e por causa disso havia ficado mole e pesado. E devia a velha mãe, porventura, ir atrás do dinheiro, ela que sofria de asma e ficava cansada só de andar pelo apartamento e que, dia sim dia não, passava deitada no sofá, de janelas abertas, com crises respiratórias? Ou iria conseguir dinheiro a irmã, ainda uma criança com seus dezessete anos e que até o momento tivera uma vida invejável, nada mais que cuidar de se vestir, dormir até tarde, ajudar um pouco na casa, uma ou outra atividade de lazer modesta e tocar violino acima de tudo? Sempre que a conversa chegava na necessidade de ganhar dinheiro, Gregor primeiro se soltava e em seguida se jogava sobre o frio sofá de couro encostado ao lado da porta, pois ficava inflamado diante de tanta humilhação e infortúnio.

Era frequente ele passar a noite inteira ali em cima, sem dormir um só minuto, horas seguidas apenas arranhando o couro. Salvo quando se dispunha a encarar o grande esforço de empurrar uma cadeira até a janela, depois subir rastejando até alcançar o parapeito e, apoiado na cadeira, inclinar-se para frente, óbvio que apenas como uma espécie de recordação da sensação de liberdade que antes tinha ao olhar pela janela. Pois era patente que dia após dia via cada vez com menos nitidez as coisas que estavam afastadas de si; não avistava mais o hospital do outro lado, cuja visão cotidiana obrigatória ele antes amaldiçoava, e, se não tivesse certeza absoluta de que morava na travessa Charlotte, uma viela tranquila, não obstante sua total urbanidade, seria capaz de acreditar que sua janela dava para um deserto no qual o cinza do céu e o cinza da terra se juntavam e eram indistinguíveis. Bastou à atenciosa irmã ver em duas ocasiões a cadeira encostada na janela para que todas as vezes, depois de arrumar o quarto, voltasse a colocá-la no mesmo lugar, e a partir de então até a folha interna da janela era deixada aberta.

Se Gregor pudesse falar com a irmã, e agradecê-la por tudo que estava obrigada a fazer por ele, aceitaria os favores com mais

facilidade; assim, porém, ele sofria. A irmã decerto procurava disfarçar ao máximo o que havia de penoso em tudo aquilo e, é claro, quanto mais o tempo passava, tanto melhor ela o conseguia, entretanto, com o passar do tempo também Gregor veio a perceber as coisas com maior exatidão. A entrada dela já lhe parecia horrível. Mal havia entrado, sem sequer parar para fechar a porta, ela que antes tanto se esforçava para esconder de todos a visão de Gregor, disparava até a janela e a escancarava com as mãos apressadas, como se estivesse sufocando, e ficava ali parada um instante, retomando o fôlego, mesmo quando o frio era intenso. A correria e o barulho assustavam Gregor duas vezes por dia; todos esses momentos passava tremendo embaixo do canapé e todavia sabia muito bem que ela com certeza o dispensaria de tal, se ao menos lhe fosse possível permanecer com as janelas fechadas num quarto por ele ocupado.

Uma ocasião, passado já todo um mês desde a transformação, não havendo mais nenhuma razão especial para a irmã se admirar com a aparência de Gregor, ela veio um pouco antes do que costumava e o flagrou quando ele ainda olhava pela janela, imóvel e dessa forma numa situação propensa a provocar um susto. Se ela não entrasse, não teria sido uma atitude inesperada para Gregor, uma vez que em sua posição ele a impedia de abrir de imediato a janela, mas ela não apenas não entrou, como chegou a retroceder e a trancar a porta; uma pessoa estranha teria o direito de pensar que ele estava lá à espreita com a intenção de mordê-la. Gregor, logicamente, foi logo se esconder embaixo do canapé, porém teve de esperar até o meio-dia para que a irmã voltasse, e ela pareceu muito mais desconfiada do que antes. Ele percebeu então que sua visão ainda era insuportável para ela, e seguiria sendo insuportável no futuro, e que ela devia se superar para não sair correndo ao avistar ainda que apenas uma ínfima parte de seu corpo de sob o canapé. A fim de preservá-la inclusive dessa mínima visão, ele um dia carregou o lençol nas costas até o canapé — precisou de quatro horas para a operação — e o arranjou de um modo tal que todo o seu corpo ficaria encoberto, e a irmã, ainda que se

abaixasse, não conseguiria vê-lo. Se em sua opinião o lençol não fosse necessário, então ela mesma poderia retirá-lo, pois estava claro o bastante que não era nada do agrado dele isolar-se assim tão completamente, porém ela deixou o lençol do jeito que estava, e Gregor chegou a crer que divisara um olhar de agradecimento quando uma vez cauteloso ergueu um pouquinho o pano com a cabeça, para verificar como a irmã havia recebido o novo arranjo.

Nos primeiros quinze dias os pais não conseguiram superar o receio de entrar no quarto dele, e Gregor muitas vezes ouviu como aprovavam sem reservas o trabalho realizado pela irmã, apesar de até então terem vivido meio aborrecidos com ela, que lhes parecia uma menina um tanto quanto inútil. Mas agora os dois, pai e mãe, sempre esperavam diante da porta, enquanto a irmã cuidava da arrumação, e mal ela saía tinha de descrever em detalhes quais eram as condições do quarto, o que Gregor havia comido, como agira dessa vez, e se dava para notar algum sinal de melhora. A mãe, aliás, logo no começo teve vontade de ir vê-lo, mas o pai e a irmã a detiveram, a princípio com argumentos sensatos, aos quais Gregor prestou muita atenção e com os quais estava inteiramente de acordo. Depois, porém, precisaram retê-la à força, e quando enfim ela gritou: “Me deixem entrar, é o coitado do meu filho! Vocês não entendem que eu tenho que ver o meu filho?”, Gregor então pensou que talvez fosse bom se a mãe viesse vê-lo, não todo dia, é lógico, mas podia ser uma vez por semana; ela com certeza compreendia tudo muito melhor do que a irmã, que apesar de todo o seu empenho era ainda só uma criança e em última hipótese devia ter assumido um encargo tão pesado apenas por causa de sua insensatez juvenil.

Não demorou para Gregor satisfazer o seu desejo de ver a mãe. De dia, em atenção aos pais, ele já não queria aparecer à janela, mas também não tinha como rastejar muito nos poucos metros quadrados do chão, era difícil ficar parado durante a noite, a comida logo deixou de lhe proporcionar o menor prazer, e assim, como distração, ele adquiriu o hábito de rastejar de um lado para o outro pelas paredes e pelo forro. Gostava em especial de se

pendurar lá em cima, no teto; era bem diferente de ficar deitado no chão; respirava-se com maior liberdade; uma vibração leve corria pelo corpo; e no abandono quase feliz em que se encontrava lá no alto, podia acontecer de se soltar, surpreendendo a si próprio, e se espatifar no chão. Agora, porém, naturalmente, ele tinha sobre seu corpo um domínio muito maior do que antes, e não se machucava, mesmo caindo de uma altura dessas. A irmã percebeu de imediato o novo divertimento que Gregor havia descoberto — ele deixava um rastro de grude aqui e ali —, e aí lhe veio à cabeça dar a ele o máximo de espaço para rastejar, removendo os móveis que o atrapalhavam, ou seja, principalmente o guarda-roupa e a escrivaninha. Ocorre que não seria capaz de fazer tudo isso sozinha; não ousava pedir a colaboração do pai; a empregada com toda a certeza não a ajudaria pois, para uma moçinha de mais ou menos dezesseis anos, esta até que resistia com bravura desde a dispensa da antiga cozinheira, contudo havia solicitado permissão para manter a cozinha o tempo todo trancada, e só ser obrigada a abrir em caso de extrema necessidade; assim só restou à irmã como opção ir atrás da mãe, em uma das ausências do pai. A mãe a seguiu com arroubos de uma alegria incontida, mas ficou muda diante da porta. Lógico que a irmã conferiu primeiro, para ver se estava tudo em ordem no quarto; só depois é que a mãe pôde entrar. Gregor na pressa havia puxado o lençol mais para baixo, deixando-o mais amarrotado, o conjunto dava mesmo a impressão de um lençol atirado ao acaso sobre o canapé. Gregor também, nessa ocasião, absteve-se de erguer o pano para espiar; renunciava a ver a mãe logo dessa vez, e contentava-se só por ela estar ali de verdade. “Pode vir, ele não está à vista”, disse a irmã, ao que tudo indica puxando a mãe pela mão. Gregor ouviu então como as duas mulheres magras empurraram o guarda-roupa, todavia pesado, de seu lugar, e como a irmã insistiu em tomar para si a maior parte da tarefa, sem dar ouvidos às advertências da mãe, receosa de que a filha se cansasse demais. Demorava muito. Após uns bons quinze minutos, a mãe disse que o melhor seria deixar o móvel ali mesmo,

em primeiro lugar porque ele era muito pesado, não conseguiriam terminar antes da chegada do pai e com o guarda-roupa no meio do quarto iriam bloquear toda a passagem a Gregor, em segundo lugar, porém, porque não havia certeza de que a retirada dos móveis fosse do agrado dele. A ela lhe parecia o inverso; a visão das paredes vazias era de oprimir o coração; e por que Gregor não teria a mesma sensação, ele que já estava há tanto tempo acostumado com os móveis e por isso se sentiria abandonado no quarto vazio? “E não será o caso”, concluiu a mãe bem baixinho, já quase num sussurro, como se quisesse impedir que Gregor, cujo esconderijo exato ela desconhecia, ouvisse sequer o rumor de sua voz, pois que ele não compreendia as palavras, disso estava convencida, “e não será o caso, ao retirar os móveis, de demonstrar com isso que renunciamos a qualquer esperança de recuperação e o deixamos, sem a menor consideração, entregue à própria sorte? Eu penso que seria melhor tentar manter o quarto do jeitinho que estava antes, para que Gregor, quando voltar de novo para a gente, encontre tudo inalterado e possa ainda mais rápido esquecer esse intervalo de tempo.”

Ao escutar essas palavras da mãe, Gregor admitiu que a privação total, nesses últimos dois meses, de qualquer conversação humana direta, associada ao convívio regular no seio da família, devia ter perturbado seu juízo, pois de outro modo não saberia explicar como pôde sinceramente desejar que seu quarto fosse esvaziado. Tinha de fato vontade de que esse quarto aconchegante, com seus móveis antigos dispostos de forma tão cômoda, fosse transformado numa toca onde ele poderia rastejar livre e despreocupado em todas as direções, todavia sob o risco do esquecimento paralelo, rápido e rasteiro, de seu passado humano? Já estava aliás bem próximo desse esquecimento, e só mesmo a voz da mãe, que há muito não ouvia, para alertá-lo. Nada tinha de ser removido; tudo deveria ficar como estava; ele não podia dispensar as influências benéficas dos móveis sobre sua condição; e se estes o impediam de praticar o seu rastejar absurdo, isso não era uma perda, e sim uma grande vantagem.

Infelizmente, porém, a irmã era de outra opinião; ela se acostumara, a propósito não sem um certo direito, a se contrapor aos pais nas discussões que tinham Gregor como tema, comportando-se como uma especialista no assunto, e assim naquela hora o conselho da mãe foi motivo suficiente para que insistisse, não só na remoção do guarda-roupa e da escrivaninha, como a princípio pensara, mas também na retirada de todo o mobiliário, com exceção do canapé, indispensável. O que a aferrava a essa exigência era, claro, não apenas uma teimosia infantil e a autoconfiança tão inesperada, adquirida a duras penas nos últimos tempos; ela com efeito também observara que Gregor precisava de bastante espaço para rastejar, ao passo que dos móveis, pelo contrário, tanto quanto se podia ver, não aproveitava quase nada. Contudo, talvez colaborasse para sua atitude o espírito entusiástico das jovens de sua idade, que não perde ocasião de se manifestar e com o qual Grete era no momento instigada a querer tornar ainda mais assustadora a situação de Gregor, para que então pudesse realizar por ele mais do que fizera até agora. Pois em um local no qual apenas Gregor imperasse entre as paredes vazias, é seguro que ninguém, a não ser Grete, jamais se atreveria a entrar.

E assim ela não se deixou dissuadir de sua decisão pela mãe que, presa de pura inquietação, se sentindo muito insegura dentro do quarto, logo se calou e ajudou a irmã, na medida de suas forças, a levar o guarda-roupa para fora. Ora, em último caso Gregor ainda podia dispensar este móvel, mas a escrivaninha, esta tinha que ficar. E as mulheres mal haviam deixado o quarto com o guarda-roupa, contra o qual se espremiavam, gemendo, quando Gregor projetou a cabeça por baixo do canapé, para ver como daria para interferir com prudência e o máximo de delicadeza possível. Mas, por infelicidade, foi bem a mãe quem retornou primeiro, enquanto Grete no cômodo ao lado se atracava ao guarda-roupa e tentava balançá-lo de um lado para o outro, é lógico que sem conseguir tirá-lo do lugar. A mãe, porém, não estava habituada à aparência de Gregor, poderia ter um ataque, e por isso espavorido ele retrocedeu depressa até o



fundo do canapé, entretanto não pôde mais evitar que o lençol se movimentasse um pouco na parte da frente. Foi o suficiente para chamar a atenção da mãe. Ela estacou, ficou um instante imobilizada e então voltou para junto de Grete.

Apesar de Gregor repetir consigo mesmo, sucessivamente, que nada de excepcional acontecia, era tão-só a mudança de uns poucos móveis, esse vai e vem das mulheres, as breves exortações entre elas, os riscos dos móveis no assoalho, isso tudo o atingia, ele logo teve de reconhecer, como se fosse um grande tumulto, com ruídos vindo de todos os lados, e mesmo mantendo cabeça e pernas encolhidas e o corpo colado ao chão, ele se via forçado a admitir que logo não suportaria mais aquilo. Estavam esvaziando seu quarto; retiravam tudo o que tinha de mais caro; o guarda-roupa, onde guardava o arco de serra e as outras ferramentas, elas já haviam levado; agora soltavam a escrivaninha que fora bem fixada no chão, e na qual ele escrevera suas lições no tempo da escola de comércio, do colégio e até mesmo do primário — de modo que não sobrava muito tempo para que avaliasse quão boas eram as intenções das duas mulheres, de cuja real existência aliás ele já havia quase se esquecido, pois, de exaustas, elas agora trabalhavam mudas, e ouviam-se apenas as passadas pesadas de seus pés.

E assim, pois — na hora em que as mulheres, já no cômodo ao lado, apoiavam-se à escrivaninha, procurando retomar o fôlego —, ele avançou para fora, mudou de posição quatro vezes, calculando a direção da corrida, sem saber ao certo o que salvar primeiro, quando notou, em destaque na parede já de todo nua, o quadro pendurado da dona vestida puramente de peles, ras-tejou rápido até lá e apertou-se contra o vidro, que o prendeu e refrescou o calor de sua barriga. Pelo menos esse quadro, que agora Gregor cobria por completo, com certeza ninguém levaria mais embora. Ele girou a cabeça na direção da porta da sala, para prestar atenção nas mulheres, que retornavam.

Elas não haviam se permitido muito tempo de descanso e logo estavam de volta; Grete vinha com o braço ao redor da mãe e como que a arrastava. “E agora, o que levamos?”, disse e olhou ao

seu redor. Foi então que se cruzaram, seu olhar com o de Gregor na parede. Por certo só em razão da presença materna é que ela conservou a calma, abaixou o rosto para junto da mãe, na tentativa de impedi-la de olhar à sua volta, e falou, não obstante trêmula e irrefletidamente: “Vamos voltar, não é melhor a gente descansar mais um tempinho na sala?”. Para Gregor, a intenção de Grete era clara, ela queria garantir a segurança da mãe para depois vir varrê-lo da parede. Pois ela que experimentasse! Ele estava unido ao seu quadro e não o entregaria. Preferia pular na cara dela.

Mas as palavras de Grete a rigor só conseguiram sobressaltar a mãe, que deu um passo para o lado, avistou a monstruosa mancha marrom sobre as flores do papel de parede, gritou, com uma voz gutural e aflita, antes mesmo de tomar consciência de que aquilo que via era Gregor: “Meu Deus, meu Deus!”, e caiu por cima do canapé, com os braços estendidos, como se largasse mão de tudo, e não voltou a se mexer. “Você, hein, Gregor!”, bradou a irmã de punho erguido e com o olhar severo. Eram as primeiras palavras diretas que lhe dirigia desde a transformação. Ela correu para o cômodo ao lado, em busca de alguma essência com que pudesse despertar a mãe desfalecida; Gregor também queria ajudar — a defesa do quadro podia ser adiada —, mas estava tão grudado ao vidro que precisou usar da força para se soltar; em seguida correu também até o aposento vizinho, acreditando poder dar à irmã algum conselho, como nos velhos tempos; não conseguiu fazer nada, porém, além de ficar imóvel atrás dela; enquanto ainda remexia em diferentes frasquinhos, ela se virou e tomou um baita susto; um vidro caiu no chão e se espatifou; um caco feriu Gregor no rosto, uma substância corrosiva escorreu sobre ele; Grete, sem mais perda de tempo, simplesmente pegou tantos frascos quanto podia carregar e disparou com eles para junto da mãe; ao sair bateu a porta com o pé. Gregor foi assim isolado da mãe, que por culpa dele talvez estivesse a ponto de morrer; a porta ele não devia abrir, se não quisesse espantar a irmã, que precisava ficar ao lado da mãe; não tinha no momento nada a fazer, a não ser esperar; então, presa de remorsos e preocupação, ele começou a

rastejar, passando por cima de tudo, paredes, móveis, teto, e por fim, em seu desespero, logo que todo o aposento começou a girar em torno de si, caiu bem no centro, em cima da mesa grande.

Um breve intervalo de tempo transcorreu, Gregor continuava ali deitado, prostrado, ao redor o silêncio, talvez isso fosse um bom sinal. Então a campainha tocou. A mocinha, logicamente, estava trancada na cozinha e por isso Grete teve de ir abrir. O pai estava de volta. “O que aconteceu?”, foram suas primeiras palavras; a expressão da filha por certo lhe revelara tudo. Grete respondeu com a voz abafada, o rosto apertado contra o peito do pai: “Mamãe teve um desmaio, mas já está melhor. Gregor escapuliu”. “Eu já esperava por isso”, disse o pai, “era o que eu sempre dizia, mas vocês mulheres não quiseram me dar ouvidos.” Para Gregor ficou nítido que o pai entendera mal o relato demasiado conciso de Grete e supunha que ele tivesse cometido alguma brutalidade. Por isso devia agora tentar apaziguá-lo, pois para esclarecer as coisas não havia tempo, tampouco possibilidade. De modo que se afastou até a porta do seu quarto e ficou bem junto dela, para que o pai, assim que entrasse pela antessala, pudesse ver que ele tinha toda a intenção de regressar imediatamente aos seus aposentos, e que não seria preciso tocá-lo de volta, pelo contrário, bastava apenas abrir a porta e na mesma hora ele desapareceria.

Mas o pai não estava em condições de perceber tais sutilezas; “Arrá!”, ele gritou logo ao entrar, em um tom que parecia ao mesmo tempo satisfeito e ameaçador. Gregor tirou a cabeça da porta e a suspendeu na direção do pai. Na verdade nunca havia imaginado o pai assim, como se apresentava agora; além disso, nos últimos tempos, por conta da empolgação com o rastejar, deixara de se preocupar como antes com os acontecimentos no resto do apartamento, e portanto deveria estar pronto para encontrar muita coisa mudada. Apesar disso, apesar de tudo, ainda era o pai? O mesmo homem que antigamente, nas manhãs em que Gregor saía para uma viagem de negócios, permanecia enterrado na cama, esgotado; que nas noites de regresso o recebia no cadeirão, de pijama; incapaz de se erguer direito, podendo

apenas levantar os braços como sinal de alegria, e que nos raros passeios da família, em um ou outro domingo do ano e nas datas mais importantes, entre Gregor e a mãe, que em atenção a ele andavam devagar, caminhava sempre um pouco mais devagar ainda, embrulhado em seu sobretudo gasto, avançando a custo com a maior atenção ao apoiar a bengala, e quando queria falar quase sempre se detinha e obrigava os outros a se reunir a seu redor? Agora, porém, ele estava mesmo bem empertigado; metido em um uniforme muito justo, azul com botões dourados, igual ao usado pelos contínuos dos bancos; sobre o alto colarinho engomado do casaco desdobrava-se sua papada dupla; sob as sobranceiras espessas afluía o brilho radiante e atento dos olhos escuros; o cabelo branco, outrora todo espetado, fora emplastrado e repartido rigorosamente ao meio em um penteado meticuloso e lúcido. O quepe, no qual despontava um monograma dourado, decerto de uma casa bancária, ele jogou em cima do canapé, num lançamento em curva que cruzou todo o cômodo, depois marchou em direção a Gregor com a cara amarrada, as abas do casaco do uniforme postas para trás, as mãos nos bolsos da calça. Ele próprio não sabia direito como proceder; ainda assim, erguia os pés a uma altura fora do comum, e Gregor se espantou com as proporções colossais do solado de suas botas. Claro que não ficaria apenas nisso, sempre soube, desde o primeiro dia de sua nova vida, que o pai, para lidar com ele, só considerava apropriado o máximo de rigor. Então saiu da sua frente correndo, estacando quando o pai ficava parado e voltando a se apressar mal o pai se mexia. Desse modo deram mais de uma vez a volta pelo cômodo, sem que algo de decisivo acontecesse, inclusive sem que, no geral, em consequência do lento andamento, houvesse a aparência de uma perseguição. Em vista disso, Gregor por enquanto também se mantinha no chão, tanto mais temendo que o pai pudesse tomar uma fuga pelas paredes ou pelo teto como uma provocação maldosa. Contudo, foi obrigado a reconhecer que não suportaria essas corridinhas por muito mais tempo, porque, enquanto o pai dava um passo, ele

tinha de realizar um sem-número de movimentos. A dificuldade de respirar logo começou a aparecer, visto que, como nos velhos tempos, também não dispunha agora de pulmões dignos de confiança. Por isso, ao se balançar para os lados, a fim de reunir todas as forças para a corrida, nem abria os olhos; em sua obtusidade, não conseguia pensar em outra solução a não ser correr; e quase já havia esquecido que podia contar com as paredes, as quais, todavia, eram aqui obstruídas por móveis finamente talhados, cheios de pontas e quinas — foi quando passou raspando ao lado dele alguma coisa que, arremessada sem força, caiu e rolou à sua frente. Era uma maçã; logo uma segunda voou em sua direção; Gregor ficou paralisado de medo; uma nova corrida era inútil, pois o pai estava determinado a um bombardeio. Tinha enchido os bolsos na fruteira do aparador e, sem caprichar na pontaria por enquanto, atirava, maçã atrás de maçã. As pequenas frutas vermelhas rolavam pelo chão, pareciam imantadas, e batiam umas contra as outras. Uma maçã lançada de mansinho atingiu Gregor de leve, mas ricocheteou sem maiores danos. A que veio voando logo em seguida, ao contrário, penetrou firme em suas costas; Gregor quis ainda se arrastar como se a dor extraordinariamente incrível fosse passar com a mudança de posição; porém ele se sentia como se estivesse pregado e desmoronou, em completo colapso de todos os sentidos. Só num último relance ainda pôde ver como a porta de seu quarto se escancarou e a mãe, à frente da irmã que gritava, entrou depressa, sem o vestido, pois a irmã a despira após o desmaio para permitir-lhe uma respiração mais livre, como em seguida a mãe correu ao encontro do pai e suas anáguas desapertadas escorregaram uma após a outra até o chão, e como ela, tropeçando nas vestes caídas, atirando-se sobre o pai e o abraçando, em completa conjunção com ele — mas nessa hora a visão de Gregor já vacilava —, cruzando as mãos em torno de seu pescoço, pediu clemência pela vida de Gregor.

III

O ferimento sério, com o qual padeceu mais de um mês — a maçã continuou, uma vez que ninguém se atreveu a retirar, enfiada na carne, como uma recordação exposta —, pareceu fazer até mesmo o pai se lembrar de que Gregor, apesar de suas feições asquerosas e deprimentes, era um membro da família, e não merecia ser tratado que nem um inimigo, pelo contrário, no seu caso a lei das obrigações familiares mandava engolir a repulsa e tolerar, nada além de tolerar.

E se então, devido ao ferimento, Gregor também havia perdido certa mobilidade, talvez para sempre, e necessitava no momento, como um veterano mutilado, de longos e longos minutos para cruzar seu quarto — rastejar no alto, nem pensar —, agora, em troca desse sensível declínio em suas condições, recebia uma compensação em sua opinião bastante satisfatória, dado que à noitinha a porta da sala, que uma ou duas horas antes ele já tratava de observar com atenção, era em geral aberta para que, deitado no escuro do seu quarto, não visível da sala, ele pudesse ver a família reunida na mesa iluminada e escutar suas conversas, de certo modo com o consentimento de todos, e portanto bem diferente de antes.

Decerto não eram mais aquelas reuniões calorosas dos velhos tempos, que nos minúsculos quartos de hotel Gregor imaginara, nunca sem uma ponta de inveja, quando, exausto, era obrigado a se enfiar nos lençóis gelados.

Tudo agora transcorria quase sempre na maior monotonia. Depois do jantar o pai logo pegava no sono em sua cadeira; a mãe e a irmã recomendavam silêncio uma à outra; a mãe, bastante curvada embaixo da luz, costurava fina roupa branca para uma loja de confecções; a irmã, que arranjava um emprego

de vendedora, aprendia taquigrafia e francês à noite, para quem sabe mais tarde obter um cargo melhor. Às vezes o pai despertava e, sem nem se dar conta de que estivera dormindo, dizia para a mãe: “Mas que tanto você fica aí só costurando!”, e voltava a adormecer no instante seguinte, enquanto mãe e irmã trocavam entre si um sorriso fatigado.

Com uma birra particular, o pai nem em casa aceitava tirar seu uniforme de serviço; e enquanto o pijama pendia inútil no cabide ele cochilava no seu canto completamente vestido, como se estivesse sempre a postos para o trabalho e mesmo aqui esperasse pelas ordens do supervisor. Em consequência disso, o uniforme, que já não era novo no começo, não parava limpo, apesar de todo o cuidado da mãe e da irmã, e Gregor olhava várias vezes a noite inteira para aquela roupa vistosa, com seus botões dourados superlustrados, e a cada dia mais cheia de nódoas, com a qual o velho no maior desconforto dormia, entretanto, bem tranqüilo.

Na hora em que o relógio chegava às dez, a mãe, fingindo bronquear, chamava o pai e em seguida tentava persuadi-lo a ir para a cama, pois ali não era lugar de dormir e uma boa noite de sono seria imprescindível para ele, que devia se apresentar às seis da manhã em seu emprego. Mas, com a teima que tinha desde que estava empregado, o pai sempre insistia em permanecer à mesa, embora invariavelmente adormecesse, e então, além de tudo, era a maior mão-de-obra induzi-lo a trocar a cadeira pela cama. Por mais que a mãe e a irmã o animassem com breves incentivos, ele ficava uns quinze minutos balançando devagar a cabeça, mantinha os olhos fechados, e não se levantava. A mãe o puxava pela manga, sussurrava palavras ternas ao pé do seu ouvido, a irmã deixava as lições para ajudá-la, mas com o pai isso de nada valia. Ele só afundava ainda mais na cadeira. Apenas quando as mulheres o tomavam pelos braços é que ele entreabria os olhos, olhava alternado para a mãe e para a irmã, fazendo questão de dizer: “Isto é que é vida. Este é o sossego da minha velhice”. E apoiado nas duas se levantava, com muita dificuldade, como se fosse ele mesmo o que mais lhe pesava, deixava-se conduzir

pelas mulheres até a porta, lá as dispensava e prosseguia então sozinho, enquanto a mãe largava às pressas o estojo de costura, a irmã a pena, para irem correndo atrás dele e continuar ajudando.

Nessa família esfalfada e moída pelo trabalho, quem teria tempo para se ocupar com Gregor além do estritamente necessário? O orçamento doméstico era cada vez mais apertado; a empregada já fora inclusive dispensada; uma faxineira enorme e robusta, com uma cabeleira branca esvoaçando pela cabeça, vinha agora pela manhã e no final da tarde para dar conta do serviço pesado; o restante sobrava para a mãe, junto com suas muitas obrigações de costura. Até aconteceu de diversas joias da família, que no passado a mãe e a irmã chegaram a ostentar radiantes em recepções e cerimônias, terem de ser vendidas, como Gregor veio a saber à noite pela falação geral em torno do montante obtido. A maior reclamação, porém, era sempre a de que não podiam abandonar aquele apartamento, grande demais nas atuais circunstâncias, por não saberem como incluir Gregor na mudança. Mas Gregor percebia muito bem que não era apenas a preocupação com ele que impedia uma mudança, pois seria simples transportá-lo em uma caixa apropriada, com alguns furos para a entrada de ar; o que realmente refreava a troca de apartamento era muito mais a total falta de esperanças da família e o pensamento de que uma desgraça tal os fustigava, como nunca a ninguém em todo o seu círculo de parentes e conhecidos. O que o mundo demandava aos pobres, eles ofereciam ao máximo, o pai ia buscar café para os funcionários do baixo escalão do banco, a mãe se sacrificava pela roupa íntima de pessoas estranhas, a irmã corria de um lado para o outro do balcão atrás das exigências dos fregueses, mas as forças da família já estavam no limite. E a ferida aberta nas costas voltava a doer em Gregor como na primeira vez, quando a mãe e a irmã, depois de colocarem o pai na cama, regressavam, deixavam a ocupação de lado, aproximavam-se uma da outra e sentavam-se já de rosto colado; quando a mãe, apontando para o quarto de Gregor, dizia: “Fecha aquela porta, Grete”, e quando enfim Gregor voltava à escuridão,

enquanto do outro lado as mulheres misturavam suas lágrimas ou então, sem lacrimejar, contemplavam a mesa desconsoladas.

Gregor desperdiçava as noites e os dias e já quase não dormia. Algumas vezes pensava em retomar as rédeas dos assuntos da família, igualzinho como antes, na próxima vez que a porta fosse aberta; em seus pensamentos voltavam a aparecer, depois de muito tempo, o chefe e o gerente, os balconistas e os aprendizes, o imbecil do menino de recados, dois ou três colegas de outras lojas, uma camareira de um hotel no interior, lembrança querida e fugaz, uma atendente de caixa de uma loja de chapéus, a quem cortejara a sério porém de modo muito tímido — todos eles apareciam misturados com pessoas estranhas ou já esquecidas, só que não serviam de ajuda a ele e à sua família, ao contrário, eram indistintamente inapeláveis, e Gregor ficava contente quando desapareciam. Mas daí não tinha mais nenhuma gana de se preocupar com a família, sobrevinha apenas a raiva pelo desleixo e, apesar de não poder imaginar nada que atiçasse o seu apetite, planejava um modo de alcançar a despensa para retirar de lá ao menos o que lhe era devido, ainda que não estivesse com fome. A irmã agora, de manhã e ao meio-dia, antes de sair correndo para a loja, sem nem cogitar uma forma de fazer um agrado especial a ele, empurrava para dentro do quarto às pressas, com o pé, algum resto de comida qualquer, que à noitinha ela botava para fora com uma vassourada, nem reparando se a comida por acaso havia sido provada ou — caso mais frequente — continuava perfeitamente intacta. A arrumação do quarto, de que ela agora só se ocupava à noite, não poderia ser feita de modo mais rápido. Trilhas de sujeira se estendiam pelas paredes, em toda parte cresciam montinhos de pó e lixo. Nas primeiras vezes, assim que a irmã entrava, Gregor se posicionava de maneira a deixar patente a sua insatisfação. Mas poderia ficar ali parado uma semana, sem que a irmã se emendasse; ela enxergava a imundície tanto quanto ele, porém estava determinada a ignorá-la. Ademais, com uma suscetibilidade há pouco tempo adquirida, que a propósito contaminara toda a família, ela zelava para que a arrumação do



quarto de Gregor ficasse exclusivamente por sua conta. Uma vez a mãe submeteu o quarto a uma faxina geral, tarefa somente possível com o emprego de várias tinas de água — a umidade em excesso, no fim, também fez mal a Gregor e ele foi deitar em cima do canapé, meio grogue, amargurado e incapaz de se mover —, mas o castigo da mãe não tardou a chegar. Pois à noite a irmã, mal notara a mudança no quarto, voltou correndo para a sala, ofendidíssima, e, não obstante o gesto de súplica das mãos erguidas da mãe, irrompeu numa crise de choro que os pais — o pai naturalmente acordou de um pulo de sua cadeira — a princípio observaram aturdidos e sem ação; até que também se condoeram; o pai repreendia a mãe à direita, por não ter deixado à irmã a limpeza do quarto de Gregor; à esquerda, por outro lado, berrava com a irmã, exigindo que ela nunca mais limpasse aquele quarto; enquanto a mãe tentava levar para a cama o pai, que ficara fora de si nesse alvoroço, a irmã, sacudida pelos soluços, martelava a mesa com seus punhos pequenos; e Gregor silvava alto de raiva, porque ninguém havia se lembrado de fechar a porta e poupá-lo da cena e de toda aquela barulheira.

Mas mesmo se a irmã, exaurida por sua atividade profissional, estivesse cheia de cuidar dele como cuidava antes, a mãe não teria de modo algum obrigação de rendê-la e Gregor ainda assim não precisava ficar ao desamparo. Pois agora tinham a faxineira. Essa velha viúva, que em sua longa vida devia ter superado as piores situações com a ajuda de sua notável robustez, não nutria a rigor nenhuma aversão por Gregor. Não sendo de modo algum curiosa, havia uma vez por acaso aberto a porta do quarto dele, que pego de surpresa começou a correr de um lado para outro, embora ninguém o perseguisse, e ao avistá-lo ela continuou de pé onde estava, as mãos cruzadas no peito, admirada. Desde então, não passava um dia sem entreabrir a porta, de manhã e no final da tarde, para espiar Gregor um minutinho. No começo, ela também o chamava com palavras que devia julgar simpáticas, tais como “Vem cá, bichão!” ou “Cadê o velho besourão?!”. Gregor não atendia a esses chamados, ficava mais é quieto no seu canto,

como se a porta nem tivesse sido aberta. Se ao menos fosse ordenado a essa faxineira que, em vez de satisfazer seus caprichos indo perturbá-lo para nada, limpasse seu quarto todos os dias! Certa ocasião, de manhã cedinho — uma chuva pesada golpeava a vidraça, talvez já um sinal anunciando a primavera —, logo que a faxineira veio de novo com aquele jeito de falar, Gregor ficou irritado de tal modo que se virou para ela, é certo que num passo lento e debilitado, como se fosse partir para o ataque. A faxineira, porém, em vez de se intimidar, simplesmente tomou uma cadeira que encontrou ao lado da porta, ergueu-a bem no alto e, do modo como ficou parada lá com a bocona escancarada, era clara sua intenção de só fechá-la quando a cadeira em suas mãos tivesse baixado nas costas dele. “Não vai avançar mais?”, ela perguntou, ao vê-lo retroceder, e pôs de volta tranquila a cadeira em seu lugar.

Gregor já não comia quase nada. Só quando por acaso topava com a comida disponível é que abocanhava de brincadeira uma pequena porção, que mantinha na boca horas a fio e depois cuspiu fora, na maior parte das vezes. A princípio pensou que era a tristeza com o estado de seu quarto que o impedia de comer, mas foi justo com as mudanças do quarto que ele se conformou mais depressa. Coisas que não podiam ser alojadas em outra parte eram jogadas lá dentro, e agora havia muitas dessas coisas, dado que um quarto do apartamento havia sido alugado para três inquilinos. Esses senhores muito sérios — todos os três usavam barba, como Gregor averiguou certa vez por uma fresta da porta — eram cheios de escrúpulos quanto à ordem, não apenas no quarto que ocupavam, mas também, já que agora estavam hospedados ali, em toda a casa, particularmente na cozinha. Não toleravam trastes inúteis, muito menos sujos. Além disso haviam trazido consigo, em grande parte, seus próprios móveis e objetos de decoração. Por esse motivo muitas coisas se tornaram supérfluas, coisas que na verdade não eram vendáveis, mas que também não se queria jogar fora. Todas elas rumaram para o quarto de Gregor. Mesmo destino da caixa de cinzas e do cesto de lixo da cozinha. Bastava que algo não tivesse utilidade

no momento para que a faxineira, sempre com muita pressa, simplesmente o atirasse para dentro do quarto de Gregor; na maioria das vezes, por sorte, Gregor via só o objeto em questão e a mão que o segurava. Pode ser que a faxineira tivesse a intenção, havendo tempo e oportunidade, de pegar as coisas de volta ou então de jogar tudo fora de uma vez, mas na prática elas ficavam por lá, largadas no mesmo local onde haviam sido atiradas, a não ser quando Gregor se retorcia no meio da tralha e começava a deslocá-las, no começo forçado, porque já não sobrava espaço livre para rastejar, mas depois com uma alegria crescente, embora, ao final dessas excursões, morto de cansaço e mágoa, ficasse horas sem poder se movimentar de novo.

Como os inquilinos às vezes jantavam em casa, na sala, que era de uso comum, a porta que dava para lá permanecia fechada algumas noites, mas Gregor abdicava de sua abertura sem dificuldade, já tendo inclusive deixado de aproveitá-la em várias ocasiões em que fora franqueada, preferindo ficar encolhido, sem que a família percebesse, no canto mais escuro do seu quarto. Uma vez, porém, a faxineira deixou essa porta um tanto entreaberta, e assim ela ficou, mesmo quando os inquilinos entraram à noite e a luz foi acesa. Eles foram se sentar à ponta da mesa, onde antigamente o pai, a mãe e Gregor comiam, desdobraram os guardanapos e empunharam garfo e faca. Na mesma hora a mãe apareceu na porta com uma travessa de carne e bem atrás dela a irmã com outra travessa transbordando de batatas. A comida fervia numa nuvem de vapor. Os inquilinos se curvaram sobre as travessas colocadas à sua frente, como se quisessem dar uma conferida antes de comer, e de fato o que estava sentado no meio, e parecia ter mais autoridade que os outros dois, deu um talho na carne ainda na travessa, averiguando de modo ostensivo se estava tenra o suficiente e se não era o caso de devolvê-la à cozinha. Ele ficou satisfeito, e a mãe e a irmã, que observavam apreensivas, puderam suspirar com um sorriso de alívio.

A família mesmo foi comer na cozinha. Apesar disso, antes de ir para lá o pai veio até a sala e, com uma única medida, o

quepe na mão, deu a volta em torno da mesa. Os inquilinos levantaram-se juntos e murmuraram de má vontade qualquer coisa lá com suas barbas. Quando então ficaram a sós, comeram quase que em total silêncio. Gregor achou estranho que, de todos os diversos ruídos que acompanham uma refeição, o mais perceptível fosse o som de dentes mastigando, como se com isso devesse ser mostrado a ele que para comer eram necessários dentes, e que com mandíbulas banguelas, mesmo as mais bonitas, não se obtém sucesso. “Eu tenho sim vontade de comer”, Gregor disse a si mesmo, muito preocupado, “só que não essas coisas. Como comem esses inquilinos, e eu aqui definhando!”

Bem naquela noite — Gregor não se lembrava de tê-lo escutado em todo aquele tempo — veio da cozinha o som do violino. Os inquilinos já haviam terminado sua refeição noturna, o do meio desdobrou um jornal, deu aos outros dois uma folha cada, e agora eles liam recostados e fumavam. Quando o violino começou a soar, tiveram a atenção despertada, ergueram-se e foram na ponta dos pés até a porta da antessala, onde ficaram parados, um espremido contra o outro. Devem ter sido ouvidos da cozinha, pois o pai gritou de lá: “A música não agrada aos senhores? Ela pode parar agora mesmo”. “Pelo contrário”, disse o senhor do meio, “a menina não quer vir até aqui tocar na sala, que é muito mais cômodo e agradável?” “Oh, como não!”, gritou o pai, como se fosse ele o violinista. Os senhores voltaram para a sala e esperaram. Logo chegou o pai com a estante, a mãe com a partitura e a irmã com o violino. A irmã calmamente ajeitou tudo para tocar; os pais, que nunca antes haviam alugado quartos e por isso se excediam na cortesia com os inquilinos, nem se atreveram a sentar nas próprias cadeiras; o pai encostou na porta, a mão direita enfiada entre dois botões do casaco abotoado; a mãe, porém, aceitou a cadeira oferecida por um dos senhores e, como não a moveu do local onde ele por acaso a colocara, acabou sentando afastada.

A irmã começou a tocar; pai e mãe, cada qual do seu lado, seguiam atentos os movimentos das mãos dela. Gregor, atraído pela música, arriscou-se um pouco mais à frente e logo estava

com a cabeça na sala. Já nem se admirava de que, nos últimos tempos, demonstrasse tão pouca consideração pelos outros; antigamente esse tipo de respeito era para ele um motivo de orgulho. E na verdade teria justo agora muito mais razões para não aparecer, porque, por causa da poeira que tomava conta de seu quarto e que ao menor movimento se espalhava no ar, ele também vivia coberto de pó; arrastava consigo fiapos, pelos, restos grudados dos lados e nas costas; sua apatia diante de tudo era muito grande para que se desse ao trabalho de deitar de costas, como fazia antes várias vezes ao dia, e se esfregar no tapete. E mesmo nesse estado ele não teve o menor pudor de invadir um pedaço do piso imaculado da sala.

Em todo caso ninguém nem reparava nele. A família estava bastante absorta pelo som do violino; ao contrário dos inquilinos, que a princípio, as mãos nos bolsos das calças, haviam se posicionado bem atrás da estante, muito próximos da irmã, de modo a que pudessem todos os três acompanhar as notas, o que com certeza devia atrapalhá-la, mas logo, conversando a meia voz, as cabeças abaixadas, se afastaram para junto da janela, onde permaneceram, observados pelo olhar apreensivo pai. Essa atitude realmente tinha a aparência mais do que clara de que eles haviam sido frustrados em sua intenção de ouvir ao violino uma música bela ou animada, que estavam fartos daquela apresentação e que apenas por educação ainda admitiam ter sua paz perturbada. Sobre tudo o modo como todos eles sopravam para o alto a fumaça de seus charutos, pelo nariz e pela boca, dava a entender um alto grau de irritação. E todavia a irmã tocava tão bonito. Seu rosto pendia para o lado, seus olhos aguçados e tristes acompanhavam as linhas da pauta. Gregor rastejou outro tanto adiante e manteve a cabeça bem junto ao chão, para assim, quem sabe, poder interceptar o olhar dela. Era por ser um animal que a música o atraía tanto? A ele parecia como se tivesse à sua frente o caminho para o ansiado alimento desconhecido. Estava decidido a avançar até a irmã, puxá-la pela saia, e desse modo fazê-la entender que ela poderia com prazer vir ao quarto dele com o violino,

pois ninguém aqui valorizava a música como ele quisera valorizar. Queria então não mais deixá-la sair do quarto, pelo menos não enquanto estivesse vivo; sua figura medonha pela primeira vez lhe seria útil; queria estar ao mesmo tempo diante de todas as portas, bufando feito uma fera contra os opressores; a irmã, porém, não devia ficar com ele à força, e sim por vontade própria; ela iria se sentar ao lado dele no canapé, inclinar o ouvido em sua direção, e ele queria nesse momento confidenciar a ela que tivera o firme propósito de mandá-la para o conservatório, e que, se nesse meio tempo a desgraça não houvesse ocorrido, no último Natal — o Natal já tinha passado, aliás? —, ele teria anunciado o fato a todos, sem se importar com qualquer tipo de objeção. Depois dessa explicação, a irmã iria desatar num choro comovido, e Gregor, erguendo-se até altura do ombro dela, lhe daria um beijo no pescoço que, desde que entrara na loja, ela trazia sem fita nem cordão.

“Senhor Samsa!”, gritou para o pai o senhor do meio e, sem desperdiçar mais palavras, apontou o dedo indicador na direção de Gregor, que avançava devagar. O violino ficou mudo, o inquilino intermediário, num único movimento de cabeça, sorriu para seus amigos e então voltou a olhar para Gregor. Ao pai pareceu que o mais urgente era, em vez de tocar Gregor, primeiro acalmar os inquilinos, embora estes não estivessem nada nervosos e Gregor parecesse animá-los bem mais do que a música do violino. Ele correu para o lado deles e com os braços abertos tentou conduzi-los a seus aposentos e ao mesmo tempo bloquear com o corpo a visão de Gregor. Aí eles de fato se zangaram um pouco, não dava para saber se com o comportamento do pai ou se com a descoberta que acabavam de fazer, de que, sem que soubessem, tinham como vizinho de quarto um tipo igual a Gregor. Exigiram explicações do pai, ergueram como ele os braços, beliscaram as barbas com impaciência e só a custo foram aos poucos recuando aos seus aposentos. Enquanto isso a irmã conseguiu sair do estado de alheamento em que havia caído com a interrupção súbita da música, depois de sustentar mais um instante

o violino e o arco nas mãos que pendiam frouxas, e em seguida olhar para a partitura como se ainda estivesse tocando, conseguiu se recompor num átimo, colocou o instrumento no colo da mãe, que com dificuldades respiratórias e intensa atividade pulmonar seguia sentada em sua cadeira, e foi correndo para o quarto ao lado, do qual, empurrados pelo pai, os inquilinos se aproximavam agora mais depressa. Era de ver como, sob as mãos treinadas da irmã, cobertas e travesseiros voavam pelo ar e pousavam já dispostos direitinho nas camas. Ainda antes dos senhores chegarem à entrada do quarto, ela já dera conta da arrumação e saíra de fininho. O pai pareceu de novo tomado por sua teimosia, de uma tal forma que olvidou todo o respeito a que estava obrigado perante seus locatários. Ele só insistia e voltava a empurrar, até que, na porta do quarto, o senhor do meio bateu com força o pé no chão, e desse modo conseguiu deter o pai. “Declaro para todos os fins”, ele falou, ergueu a mão e dirigiu o olhar também para a mãe e a irmã, “que, em vista das condições repugnantes em vigor nesta casa e nesta família” — nesse ponto ele, decidido, deu uma breve cusparada no chão —, “dou por cancelada minha locação. É evidente que não pagarei o mínimo que seja, nem pelos dias em que aqui estive hospedado, muito pelo contrário, ainda hei de ponderar se não apresento contra o senhor uma queixa formal que — o senhor pode ter certeza — seria bem fácil de justificar.” Ele se calou e olhou fixo à sua frente, como se esperasse alguma coisa. Ato contínuo, seus amigos vieram com as palavras: “Nós também cancelamos a nossa”. A seguir ele agarrou a maçaneta e fechou ruidosamente a porta.

O pai, tateando com as mãos, voltou cambaleando até sua cadeira e ali desabou; dava a impressão de que se recostava para sua soneca noturna cotidiana, mas os intensos meneios da cabeça, que parecia solta, mostravam que de modo nenhum estava dormindo. Gregor ficou esse tempo todo quieto, deitado no mesmo lugar em que fora surpreendido pelos inquilinos. O desapontamento com o insucesso de seus planos mas talvez também a fraqueza provocada pela fome extrema impossibilitavam que se



movimentasse. Com uma certa garantia, temia já para o instante seguinte a tempestade coletiva a desabar em cima dele, e esperava. Não o perturbou nem mesmo o violino na hora em que caiu do colo da mãe, depois de escorregar de seus dedos trêmulos, e produziu um estampido retumbante.

“Meus pais”, falou a irmã e bateu a mão na mesa à guisa de introdução, “não dá para continuar assim. Se vocês por acaso não enxergam desse jeito, eu enxergo. Não quero usar o nome do meu irmão com esse monstro, então só digo uma coisa: temos que nos livrar disso. Tentamos o que era humanamente possível para criá-lo e suportá-lo, acho que ninguém tem o menor direito de nos condenar.”

“Ela está coberta de razão”, o pai disse consigo mesmo. A mãe, que ainda não conseguia respirar normalmente, levou a mão à boca e começou a tossir para dentro, com uma expressão de insanidade no olhar.

A irmã correu para junto da mãe e amparou-lhe a testa. O pai, levado pelas palavras da irmã, pareceu ter encontrado ideias mais precisas, endireitou-se na cadeira, brincou com o quepe do uniforme em meio aos pratos largados sobre a mesa, ainda do jantar dos inquilinos, e olhou uma vez ou outra para Gregor, que permanecia quieto.

“Temos que dar um jeito de nos livrar dessa coisa”, a irmã falou, agora exclusivamente para o pai, pois a mãe, com a tosse, não escutava nada, “isso vai acabar matando vocês dois, só estou vendo a hora. Quem é obrigado a trabalhar tanto quanto nós três não pode ainda ter que aturar em casa esse tormento sem fim. Eu já não suporto mais.” E rompeu num choro tão forte que suas lágrimas espirraram no rosto da mãe, que as enxugou com movimentos mecânicos da mão.

“Filha”, falou o pai morrendo de pena e exagerando na compreensão, “mas o que vamos fazer?”

A irmã apenas deu de ombros como sinal da sensação de impotência que a acometera enquanto chorava, o que contrastava com sua segurança de antes.

“Se ele pudesse nos entender”, disse o pai com ar interrogativo; a irmã em meio ao choro sacudiu a mão com veemência em sinal de que isso estava fora de cogitação.

“Se ele pudesse nos entender”, repetiu o pai e fechou os olhos, para assimilar a convicção da irmã quanto à impossibilidade do fato, “então quem sabe fosse possível um acordo com ele. Mas assim —”

“Que vá embora”, a irmã gritou, “é o único jeito, pai. Basta se livrar do pensamento de que é o Gregor. Ter acreditado nisso durante tanto tempo, essa no fundo é a nossa desgraça. Mas como essa coisa pode ser o Gregor? Se fosse o Gregor, já teria entendido há muito tempo que é impossível a convivência das pessoas com um bicho desses, e teria partido por vontade própria. Então não haveria mais irmão, mas podíamos seguir tocando a vida e preservar sua memória. Mas assim, fica esse bicho nos seguindo, expulsa os inquilinos, com certeza quer tomar o apartamento e nos deixar dormindo na rua. Olha aí, pai”, ela gritou de repente, “lá vem ele de novo!” E, num pânico de todo incompreensível para Gregor, a irmã deixou até a mãe de lado, chegou mesmo a empurrar sua cadeira, como se preferisse sacrificar a mãe a ficar perto dele, e correu atrás do pai que também se levantou, provocado única e exclusivamente pelo comportamento dela, e posicionou os braços a meia altura à sua frente, na tentativa de protegê-la.

Mas Gregor não pretendia de modo algum amedrontar quem quer que fosse, muito menos a irmã. Ele havia tão-só começado a se virar para regressar ao seu quarto, o que em todo caso seria muito chamativo, dado que, devido às suas condições lastimáveis, era difícil fazer a volta e ele precisava ajudar com a cabeça que por causa disso diversas vezes levantava e batia contra o chão. Parou um pouco e olhou ao seu redor. Parece que reconheciam sua boa intenção; tinha sido só um susto passageiro. Agora todos o observavam calados e entristecidos. A mãe largada em sua cadeira, as pernas estendidas uma por cima da outra, os olhos quase se fechando de fadiga; o pai e a irmã sentados lado a lado, ela apoiando a mão atrás do pescoço dele.

“Agora talvez me deixem completar a volta”, Gregor pensou e retomou sua ocupação. Não conseguia evitar o ruído de sua respiração ofegante do esforço e era obrigado a fazer uma pausa a todo momento. No mais, não era pressionado por ninguém, havia sido deixado por sua própria conta. Depois de completar a volta ele deu início ao retorno em linha reta. Ficou admirado com a grande distância que o separava de seu quarto, e não entendia como, com a sua fraqueza, tinha ainda há pouco, quase sem perceber, percorrido o mesmo caminho. O tempo todo concentrado apenas em rastejar depressa, ele mal reparava que não era incomodado por nenhuma palavra, nenhum grito de sua família. Só depois de chegar à porta é que ele virou a cabeça, não muito porque na hora sentiu um torcicolo, em todo caso ainda viu que atrás de si nada havia mudado, apenas a irmã se levantara. Seu último olhar avistou de relance a mãe, a essa altura já totalmente adormecida.

Mal acabara de entrar no quarto e a porta foi fechada às pressas, com o trinco e à chave. Gregor levou um susto tão grande com o barulho inesperado às suas costas que suas perninhas vacilaram. Era a irmã que tinha toda essa pressa. Já estava lá levantada só esperando, avançou então saltitando na ponta dos pés, Gregor nem a ouviu se aproximar, e ao girar a chave na fechadura ela gritou para os pais: “Até que enfim!”.

“E agora?”, perguntou-se Gregor e olhou a escuridão ao seu redor. Logo veio a descobrir que não conseguia se mexer de jeito nenhum. Não ficou surpreso, antes lhe parecia pouco natural que até então tivesse podido andar de verdade com aquelas perninhas finas. De resto ele estava relativamente bem. É certo que tinha dores por todo o corpo, mas para ele era como se elas fossem ficando mais e mais fracas e estivessem a ponto de sumir de uma vez por todas. Já mal sentia a maçã podre em suas costas e a inflamação que a circundava, ambas cobertas por uma fina camada de poeira. Lembrou-se de sua família com intensa ternura e amor. Sua posição a respeito da necessidade de seu desaparecimento era na medida do possível ainda mais convicta do que a da irmã.

Ficou nesse estado meditabundo, vazio e tranquilo, até que as três horas da manhã soaram no relógio da torre. Ainda presenciou o despontar da claridade matutina do lado de fora da janela. Então, independente de sua vontade, sua cabeça pendeu toda para baixo e suas narículas expeliram sem força seu último suspiro.

Quando, de manhã cedo, a faxineira veio — sempre afobada e com muita energia, apesar de já lhe ter sido pedido várias vezes que o evitasse, ela batia todas as portas de uma tal maneira que com a sua chegada já não era mais possível dormir sossegado em nenhum cômodo do apartamento —, a princípio não achou nada de novo em sua habitual visitinha a Gregor. Pensou que ele estivesse ali deitado imóvel de propósito, bancando o ofendido; ela o julgava capaz de compreender tudo. Como por acaso estava com a comprida vassoura nas mãos, tentou fazer cócegas nele ali mesmo da porta. Quando isso também não resultou em nada, ela ficou brava e cutucou um pouco mais fundo, e só após empurrá-lo de seu lugar sem encontrar nenhuma resistência é que procurou ver melhor. Tão logo reconheceu a realidade dos fatos, arregalou os olhos, soltou um assobio, mas não se conteve muito tempo, e sim foi logo escancarar a porta do quarto dos pais, gritando bem alto para dentro da escuridão: “Venham dar uma olhada, ele bateu as botas; está lá, abotoou de vez o paletó!”

Marido e mulher estavam sentados na cama de casal e tiveram primeiro que se recuperar do susto com a faxineira, antes de virem a compreender o que ela anunciava. Mas então, cada qual pelo seu lado, o senhor e a senhora Samsa saíram depressa da cama, o senhor Samsa jogou a coberta por cima dos ombros, a senhora Samsa apareceu só de camisola; assim entraram no quarto de Gregor. Entrementes, fora igualmente aberta a porta da sala, onde Grete dormia desde a chegada dos inquilinos; ela estava vestida dos pés à cabeça, como se nem tivesse dormido, seu rosto pálido parecia demonstrar a mesma coisa. “Morto?”, falou a senhora Samsa e olhou para a faxineira, esperando uma resposta, embora pudesse confirmar por si só ou até reconhecer o fato sem confirmação nenhuma. “É o que eu acho”, disse a

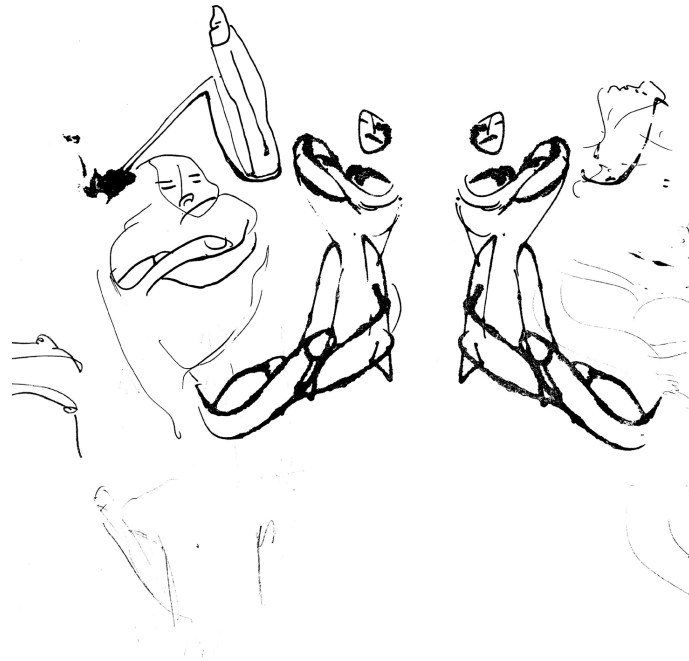
faxineira e como prova empurrou com a vassoura o cadáver de Gregor um bom pedaço para o lado. A senhora Samsa reagiu como se fosse tentar parar a vassoura, mas não fez nada. “Bom”, falou o senhor Samsa, “agora podemos agradecer a Deus.” Ele fez o sinal da cruz, e as três mulheres seguiram o seu exemplo. Grete, que não tirava os olhos do cadáver, disse: “Vejam como ele estava magro. Já fazia um bom tempo que não comia nada. A comida voltava do jeito que ia”. De fato o corpo de Gregor estava bem achatado e seco, e só agora é que reparavam nisso, quando ele não mais se erguia sobre suas perninhas e também nenhuma outra coisa distraía a atenção.

“Vamos, Grete, entra um pouquinho com a gente”, disse a senhora Samsa com um sorriso tristonho, e Grete, não sem voltar a olhar o cadáver mais uma vez, entrou atrás dos pais no quarto do casal. A faxineira fechou a porta e abriu toda a janela. Embora ainda fosse cedo, uma certa tepidez misturava-se ao ar fresco da manhã. Já era sem dúvida o final de março.

Os três inquilinos saíram de seu quarto e atônitos procuraram com os olhos pelo café da manhã; haviam sido esquecidos. “Cadê o café da manhã?”, o senhor do meio perguntou mal-humorado à faxineira. Esta porém pôs o indicador na frente da boca e a seguir, em silêncio, fez apressada um sinal indicando aos inquilinos que por favor passassem ao quarto de Gregor. Eles passaram e ficaram lá de pé, as mãos nos bolsos de seus paletós curtos e um tanto gastos, no quarto já totalmente iluminado, em torno do cadáver.

Foi quando a porta do quarto dos pais se abriu, e o senhor Samsa apareceu de uniforme, sua esposa apoiada em um braço, sua filha no outro. Todos com cara de quem tinha chorado um pouco; Grete vez por outra pressionava o rosto no braço do pai.

“Saiam agora mesmo da minha casa!”, disse o senhor Samsa e apontou para a porta, sem soltar as mulheres. “O que significa isso?”, disse o senhor do meio um pouco espantado e com um sorriso amarelo. Os outros dois mantinham as mãos para trás e esfregavam uma na outra, na alegre expectativa de uma grande peleja, cujo resultado entretanto deveria ser favorável a



eles. “Significa exatamente o que acabo de dizer”, respondeu o senhor Samsa e avançou em coluna com suas duas companheiras para cima do inquilino. Este a princípio ficou parado onde estava e olhou para baixo, como se as coisas em sua cabeça assumissem uma nova configuração. “Se é assim, nós vamos embora”, acabou dizendo e ergueu o olhar para o senhor Samsa, como se, num acesso repentino de humildade, tivesse de pedir permissão até mesmo para uma decisão dessas. O senhor Samsa, de olhos bem abertos, limitou-se a acenar brevemente com a cabeça uma e outra vez. O inquilino, com efeito, em obediência a isso, de imediato se dirigiu a passos largos para a antessala; seus dois amigos já estavam de sobreaviso há algum tempo, com as mãos bem quietinhas, e em dois pulos seguiram no seu encalço, como se temendo que o senhor Samsa pudesse alcançar a antessala antes deles e perturbar o vínculo que mantinham com o líder. Na antessala, todos os três pegaram seus chapéus no cabideiro, retiraram suas bengalas do porta-bengalas, curvaram-se num cumprimento mudo e deixaram o apartamento. Com uma desconfiança que se revelou infundada, o senhor Samsa saiu com as duas mulheres no corredor; debruçados no corrimão, ficaram observando como os três senhores, é certo que devagar, porém de modo ininterrupto, desciam a comprida escadaria, a cada andar desapareciam em uma determinada curva da escada e alguns segundos depois voltavam a aparecer; quanto mais para baixo iam, mais se perdia o interesse da família Samsa por eles, e quando um empregado do açougue surgiu, cruzou com eles e, todo aprumado e orgulhoso, continuou subindo com um pacote em cima da cabeça, logo o senhor Samsa abandonou o corrimão ao lado das mulheres e todos, parecendo aliviados, regressaram ao apartamento.

Decidiram aproveitar o dia para descansar e passear; não só tinham direito a essa folga no trabalho, ela também lhes era mais do que necessária. E assim foram se sentar à mesa e redigir três justificativas, o senhor Samsa à direção do banco, a senhora Samsa ao dono da loja e Grete ao seu patrão. Estavam escrevendo quando a faxineira veio dizer que já ia, pois havia acabado o

serviço da manhã. Ocupados com a escrita, os três a princípio apenas acenaram com a cabeça, sem erguer os olhos, só quando notaram que a faxineira demorava a sair é que resolveram olhar para ela, contrariados. “O que foi?”, perguntou o senhor Samsa. A faxineira estava parada na porta, sorridente, como se tivesse uma notícia muito boa para dar à família, porém só faria isso se lhe fosse solicitado com alguma insistência. Fincada quase reta em seu chapéu, a pequena pluma de avestruz, que tanto irritava o senhor Samsa durante todo o expediente dela, oscilava de leve em todas as direções. “Mas o que a senhora quer afinal?”, perguntou a senhora Samsa, por quem a faxineira ainda nutria o máximo de respeito. “Está bem”, respondeu a faxineira e não conseguiu falar muito mais por causa da risada amistosa, “o negócio aí do lado, a senhora não vai precisar se incomodar em pôr para fora. Está tudo resolvido.” A senhora Samsa e Grete inclinaram-se sobre o papel, dando a entender que queriam continuar escrevendo; o senhor Samsa, ao perceber que a faxineira agora queria começar a descrever tudo em detalhes, cortou a conversa levantando a mão de maneira decidida. Vendo que não tinha licença para contar, lembrou que estava com pressa, falou bem alto, visivelmente ofendida: “Passar bem”, deu meia volta enfurecida e saiu do apartamento debaixo de um assombroso bater de portas.

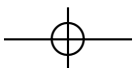
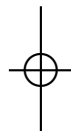
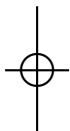
“Hoje mesmo ela vai ser despedida”, disse o senhor Samsa, sem porém obter resposta, nem de sua esposa, nem de sua filha, pois a faxineira parecia ter perturbado o sossego que acabavam de alcançar. Elas se levantaram, foram até a janela e lá ficaram, abraçadas uma à outra. O senhor Samsa virou-se para elas sem sair de sua cadeira e ficou observando quieto um momento. Então reclamou: “Ora, venham até aqui. Deixem em paz as coisas passadas. E tenham um pouco de consideração por mim”. As mulheres o obedeceram no ato, voltaram depressa para ele, fizeram-lhe festinhas, e logo terminaram de escrever suas justificativas.

Então todos os três saíram juntos do apartamento, o que já não faziam há meses, e seguiram de bonde rumo aos espaços abertos nos arredores da cidade. O vagão em que se sentaram a

sós reluzia com o brilho quente do sol. Comodamente reclinados em seus assentos, eles avaliaram suas perspectivas de futuro e acharam que, examinando mais de perto, elas não seriam assim tão ruins, pois todos os três empregos eram, embora não tivessem informações muito precisas um do outro a esse respeito, sobremaneira oportunos e, a longo prazo, bastante promissores. A principal melhoria em sua situação no momento deveria advir sem muita dificuldade com a mudança de residência; queriam agora alugar um apartamento menor e mais barato, porém mais bem localizado e acima de tudo mais prático do que o atual, que havia sido ainda uma escolha de Gregor. Enquanto conversavam sobre essas coisas, o senhor e a senhora Samsa, admirados com a vivacidade crescente da filha, notaram praticamente no mesmo instante como ela nos últimos tempos, apesar de todo o sofrimento responsável pela palidez em suas faces, desabrochava e era agora uma moça bonita e cheia de viço. Cada vez mais calados e entendendo-se quase que por instinto só com a troca de olhares, pensaram que já era tempo de arranjar um bom marido para ela. E foi para eles como que uma confirmação de seus novos sonhos e belos projetos quando, no final da viagem, a filha se levantou primeiro e espreguiçou seu corpo jovem.



Apêndice



Franz Kafka e o mundo invisível¹

OTTO MARIA CARPEAUX

O mundo do contista Franz Kafka é uma casa burguesa, solidamente construída na aparência, com uma fachada um pouco descuidada. Entramos, e respiramos o ar das penúrias dolorosas, de quartos mal ventilados. Apodera-se de nós o sentimento do *déjà vu*, de já ter visto tudo isso. A escada range. O sótão é uma loja de recordações. Um canto guarda os brinquedos esquecidos. Recordações, recordações. Os mortos surgem. Os fantasmas que apavoravam a criança. Figuras de demônios. Um labirinto. Delírio. Fuga. Nenhuma saída. Voltamo-nos para o outro lado: aparece a face de Deus.

Franz Kafka não é um poeta religioso: não trata nunca de religião nas suas obras. Mas é um espírito profundamente angustiado; e o seu mundo é cheio de seres sobrenaturais, donde emana uma impressão inquietante, como o encontro com uma mitologia desconhecida, que aparecesse, de repente, na nossa vida cotidiana. Esta irrupção do sobrenatural no mundo não o salva: enche o homem de terrores desconhecidos. O *numen* de Kafka é um *numen tremendum*. A religião de Kafka não é a religião fácil dos bem-pensantes, a quem o seu Deus garante todas as ordens deste mundo; o Deus de Kafka faz estremecer os fundamentos do céu e da terra. “Minha fé é como uma guilhotina, assim leve e assim pesada.” É a ameaça mortal que antecede a esperança vital.

1. Texto originalmente publicado no Correio da Manhã, em 17 de abril de 1941.

Esta é a religião daqueles que a psicologia religiosa de William James chama os *twice-born*, aqueles que nascem duas vezes, aqueles cuja fé irrompe das convulsões duma agonia: Agostinho, Martinho Lutero, Blaise Pascal, Søren Kierkegaard.

Esses terrores e esses esplendores, Kafka os escondeu nos andrajos da vida cotidiana, pois “quem vir descoberta a face de Deus morrerá”.

A pessoa e a vida de Franz Kafka acham-se também cobertas por um véu. Nasceu em 1883 em Praga, filho de família pequeno-burguesa, dessa nacionalidade incerta, germano-tcheco-judia, característica dos meios intelectuais dessa cidade. Desde a sua infância, o humanismo alemão desses meios é flanqueado pelo cabalismo judaico e pelo misticismo eslavo.

Estou

Limitado ao norte pelos sentidos, ao sul pelo medo

A leste pelo apóstolo São Paulo, a oeste pela minha

[educação.²

A vida corre-lhe nos quadros da burocracia subalterna. Tísico, morre num sanatório de Viena, em 1924. No testamento ordena a destruição dos seus manuscritos, que o executor, Max Brod, editará arbitrariamente.

A sua obra se compõe: de aforismos, que se alongam às vezes em parábolas; de parábolas, que se estendem às vezes em contos; de contos, dos quais três se desenvolvem em romances, fragmentários, da mais alta concisão, e cujo assunto se poderia condensar em parábola ou aforismo. A língua é muito límpida, carregada de estranhas metáforas. Kafka descreve a vida cotidiana dos escritórios, dos cafés, das casas de família; mas esses lugares banais são cheios de potenciais demoníacos, contra os quais o homem luta desesperadamente. Esse misto de clareza e de mistério revela a fragilidade do nosso mundo, espreitado pela catástrofe. Acontecimentos simples revestem-se de uma tensão febril. A língua lúcida faz adivinhar um outro mundo. As perso-

2. Excerto de poema de Murilo Mendes. [N. E.]

nagens falam, comem, dormem, seguem os caminhos escuros e estreitos; mas são os caminhos do inferno e do paraíso, são os caminhos *per realia ad realiora*.³

O primeiro romance publicado depois da morte do autor foi *O processo*. O seu herói chama-se K., simplesmente K. Um dia, na rua, K. é subitamente preso. Explicam-lhe que fora instaurado contra ele um importante processo criminal; aconselham-no a confessar e, em seguida, soltam-no a fim de que possa prosseguir na sua defesa. A prisão não passava de uma provocação por parte daquele estranho tribunal: o próprio K. tem de criar pelas suas atitudes as razões da sua absolvição ou condenação. E cria o delito mortal, prevalecendo-se obstinadamente da sua inocência. Faz tudo o que se pode fazer: contrata um advogado e um médico, corrompe o carcereiro e o escrivão. Nenhum destes compreende melhor o processo do que K., mas todos estão convencidos da justiça e da onipotência do tribunal; aconselham-no a confessar um crime que K. não conhece e não quer conhecer. De maneira misteriosa, todos são empregados do tribunal, assim como nós outros executamos, sem o saber e sem o querer, os desígnios da Providência. Pelas suas atividades, K. não faz mais que jogar o processo contra si mesmo. Obstina-se. Pelas suas providências apressa a catástrofe que será a sua condenação e execução. O delito desconhecido está vingado.

O processo é um apólogo e uma apologia, ao mesmo tempo. Sob o véu da alegoria, Kafka instrui uma acusação contra a justiça do tribunal divino. O delito desconhecido é o pecado original. A prisão é o signo da predestinação. E o que K. evita pelas suas falsas atividades é a graça. Há nesse romance uma lembrança incerta de certas palavras do Senhor: “Muitos serão os chamados, mas poucos os eleitos”, e “Aquele que quiser salvar sua vida a perderá”. Mas as palavras evangélicas perdem-se neste mundo de provação e desespero, onde a todo momento o tribunal está presente e a força armada. “É somente a noção que temos do

3. “Pelas coisas reais ao mais real.”

tempo” — diz Kafka — “que nos faz datar o juízo final; na verdade é uma corte marcial cuja audiência está aberta todos os nossos dias.” Mas o céu negro se iluminará, um dia, sobre estas cenas de horror. No seu diário, Kafka copiou as palavras de Lutero:

Deus não é inimigo dos pecadores, mas somente dos descrentes que não reconhecem os próprios pecados nem procuram o apoio de Cristo, mas que procuram, temerariamente, a purificação em si mesmos”.

Em torno deste romance, alguns contos explicam a situação metafísica do homem. *A colônia penitenciária* é uma como espécie de continuação de *O processo*. Nesta colônia, uma terrível máquina de precisão grava no corpo dos forçados, por meio de agulhas incandescentes, os nomes dos delitos, que são desconhecidos dos próprios condenados. A tortura pela qual a sua culpa lhes será revelada é a única esperança, pois saber o nome do delito é a condição preliminar para saber justificar-se.

Em *A transformação*, um jovem é subitamente transformado num horrível inseto que os seus próprios parentes querem matar. O homem, submergido pela vida banal de todos os dias, não é mais a imagem de Deus; não se pode deter essa queda onde se desejaria, em alguma etapa propícia; e a queda torna-se radical até se perder o direito de existir.

A transformação tornou-se definitiva nesta pequena obra-prima chamada *A preocupação do Pai Celeste*. É objeto da inquietação do Pai misericordioso uma bobina, destituída de fios; coisa absolutamente inútil, sem nenhuma significação, mas que não descansa nunca, que sobe e desce incessantemente a escada, até o último dia. “— Como te chamas?”; “— Odradek”; palavra eslava, de origem incerta, que significa “apóstata”.

Em todas essas parábolas, como em *O processo*, o homem é a vítima passiva da perseguição celeste, lembrando *Hound of Heaven*, de Francis Thompson. Mas Kafka não condena a atividade:

Há dois pecados cardeais donde se poderiam deduzir todos os outros: a impaciência e a preguiça. Por causa da impaciência foram expulsos do paraíso; por causa da preguiça lá não podem voltar.

O que Kafka deseja excluir é a falsa direção das nossas atividades, no sentido da segurança neste mundo. No conto *A toca de texugo*, o animal, temendo a perseguição dos cães, decide alargar e fortificar o seu edifício subterrâneo. Cava buracos sobre buracos, corredores sobre corredores, até que afinal esquece a única saída. Então o animal agacha-se no seu canto, aprisionado e sem saída, e espera, indefinidamente, numa estranha solidão, atento aos ruídos funestos do mundo exterior, ou ao silêncio, ainda mais terrível.

A falsa direção das atividades humanas é o assunto da obra-prima de Kafka: o romance inacabado *O castelo*.

Ainda aqui o herói chama-se κ., simplesmente κ. O seu adversário não é, desta vez, o tribunal, mas o castelo, o lugar onde a graça está concentrada. Ao pé desse castelo há uma aldeia, onde os camponeses, crentes humildemente submissos, executam as suas tarefas diárias. κ. também desejaria ser camponês nessa aldeia. É preciso frisar: ele o quer, ele o exige mesmo. Desejaria obrigar o castelo a conceder-lhe o direito de permanência na aldeia. Quer forçar esta comunhão dos fiéis, sem ter obtido a graça.

Numa fria tarde de inverno, κ. chega, contando com a piedade, que não fará voltar o peregrino. Com efeito, o hospedeiro acolhe-o. κ. é modesto; quer somente achar um emprego de diarista. Sim, há sempre possibilidades. Nesse ínterim o filho do castelão aparece para expulsá-lo. κ. desesperadamente recorre à mentira: “O castelo contratou-me como nivelador”. Resolvem telefonar para o castelo. E o castelo responde de maneira surpreendente (“κ. estremeceu um pouco”): “Sim, κ. é o nivelador contratado”. É o primeiro dom voluntário da graça: mas contém uma punição. Pois o castelo acrescenta:

κ. tem, portanto, permissão para ficar; mas o seu contrato foi um lamentável engano, aqui não temos trabalho para um nivelador. κ. tem permissão para ficar, mas não para trabalhar.

Deste modo, κ. encontra-se impossibilitado de verificar o contrato surrupiado, justificar sua presença na aldeia. Sua vida

será vazia, destituída de qualquer sentido, como a nossa vida cotidiana sem a vocação interior. κ. não está contente. Não quer ser tolerado. Quer o direito de permanecer, o direito. Quer extorquir a graça. Recorre a meios impuros, perde-se em mentiras e subterfúgios. Tudo em vão. Esgotado, enfim, cai gravemente doente. Espera a morte.

Eis-nos nas últimas linhas do fragmento. Uma anotação explica-nos o fim:

Quando κ. está à morte, chega a decisão definitiva do castelo: κ. não tem nenhum direito de permanecer na aldeia; mas considerando-se certas circunstâncias acessórias, ser-lhe-á permitido que aí permaneça até a morte.

Em *O processo*, o Céu instaura processo contra o homem. Em *O castelo*, o homem instaura processo contra o Céu. É o cúmulo da temeridade titânica. “Uns negam a miséria evocando o sol; outros negam o sol evocando a miséria.” O homem, em Kafka, não vê na sua miséria a consequência da sua condição humana. Revolta-se. Acusa Deus, como Ivan Karamázov. A face de Deus, em sua obra, adquire traços blasfemos.

Em toda parte, no mundo desse Deus, há tribunais e forcas. Não parece que esse Deus queira a redenção do homem. O verdadeiro caminho desdobra-se sobre uma corda, lançada muito perto do chão; parece ser destinada mais a fazer tropeçar que a ser transposta.” Às vezes Kafka atinge uma inversão diabólica:

Leopardos forçavam o templo e esvaziavam os vasos sagrados. Isto se repetia frequentemente. Até que conseguiram calcular a hora em que chegavam e faziam do incidente uma parte do cerimonial.

Tais blasfêmias lembram a zoolatria dos egípcios ou o Demiurgo mau dos gnósticos. Mas um outro aforismo diz: “O nosso mundo não é mais do que um mau humor de Deus. Há esperança, muita esperança, mas não para nós homens”. Este “não para nós homens” equivale a uma grande confissão, que restabelece a ordem dos valores. “Todas essas parábolas dizem somente que o incompreensível é incompreensível.” Na aparência dessas

parábolas Deus não tem razão; mas esta falta de razão significa somente uma incapacidade do homem em face do mandamento de Deus. Na aparência dessas parábolas, Deus se cala; mas isto significa somente que o mundo não o está escutando. Há, portanto, esperança, muita esperança. No fim de *O castelo*, a graça aparece. Fato simbólico: Kafka não estava destinado a escrever esse fim.

Franz Kafka, segundo uma frase de Kierkegaard, “aspirava a uma imortalidade mais alta que a da glória”. Kafka desejava que a sua obra morresse com ele para servir de testemunha em seu favor, perante o tribunal de Deus. A despeito dele, o seu dia chegará, se já não chegou.

À propagação dessa obra opõem-se obstáculos do destino. A sua publicação póstuma não encontrou nem leitores nem críticos. Dez anos depois da sua morte, um André Gide, um Charles Du Bos deploram a inacessibilidade das obras, a inexistência de traduções. Uma casa editorial de Praga promete a publicação das obras completas, a *Nouvelle Revue Française* traduz alguns contos. A edição de Praga é interrompida pela derrota do Estado tcheco. A tradução integral, prometida na França, talvez nunca apareça. A despeito de tudo, o seu dia chegará, se já não chegou.

Todos esses obstáculos aprofundam mais a virtude desse pensamento, em vez de sufocá-lo. Existe uma herança que se deve conservar. A reflexão sobre o lugar de Kafka na literatura universal é o primeiro dever.

Feita a abstração de alguns pontos de contato com Heinrich von Kleist, o Kleist do ensaio *Sobre o teatro de bonecas*, e com E. T. A. Hoffmann, a presença de Kafka na literatura alemã é simplesmente ocasional. O seu lugar está na literatura europeia do pós-guerra.

O simbolismo de Kafka perturba o mundo, pela estranha transposição dos acentos, pela desvalorização dos fatos tradicionais, pela revelação de um mundo mais real atrás do mundo real dos bem-pensantes: *per realia ad realiora*. Eis o lema de Anton Tchekhov, a quem Kafka deve a técnica do conto. Mas um traço significativo distingue Kafka radicalmente deste grande contista

pessimista do *fin de siècle*: a noção do tempo. Os homens de Tchekhov vivem no seu tempo, no tempo do seu mundo. Mas o tempo, em Kafka, é um fato extramundano. Não é o tempo psicológico de Proust. É antes um tempo religioso: o caminho da aldeia ao castelo, “dois quilômetros mais ou menos”, leva séculos para ser percorrido; não se pode dizer a respeito de nenhuma obra de Kafka em que século decorre a ação dela. A era dos deuses e a vida cotidiana dos nossos dias se confundem. Não existe tempo, há unicamente uma data: a da irrupção do divino no mundo, acontecimento que se repete todos os dias, todas as horas.

Esta ausência do tempo humano destrói a estrutura normal do mundo e isola os homens em desertos de eternidade glacial, tomando-os comparáveis às personagens plásticas de um De Chirico, aos cantos “homófonos” de um Stravinsky, aos anjos de um Rilke. A psicologia desses homens é uma psicologia de monstros revoltados, como nos romances fantásticos de Julien Green. A sua vida cotidiana é destituída de sentido, como nos contos de um Bontempelli. E a sua vida real se passa na atmosfera mágica dos romances de Marcel Jouhandeau. Enfim, este mundo acha a sua expressão final nos poemas apocalípticos dum Pierre-Jean Jouve que precedem a catástrofe. O dia de Kafka chegou.

Todas essas comparações só têm como fim estabelecer mais solidamente as oposições. A corrente literária do pós-guerra acha-se diante de um montão de ruínas. O mundo é um cadáver que se decompõe porque o espírito abandonou o corpo. A literatura e o pensamento modernos tentaram contentar-se somente com os destroços, olhando-os primeiro como brinquedos de uma nova infância, e em seguida como pedras para a construção do futuro; eram as etapas do primitivismo e do construtivismo. Mas se reconhecerá o verdadeiro estado de coisas e um profundo desespero prevalecerá. Este desespero se conformará ou não se conformará: ele afirma e confirma a decomposição do mundo por meio de uma nova psicologia, ou se insurge contra essa decomposição pelas expressões de um pessimismo cínico. São estas as posições do romance e da poesia modernos.

O que é comum a todas essas correntes é o relativismo, que já não admite a integridade do mundo, exceto a daqueles, não raros, que mergulham na fé tradicional. A atitude de Franz Kafka é muito diferente. Não se contenta com os destroços, como os “fragmentistas” italianos; não se conforma nem decompõe. Não é nem tradicional nem relativista. Entre dois mundos e entre duas épocas, coloca-se em caminho; está a caminho de Damasco.

Esta atitude o situa no meio de duas grandes correntes dos nossos tempos: uma na França, os novos estudos pascalianos que giram em torno do problema da graça e inspiram até o André Gide de *L'École des femmes*; a outra na Alemanha, a teologia dialética de Karl Barth e de Emil Brunner, que gira em torno do abismo dialético, a incomensurabilidade entre Deus e o mundo, e faz ressuscitar a obra esquecida de Søren Kierkegaard.

No abismo entre o Deus soberano dos dialéticos e o homem falido de Pascal, Kafka procura o lugar da graça. É Pascal quem define a situação. No artigo xv das *Pensées*, enumera as quatro possibilidades do homem. Primeiro, o homem conhece a Deus, mas não conhece a sua própria miséria; é o caso do farisaísmo orgulhoso. Segundo, o homem conhece a sua miséria, mas não conhece a Deus; é o desespero ateístico. Terceiro, o homem conhece a Deus e a sua própria miséria, mas não a graça; é a angústia. Quarto, o homem reconhece em Jesus Cristo seu Deus, sua miséria e sua graça.

A posição de Kafka é a terceira. É a posição do judaísmo perante o seu Messias encarnado. Mas é também a posição atual do mundo apóstata, que renuncia à graça e se declara pagão, cheio de orgulho e de angústia. Não se é mais pagão depois de Jesus Cristo: a velha inocência desapareceu; ou procuramo-Lo, ou renegamo-Lo. Em vão “a angústia da lei” maltrata o rabino Saul antes de ter ele visto a luz do mundo. Uma fé vem nascer no caos de uma alma em desespero.

Como cumprir a vontade de Deus? Teme-se que essa lei não seja mais do que uma tentação. E se o seu cumprimento não representar nada perante Deus?

É um aforismo de Kafka. Mas o apóstolo Paulo poderia ter dito isso. É a confissão de um homem no caminho de Damasco.

O caminho de Damasco é a única saída desta prisão que é o nosso mundo envenenado. Todos os outros caminhos são subterfúgios inúteis, tergiversações que nos abismam cada vez mais, sem a possibilidade de uma libertação. Sem a graça não se escapa deste mundo. Todas as seguranças exteriores são vãs. Em vão nos entrincheiramos nas linhas Maginot da nossa “toca de texugo”. Enfim, somos os prisioneiros das nossas próprias prisões, para assistir, impotentes, à nossa derrota decisiva. Só o caminho misterioso de Damasco é que liberta dos terrores exteriores, para preparar “o segundo nascimento”: é o caminho do apocalipse do mundo para a escatologia da alma.

A obra de Franz Kafka é um indicador na direção desse caminho. Nela se lê o seu aforismo, cheio de aflição e de esperança: “Quem procurar não encontrará; quem não procurar, será encontrado”. E uma voz lhe responde, através de Pascal: *Console-toi, tu ne me chercherais pas si tu ne m'avais trouvé.*⁴

4. “Consola-te: não me procurarias se já não me tivesses encontrado.”

Franz Kafka¹*A propósito do décimo aniversário
de sua morte*

WALTER BENJAMIN

POTEMKIN

Conta-se que Potemkin sofria de graves depressões, que se repetiam mais ou menos regularmente, e durante essas crises ninguém podia aproximar-se dele, sendo o acesso a seu quarto rigorosamente proibido. Esse fato não era mencionado na corte, pois se sabia que a menor alusão a respeito acarretava o desagrado da imperatriz Catarina. Uma dessas depressões do chanceler teve uma duração excepcional, o que ocasionou sérios embaraços. Os papéis se acumulavam, e os assuntos, cuja solução era reclamada pela czarina, não podiam ser resolvidos sem a assinatura de Potemkin. Os altos funcionários estavam perplexos. Por acaso, entrou na antecâmara da chancelaria um amanuense subalterno, Chuvalkin, que viu os conselheiros reunidos, queixando-se como de hábito. “O que se passa, Excelências? Em que posso servir Vossas Excelências?” perguntou o zeloso funcionário. Explicaram-lhe o caso, lamentando que não pudessem fazer uso dos seus serviços. “Se é só isso, meus senhores”, respondeu Chuvalkin, “deem-me os papéis, por favor.” Os conselheiros, que não tinham nada a perder, concordaram, e Chuvalkin, carregando pilhas de documentos, atravessou galerias e corredores em direção ao quarto de

1. Texto originalmente publicado em 1934. Tradução de Sergio Paulo Rouanet.

Potemkin. Sem bater, girou imediatamente a maçaneta. O quarto não estava fechado. Potemkin estava em seu leito na penumbra, roendo as unhas, num velho roupão. Chuvalkin foi até a escrivaninha, mergulhou a pena na tinta e sem uma palavra colocou-a na mão de Potemkin, pondo o primeiro documento nos joelhos do chanceler. Depois de um olhar ausente sobre o intruso, Potemkin assinou como um sonâmbulo o primeiro papel, depois o segundo, e finalmente todos. Depois que o último papel estava assinado, Chuvalkin deixou o quarto com a mesma sem-cerimônia com que entrara, os maços debaixo do braço. Brandindo-os no ar, entrou triunfante na antecâmara. Os conselheiros se precipitaram sobre ele, arrancando-lhe os papéis das mãos. Com a respiração suspensa, inclinaram-se sobre os documentos. Ninguém disse uma palavra; o grupo estava petrificado. Mais uma vez Chuvalkin acorreu, indagando por que os conselheiros estavam tão estupefatos. Nesse momento, leu as assinaturas. Todos os papéis estavam assinados: *Chuvalkin, Chuvalkin, Chuvalkin...*

Com dois séculos de antecipação, essa anedota anuncia a obra de Kafka. O enigma que ela contém é o de Kafka. O mundo das chancelarias e dos arquivos, das salas mofadas, escuras, decadentes, é o mundo de Kafka. O zeloso Chuvalkin, para quem tudo parece tão fácil e que acaba voltando de mãos vazias é κ., de Kafka. Potemkin, semiadormecido e abandonado num quarto distante cujo acesso é proibido, vegetando na penumbra, é um antepassado daqueles seres todo-poderosos, que Kafka instala em sótãos, na qualidade de juizes, ou em castelos, na qualidade de secretários, e que por mais elevada que seja sua posição, têm sempre as características de quem afundou, ou está afundando, mas que ao mesmo tempo podem surgir, em toda a plenitude do seu poder, nas pessoas mais subalternas e degradadas — os porteiros e os empregados decrépitos. Em que pensam, mergulhados na semiescuridão? São talvez os descendentes de Atlas, que

sustentam o globo sobre seus ombros? É por isso, talvez, que sua cabeça “está tão inclinada no peito, que seus olhos mal podem ser vistos”, como o castelão em seu retrato, ou Klamm, quando está sozinho? Não, não é o globo terrestre que eles sustentam, pois o cotidiano já é suficientemente pesado: “Seu cansaço é o do gladiador depois do combate, seu trabalho consistia em pintar o canto de uma sala de funcionário”. Georg Lukács disse uma vez que, para construir hoje uma mesa decente, é preciso dispor do gênio arquitetônico de um Michelangelo. Lukács pensa em períodos históricos, Kafka em períodos cósmicos. Caiando um pedaço de parede, o homem precisa pôr em movimento períodos cósmicos. E isso nos gestos mais insignificantes. De muitas maneiras, e às vezes nas ocasiões mais estranhas, os personagens batem suas mãos. Kafka disse uma vez, casualmente, que essas mãos eram “verdadeiros pilões a vapor”.

Travamos conhecimento com esses poderosos, em seu movimento contínuo e lento, ascendente ou descendente. Mas eles não são nunca mais terríveis que quando se levantam da mais profunda degradação, como pais. O filho tranquiliza o velho pai, senil, depois de o ter posto na cama, com toda ternura:

- Fica tranquilo, estás bem coberto.
- Não, gritou o pai (afastando o lençol com tanta força, que ele se desdobrou no ar por um instante), e ergueu-se no leito, tocando o teto de leve com uma das mãos. Tu querias me cobrir, bem o sei, mas ainda não estou coberto. Essa é a última força que me resta, mas ela é suficiente para ti, excessiva para ti... Felizmente um pai não precisa aprender a desmascarar seu filho... Ele ficou de pé, perfeitamente livre, movendo as pernas. Seu rosto irradiava inteligência...
- Sabes agora o que existia fora de ti, ao passo que até hoje sabias apenas o que te dizia respeito! É verdade que eras uma criança inocente, mas a verdade mais profunda é que eras um ser diabólico!

Ao repelir o fardo das cobertas, o pai repele com elas o fardo do mundo. Precisa pôr em movimento períodos cósmicos inteiros, para tornar viva e rica de consequências a imemorial relação entre pai e filho. Mas que consequências! Ele condena o filho a

morrer por afogamento. O pai é a figura que pune. A culpa o atrai, como atrai os funcionários da Justiça. Há muitos indícios de que o mundo dos funcionários e o mundo dos pais são idênticos para Kafka. Essa semelhança não os honra. Ela é feita de estupidez, degradação e imundície. O uniforme do pai é cheio de nódoas, sua roupa de baixo é suja. A imundície é o elemento vital do funcionário. Ela não compreendia por que as partes se movimentavam tanto. Para sujar a escada, respondeu um funcionário, talvez por raiva, mas a resposta foi para ela esclarecedora.” A imundície é de tal modo um atributo dos funcionários que eles podem ser vistos como gigantescos parasitas. Isso não se refere, naturalmente, às relações econômicas, mas às forças da razão e da humanidade, que permitem a esses indivíduos sobreviver. Do mesmo modo, nas estranhas famílias de Kafka, o pai sobrevive às custas do filho, sugando-o como um imenso parasita. Não consome apenas suas forças, consome também seu direito de existir. O pai é quem pune, mas também quem acusa. O pecado do qual ele acusa o filho parece ser uma espécie de pecado original. A definição kafkiana do pecado original é particularmente aplicável ao filho:

O pecado original, o velho delito cometido pelo homem, consiste na sua queixa incessante de que ele é vítima de uma injustiça, de que foi contra ele que o pecado original foi cometido.

Mas quem é acusado desse pecado original, hereditário — o pecado de haver engendrado um herdeiro — senão o pai, pelo filho? Assim, o pecador seria o filho. Porém não se pode concluir da frase de Kafka que a acusação é pecaminosa, porque falsa. Em nenhum lugar Kafka diz que essa acusação é injusta. Trata-se de um processo sempre pendente, e nenhuma causa é mais suspeita que aquela para a qual o pai pretende obter a solidariedade desses funcionários e empregados da Justiça. O pior, neles, não é sua infinita corruptibilidade. Pois em seu íntimo são feitos de tal maneira que sua venalidade é a única esperança que a humanidade possa alimentar a seu respeito. É certo que os tribunais dispõem de códigos. Mas eles não podem ser vis-

tos. “Faz parte da natureza desse sistema judicial condenar não apenas réus inocentes, mas também réus ignorantes”, presume Kafka. No mundo primitivo, as leis e normas não são escritas. O homem pode transgredi-las sem o saber. Contudo, por mais dolorosamente que elas afetem o homem que não tem consciência de qualquer transgressão, sua intervenção, no sentido jurídico, não é acaso, mas destino, em toda a sua ambiguidade. Segundo Hermann Cohen, numa rápida análise da antiga concepção do destino, uma ideia se impunha inelutavelmente: “são os próprios decretos do destino que parecem facilitar e ocasionar essa transgressão e essa queda”. O mesmo ocorre com a instância que submete Kafka à sua jurisdição. Ela remete a uma época anterior à lei das doze tábuas, a um mundo primitivo, contra o qual a instituição do direito escrito representou uma das primeiras vitórias. É certo que na obra de Kafka o direito escrito existe nos códigos, mas eles são secretos, e através deles a pré-história exerce seu domínio ainda mais ilimitadamente.

Entre a administração e a família, Kafka vê contatos múltiplos. Na aldeia de Schlossberg havia para isso uma expressão eloquente. Temos aqui uma expressão que você talvez conheça: as decisões administrativas são tão tímidas quanto as moças. Bem observado, disse Kafka, bem observado, e as decisões podem ter outras coisas em comum com as moças.

Entre essas qualidades comuns talvez a mais notável fosse a de se prestar a tudo, como as jovens tímidas que Kafka encontra, em *O castelo* e em *O processo* e que se revelam tão devassas no seio da família como num leito. Ele as encontra a todo instante em seu caminho; elas se oferecem com tão pouca cerimônia como a moça do albergue.

Eles se enlaçaram, o pequeno corpo ardia entre as mãos de Kafka, eles rolavam em um frenesi do qual Kafka tentava salvar-se continuamente, mas em vão; alguns passos adiante, os dois bateram surdamente na porta de Klammer e se deitaram em seguida sobre as poças de cerveja e outras imundícies que cobriam o chão. Ali permaneceram horas... nas quais Kafka experimentou constantemente a sensação de estar perdido,

ou de estar num país estrangeiro, como nenhum outro homem havia estado antes, tão estrangeiro que mesmo o ar nada tinha em comum com o ar nativo, um ar asfixiante, mas cujas loucas seduções eram tão irresistíveis que não havia remédio senão ir mais longe, perder-se mais ainda.

Voltaremos a essa terra estrangeira. É digno de nota, contudo, que essas mulheres que se comportam como prostitutas não são jamais belas. A beleza só aparece no mundo de Kafka nos lugares mais obscuros: entre os acusados, por exemplo.

É um fenômeno notável, de certo modo científico... Não pode ser a culpa que os faz belos... não pode ser também o castigo justo que desde já os embeleza... só pode ser o processo movido contra eles, que de algum modo adere a seu corpo.

Depreendemos de *O processo* que esse procedimento judicial não deixa via de regra nenhuma esperança aos acusados, mesmo quando subsiste a esperança da absolvição. É talvez essa desesperança que faz com que os acusados sejam os únicos personagens belos na galeria kafkiana. Essa hipótese estaria de acordo com um fragmento de diálogo, narrado por Max Brod.

Recordo-me de uma conversa com Kafka, cujo ponto de partida foi a Europa contemporânea e a decadência da humanidade. Somos, disse ele, pensamentos niilistas, pensamentos suicidas, que surgem na cabeça de Deus. Essa frase evocou em mim a princípio a visão gnóstica do mundo: Deus como um demiurgo perverso, e o mundo como seu pecado original. Oh não, disse ele, nosso mundo é apenas um mau humor de Deus, um dos seus maus dias. Existiria então esperança, fora desse mundo de aparências que conhecemos? Ele riu: há esperança suficiente, esperança infinita — mas não para nós.

Essas palavras estabelecem um vínculo com aqueles singulares personagens de Kafka, os únicos que fugiram do meio familiar e para os quais talvez ainda exista esperança. Esses personagens não são os animais, e nem sequer os seres híbridos ou imaginários, como o Gato-carneiro ou Odradek, pois todos eles vivem ainda no círculo da família. Não é por acaso que é exatamente na casa dos seus pais que Gregor Samsa se transforma em inseto, não é por acaso que o estranho animal, meio gato, meio carneiro,

é um legado paterno, não é por acaso que Odradek é a grande preocupação do pai de família. Mas os “ajudantes” conseguem escapar a esse círculo.

Eles pertencem a um grupo de personagens que atravessam toda a obra de Kafka. Dele fazem parte o vigarista desmascarado em *Betrachtung* (em português, “Meditação”), assim como o estudante, que aparece à noite no balcão como vizinho de Karl Rossmann, e os loucos que moram na cidade do sul e que não se cansam nunca. A penumbra em que transcorre sua vida lembra a iluminação trêmula em que aparecem os personagens das pequenas peças de Robert Walser, autor do romance *Der Gehülfe* (em português, “O ajudante”), admirado por Kafka. As lendas indianas conhecem os *Gandharwe*, criaturas inacabadas, ainda em estado de névoa. É dessa natureza que são feitos os “ajudantes” de Kafka: não pertencem a nenhum dos outros grupos de personagens e não são estranhos a nenhum deles — são mensageiros que circulam entre todos. Como diz Kafka, assemelham-se a Barnabás, também um mensageiro. Ainda não abandonaram de todo o seio materno da natureza e, por isso,

instalaram-se num canto do chão, sobre dois velhos vestidos de mulher. Sua ambição... era ocupar um mínimo de espaço, e para isso, sempre sussurrando e rindo, faziam várias experiências, cruzavam seus braços e pernas, acocoravam-se uns ao lado dos outros e na penumbra pareciam um grande novelo.

Para eles e seus semelhantes, os inábeis e os inacabados, ainda existe esperança.

A mesma norma de comportamento que nesses mensageiros é suave e flexível transforma-se em lei opressiva e sombria no restante da galeria kafkiana. Nenhuma de suas criaturas tem um lugar fixo, um contorno fixo e próprio, não há nenhuma que não esteja ou subindo ou descendo, nenhuma que não seja intercambiável com um vizinho ou um inimigo, nenhuma que não tenha consumido o tempo à sua disposição, permanecendo imatura, nenhuma que não esteja profundamente esgotada, e ao mesmo

tempo no início de uma longa jornada. Impossível falar aqui de ordens e hierarquias. O mundo mítico, à primeira vista próximo do universo kafkiano, é incomparavelmente mais jovem que o mundo de Kafka, com relação ao qual o mito já representa uma promessa de libertação. Uma coisa é certa: Kafka não cedeu à sedução do mito. Novo Odisseus, livrou-se dessa sedução graças “ao olhar dirigido a um horizonte distante” ... “as sereias desapareceram literalmente diante de tamanha firmeza, e, no momento em que estava mais próximo delas, não as percebia mais”. Entre os ancestrais de Kafka no mundo antigo, os judeus e os chineses, que reencontraremos mais tarde, esse antepassado grego não deve ser esquecido. Pois Odisseus está na fronteira do mito e do conto de fadas. A razão e a astúcia introduziram estratégias no mito; por isso, os poderes míticos deixaram de ser invencíveis. O conto é a tradição que narra a vitória sobre esses poderes. Kafka escreveu contos para os espíritos dialéticos quando se propôs narrar sagas. Introduziu pequenos truques nesses contos e deles extraiu a prova de que “mesmo os meios insuficientes e até infantis podem ser úteis para a salvação”. É com essas palavras que ele inicia sua narrativa sobre *O silêncio das sereias*. Pois em Kafka as sereias silenciam; elas dispõem de “uma arma ainda mais terrível que o seu canto... o seu silêncio”. Elas utilizaram essa arma contra Odisseus. Mas ele, informa-nos Kafka,

era tão astuto, uma raposa tão fina, que nem sequer a deusa do destino conseguiu devassar seu interior. Embora isso seja incompreensível para a inteligência humana, talvez ele tenha de fato percebido que as sereias estavam silenciosas, usando contra elas e contra os deuses o estratagema que nos foi transmitido pela tradição apenas como uma espécie de escudo.

Em Kafka as sereias silenciam. Talvez porque a música e o canto são para ele uma expressão ou pelo menos um símbolo da fuga. Um símbolo da esperança que nos vem daquele pequeno mundo intermediário, ao mesmo tempo inacabado e cotidiano, ao mesmo tempo consolador e absurdo, no qual vivem os ajudantes. Kafka é como o rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo.

Ele chegou ao palácio de Potemkin, mas acabou encontrando em seu porão Josefine, aquela ratinha cantora, que ele descreve assim: existe nela algo de uma infância breve e pobre, algo de uma felicidade perdida e irrecuperável, mas também algo da vida ativa de hoje, com suas pequenas alegrias, incompreensíveis, mas reais, e que ninguém pode extinguir.

UMA FOTOGRAFIA DE CRIANÇA

Existe uma foto infantil de Kafka. Poucas vezes “a pobre e breve infância” concretizou-se em imagem tão evocativa. A foto foi tirada num desses ateliês do século XIX, que, com seus cortinados e palmeiras, tapeçarias e cavaletes, parecia um híbrido ambíguo de câmara de torturas e sala do trono. O menino de cerca de seis anos é representado numa espécie de paisagem de jardim de inverno, vestido com uma roupa de criança, muito apertada, quase humilhante, sobrecarregada com rendas. No fundo, erguem-se palmeiras imóveis. E, como para tornar esse acolchoado ambiente tropical ainda mais abafado e sufocante, o modelo segura na mão esquerda um chapéu extraordinariamente grande, com largas abas, do tipo usado pelos espanhóis. Seus olhos incomensuravelmente tristes dominam essa paisagem feita sob medida para eles, e a concha de uma grande orelha escuta tudo o que se diz.

Essa tristeza profunda foi talvez um dia compensada pelo fervoroso desejo de “ser índio”.

Como seria bom ser um índio, sempre pronto, a galope, inclinado na sela, trepidante no ar, sobre o chão que trepida, abandonando as esporas, porque não há esporas, jogando fora as rédeas, porque não há rédeas, vendo os prados na frente, com a vegetação rala, já sem o pescoço do cavalo, já sem a cabeça do cavalo.

Esse desejo tem um conteúdo muito rico. Ele revela seu segredo no momento em que se realiza: na América. A importância de *Amerika* na obra de Kafka é demonstrada pelo próprio nome do herói. Enquanto nos primeiros romances o autor se designava apenas, em surdina, por uma inicial, nesse livro ele nasce

de novo, no novo mundo, com seu nome completo. Experimenta esse renascimento no teatro ao ar livre de Oklahoma.

Karl viu numa esquina um cartaz com os seguintes dizeres: *Na pista de corridas de Clayton contratam-se, das seis da manhã de hoje até a meia-noite, pessoas para o teatro de Oklahoma. O grande teatro de Oklahoma te chama! Só hoje, só uma vez! Quem perder a ocasião hoje, a perderá para sempre! Quem pensa em seu futuro, nos pertence! Todos são bem-vindos! Quem quiser ser artista, que se apresente! Nosso teatro que pode utilizar todos, cada um em seu lugar! Quem se decidir por nós, merece ser felicitado! Mas apressem-se, para serem admitidos antes da meia-noite! À meia-noite tudo estará fechado e não reabrirá mais! Maldito seja aquele que não acredita em nós! Para Clayton!*

O leitor dessas palavras é Karl Rossmann, a terceira encarnação, a mais feliz de todas, de Kafka, o herói dos romances de Kafka. A felicidade está à sua espera no teatro ao ar livre de Oklahoma, uma verdadeira pista de corridas, do mesmo modo que a infelicidade o tinha encontrado no estreito tapete de seu quarto, quando ele ali entrara “como numa pista de corridas”. Desde que Kafka escrevera suas *Reflexões para os cavaleiros*, desde que descreveu o “novo advogado” “levantando até o alto as coxas e com um passo que faz ressoar o mármore a seus pés, subindo os degraus do Foro”, e desde que mostrou “as crianças na estrada” trotando pelos campos com grandes saltos, os braços cruzados, essa figura se tornara familiar para ele. Com efeito, às vezes ocorre que Karl Rossmann, “distraído por falta de sono, perca seu tempo dando pulos inutilmente altos”. Por isso, é somente numa pista de corridas que ele pode chegar ao objeto dos seus desejos.

Essa pista é ao mesmo tempo um teatro, e isso constitui um enigma. Mas o lugar enigmático e a figura inteiramente transparente e não enigmática de Karl Rossmann pertencem ao mesmo contexto. Pois, se Karl Rossmann é transparente, límpido e mesmo desprovido de caráter, ele o é no sentido utilizado por Franz Rosenzweig em seu *Stern der Erlösung* (em português, “Estrela da redenção”). Na China, o homem interior é

inteiramente desprovido de caráter; o conceito do sábio, encarnado classicamente... por Confúcio, supõe um caráter totalmente depurado de todas as particularidades; ele é o homem verdadeiramente sem caráter, isto é, o homem médio... O que define o chinês é algo de completamente distinto do caráter: uma pureza elementar dos sentimentos.

Como quer que possamos traduzir conceitualmente essa pureza de sentimentos — talvez ela seja um instrumento capaz de medir de forma especialmente sensível o comportamento gestual —, o fato é que o teatro ao ar livre de Oklahoma remete ao teatro clássico chinês, que é um teatro gestual. Uma das funções mais significativas desse teatro ao ar livre é a dissolução do acontecimento no gesto. Podemos ir mais longe e dizer que muitos estudos e contos menores de Kafka só aparecem em sua verdadeira luz quando transformados, por assim dizer, em peças representadas no teatro ao ar livre de Oklahoma. Somente então se perceberá claramente que toda a obra de Kafka representa um código de gestos, cuja significação simbólica não é de modo algum evidente, desde o início, para o próprio autor; eles só recebem essa significação depois de inúmeras tentativas e experiências, em contextos múltiplos. O teatro é o lugar dessas experiências. Num comentário inédito sobre *Brudermord* (em português, “O fratricídio”), Werner Kraft observou lucidamente que a ação dessa pequena história era de natureza cênica.

O espetáculo pode começar e é anunciado por uma campainha. Este som se produz da forma mais natural, no momento em que Wese deixa a casa em que se encontra seu escritório. Mas essa campainha, diz o autor expressamente, *toca alto demais para uma simples campainha de porta, ela ressoa na cidade inteira, até o céu.*

Assim como essa campainha, que toca alto demais e chega até o céu, os gestos dos personagens kafkianos são excessivamente enfáticos para o mundo habitual e extravasam para um mundo mais vasto. Quanto mais se afirma a técnica magistral do autor, mais ele desdenha adaptar esses gestos às situações habituais e explicá-los. Na *Verwandlung* (em português, “A metamorfose”), lemos sobre

a estranha maneira que tem o chefe de sentar-se em sua escrivaninha e falar de cima para baixo com seu empregado, que além disso precisa chegar muito perto, devido à surdez do patrão.

Mas no *Prozess* (em português, “O processo”) não existem mais essas justificações. No penúltimo capítulo, κ.

parou nos primeiros bancos, mas para o padre a distância ainda era excessiva. Estendeu a mão e mostrou com o indicador um lugar mais próximo do púlpito. κ. o seguiu até esse lugar, precisando inclinar a cabeça fortemente para trás a fim de ver o padre.

Se é certo, como diz Max Brod, que “era imenso o mundo dos fatos que ele considerava importantes”, o mais imenso de todos era o mundo dos gestos. Cada um é um acontecimento em si e por assim dizer um drama em si. O palco em que se representa esse drama é o teatro do mundo, com o céu como perspectiva. Por outro lado, este céu é apenas pano de fundo; investigá-lo segundo sua própria lei significaria emoldurar um pano de fundo teatral e pendurá-lo numa galeria de quadros. Como El Greco, Kafka despedaça o céu, atrás de cada gesto; mas como em El Greco, padroeiro dos expressionistas, o gesto é o elemento decisivo, o centro da ação. Os que ouviram a batida no portão se afastam, curvados de terror. Um ator chinês representaria assim o terror, mas não assustaria ninguém. Em outra passagem o próprio κ. faz teatro. Semiconsciente do que fazia, ele

levantou cuidadosamente os olhos... pegou um dos papéis, sem olhá-lo, colocou-o na palma da mão e o ofereceu lentamente aos cavalheiros, enquanto ele próprio se erguia. Ele não pensava em nada de preciso, mas tinha apenas a sensação de que era assim que ele teria que se comportar, quando terminasse a grande petição que deveria inocentá-lo completamente.

Esse gesto supremamente enigmático e supremamente simples é um gesto de animal. Podemos ler durante muito tempo as histórias de animais de Kafka sem percebermos que elas não tratam de seres humanos. Quando descobrimos o nome da criatura — símio, cão ou toupeira —, erguemos os olhos, assustados, e ve-

rificamos que o mundo dos homens já está longe. Kafka é sempre assim; ele priva os gestos humanos dos seus esteios tradicionais e os transforma em temas de reflexões intermináveis.

Porém elas também são intermináveis quando partem das histórias alegóricas. Pense-se na parábola *Vor dem Gesetz* (em português, “Diante da lei”). O leitor que a encontra no *Landarzt* (em português, “Médico de aldeia”) percebe os trechos nebulosos que ela contém. Mas teria pensado nas inúmeras reflexões que ocorrem a Kafka, quando ele a interpreta? É o que ele faz em *O processo*, por intermédio do padre, e num lugar tão oportuno que poderíamos suspeitar que o romance não é mais que o desdobramento da parábola. Mas a palavra “desdobramento” tem dois sentidos. O botão se “desdobra” na flor, mas o papel “dobrado” em forma de barco, na brincadeira infantil, pode ser “desdobrado”, transformando-se de novo em papel liso. Essa segunda espécie de desdobramento convém à parábola, e o prazer do leitor é fazer dela uma coisa lisa, cuja significação caiba na palma da mão. Mas as parábolas de Kafka se desdobram no primeiro sentido: como o botão se desdobra na flor. Por isso, são semelhantes à criação literária. Apesar disso, elas não se ajustam inteiramente à prosa ocidental e se relacionam com o ensinamento como a *hagadá* se relaciona com a *halachá*. Não são parábolas e não podem ser lidas no sentido literal. São construídas de tal modo que podemos citá-las e narrá-las com fins didáticos. Porém conhecemos a doutrina contida nas parábolas de Kafka e que é ensinada nos gestos e atitudes de κ . e dos animais kafkianos? Essa doutrina não existe; podemos dizer no máximo que um ou outro trecho alude a ela. Kafka talvez dissesse: esses trechos constituem os resíduos dessa doutrina e a transmitem. Mas podemos dizer igualmente: eles são os precursores dessa doutrina, e a preparam. De qualquer maneira, trata-se da questão da organização da vida e do trabalho na comunidade humana. Essa questão preocupou Kafka como nenhuma outra e era impenetrável para ele. Assim como, na célebre conversa de Erfurt entre Goethe e Napoleão, o Imperador substituiu a política pelo destino, Kafka poderia ter substituído a organização pelo destino. A orga-

nização está constantemente presente em Kafka, não somente nas gigantescas hierarquias de funcionários, em *O processo* e *O castelo*, mas de modo ainda mais tangível nos incompreensíveis projetos de construção, descritos em *A muralha da China*.

A muralha deveria servir de proteção durante séculos; por isso, o máximo de cuidado na construção, a utilização dos conhecimentos arquitetônicos de todos os tempos e de todos os povos e um duradouro sentimento de responsabilidade por parte dos construtores constituíam pressupostos indispensáveis para esse trabalho. Para as obras acessórias, assalariados ignorantes do povo podiam ser usados, homens, mulheres, crianças, enfim, todos os que se empregavam para ganhar dinheiro; mas já para dirigir quatro desses assalariados, um homem culto era necessário, especializado em arquitetura... Nós — estou falando aqui em nome de muitos — somente aprendemos a nos conhecer soletrando as instruções dos nossos superiores, descobrindo que sem sua liderança nosso saber acadêmico e nosso bom senso não teriam sido suficientes para podermos executar a pequena tarefa que nos cabia no grande todo.

Essa organização se assemelha ao destino. Em seu famoso livro *A civilização e os grandes rios históricos*, Metchnikov descreve o esquema dessa organização com palavras que poderiam ser de Kafka.

Os canais do Yang-tsé-kiang e as represas do Huang-ho são provavelmente o resultado de um trabalho comum, conscientemente organizado, de... gerações... A menor desatenção na escavação de um fosso ou na sustentação de uma represa, a menor negligência, uma atitude egoísta por parte de um homem ou de um grupo de homens na tarefa de conservar os recursos hidráulicos da comunidade, podem originar, nessas circunstâncias insólitas, grandes males e desgraças sociais de consequências incalculáveis. Por isso, um funcionário encarregado de administrar os rios exigia, com ameaças de morte, uma estreita e duradoura solidariedade entre massas da população que muitas vezes eram estranhas e mesmo inimigas entre si; ele condenava todos a trabalhos cuja utilidade coletiva só se evidenciava com o tempo, e cujo plano de conjunto era muitas vezes incompreensível para o homem comum.

Kafka queria ser incluído entre esses homens comuns. Pouco a pouco os limites de sua compreensão se tornaram evidentes.

Ele quer mostrar aos outros esses limites. Às vezes ele se parece com *O Grande Inquisidor*, de Dostoiévski:

Estamos, portanto, em presença de um mistério, que não podemos compreender. E, como se trata de um enigma, tínhamos o direito de pregar, de ensinar aos homens que o que estava em jogo não era nem a liberdade nem o amor, mas um enigma, um segredo, um mistério, ao qual tinham que se submeter, sem qualquer reflexão, e mesmo contra sua consciência.

Nem sempre Kafka resistiu às tentações do misticismo. Sobre seu encontro com Rudolf Steiner possuímos uma página de diário, que pelo menos na forma em que foi publicada não reflete a posição de Kafka. Teria se recusado a revelar sua opinião? Sua atitude com relação aos próprios textos sugere que essa hipótese não é de modo algum impossível. Kafka dispunha de uma capacidade invulgar de criar parábolas. Mas ele não se esgota nunca nos textos interpretáveis e toma todas as precauções possíveis para dificultar essa interpretação. É com prudência, com circunspecção, com desconfiança que devemos penetrar, Tateando, no interior dessas parábolas. Devemos ter presente sua maneira peculiar de lê-las, como ela transparece na sua interpretação da parábola citada. Precisamos pensar também em seu testamento. Suas instruções para que sua obra póstuma fosse destruída são tão difíceis de compreender e devem ser examinadas tão cuidadosamente como as respostas do guardião da porta, diante da lei. Cada dia de sua vida confrontará Kafka com atitudes indecifráveis e com explicações ininteligíveis, e é possível que pelo menos ao morrer Kafka tivesse decidido pagar seus contemporâneos na mesma moeda.

O mundo de Kafka é um teatro do mundo. Para ele, o homem está desde o início no palco. E a prova é que todos são contratados no teatro de Oklahoma. Impossível conhecer os critérios que presidem a essa contratação. O talento de ator, que parece o critério mais óbvio, não tem nenhuma importância. Podemos exprimir esse fato de outra forma: não se exige dos candidatos senão que interpretem a si mesmos. Está absolutamente excluído que eles *sejam* o que *representam*. Representando seus papéis, os

atores procuram um abrigo no teatro ao ar livre, como os seis atores de Pirandello procuram um autor. Para uns e outros, a cena constitui o último refúgio, e não é impossível que esse refúgio seja também a salvação. A salvação não é uma recompensa outorgada à vida, mas a última oportunidade de evasão oferecida a um homem, como diz Kafka, “cujo próprio crânio bloqueia... o caminho”. A lei desse teatro está numa frase escondida no *Bericht für eine Akademie* (em português, “Relatório à academia”): “... eu imitava porque estava à procura de uma saída, por nenhuma outra razão”. No final do seu processo, K. parece ter um pressentimento de tudo isso. Ele se volta de repente para os dois cavalheiros de cartola, que vieram levá-lo, e pergunta:

— Em que teatro trabalham os senhores?

— Teatro?, perguntou um deles, pedindo conselho ao outro, com os lábios trêmulos.

Este reagiu como um mudo, que luta com um organismo recalcitrante.

Eles não responderam à pergunta, mas esses indícios fazem supor que foram afetados por ela.

Todos os atores que se tornaram membros do teatro ao ar livre são servidos num grande banco, recoberto com uma toalha branca. “Todos estavam alegres e excitados.” Para celebrar, os figurantes fazem o papel de anjos, em altos pedestais cobertos com panos ondulantes e que têm uma escada em seu interior. Todos os elementos de uma quermesse campestre, ou talvez de uma festa infantil, na qual o menino da foto, vestido com sua roupa excessivamente pomposa, teria talvez perdido a tristeza do seu olhar. Sem as asas postiças, talvez fossem anjos de verdade. Eles têm precursores na obra de Kafka, entre eles o empresário teatral, que sobe na rede para confortar o trapezista acometido da “primeira dor”, acaricia-o e aperta o seu rosto contra o seu, de modo que “as lágrimas do trapezista o inundaram também”. Outro anjo, anjo guardião ou guardião da lei, depois do “fratricídio” se encarrega do assassino Schmar, que “cola a boca no ombro do guarda” e o leva consigo, com passos leves. O

último romance de Kafka termina nas cerimônias campestres de Oklahoma. Segundo Soma Morgenstern, “em Kafka, como em todos os fundadores de religião, sopra um ar de aldeia”. Devemos recordar aqui a concepção da piedade, sustentada por Lao Zi, da qual Kafka deu uma descrição completa em *Nächste Dorf* (em português, “A aldeia próxima”): “Duas aldeias vizinhas podem estar ao alcance da vista e ouvir os galos e os cães uma da outra, mas seus habitantes morrem velhos, sem jamais viajarem de uma para outra”. São palavras de Lao Zi. Kafka também compunha parábolas, mas não fundou nenhuma religião.

Recordemos a aldeia ao pé do castelo, do qual K. recebe a confirmação misteriosa e inesperada de sua designação como agrimensor. Em seu posfácio a *O castelo*, Brod informa que Kafka tinha pensado num vilarejo específico ao criar essa aldeia: Zürau, no Erzgebirge. Mas podemos reconhecer nela outro lugar. É a aldeia mencionada numa lenda talmúdica, narrada por um rabino em resposta à pergunta: por que os judeus preparam um banquete na noite de sexta-feira? É a história de uma princesa exilada, longe dos seus compatriotas, que definha numa aldeia cuja língua ela não compreende. Um dia ela recebe uma carta do seu noivo, anunciando que não a tinha esquecido e que estava a caminho para revê-la. O noivo, diz o rabino, é o Messias, a princesa a alma, e a aldeia o corpo. Ignorando a língua falada na aldeia, seu único meio para comunicar-lhe a alegria que sente é preparar para ela um festim. Essa aldeia talmúdica está no centro do mundo kafkiano. O homem de hoje vive em seu corpo como K. ao pé do castelo: ele desliza fora dele e lhe é hostil. Pode ocorrer que o homem acorde um dia e verifique que se transformou num inseto. O país de exílio — o seu exílio — apoderou-se dele. É o ar dessa aldeia que sopra no mundo de Kafka, e é por isso que ele nunca cedeu à tentação de fundar uma religião. É nesse vilarejo que estão o chiqueiro de onde saem os cavalos para o médico de aldeia, o sufocante quarto dos fundos onde Klamm está sentado diante de um copo de cerveja, com o charuto na boca, e o portão no qual não se pode bater sem desafiar a morte. O ar dessa aldeia é im-

puro, com a mescla putrefata das coisas que não chegaram a existir e das coisas que amadureceram demais. Em sua vida, Kafka teve que respirar essa atmosfera. Não era nem adivinho nem fundador de religiões. Como conseguiu suportar tal atmosfera?

O HOMENZINHO CORCUNDA

Há muito se sabe que Knut Hamsun tinha o hábito de publicar suas opiniões na seção dos leitores do jornal que circulava na cidadezinha perto da qual ele vivia. Há alguns anos foi instaurado nessa cidade um processo contra uma jovem que assassinara seu filho recém-nascido. Ela foi condenada à prisão. Pouco depois apareceu na folha local uma carta de Hamsun. O autor dizia que daria as costas a uma cidade que aplicasse a mães capazes de matar seus filhos outra pena que a mais severa: se não a forca, pelo menos a prisão perpétua. Passaram-se alguns anos. Hamsun publicou *Benção da terra*, na qual havia a história de uma empregada doméstica que comete o mesmo crime, recebe a mesma pena e certamente não merecia um castigo mais severo, como o leitor percebe claramente.

As reflexões póstumas de Kafka, contidas em *A grande muralha da China*, fazem lembrar esse episódio. Pois assim que apareceu o volume póstumo, foi publicada uma exegese de Kafka, baseada apenas nessas reflexões e que procurava interpretá-las, ignorando sumariamente a própria obra. Há dois mal-entendidos possíveis com relação a Kafka: recorrer a uma interpretação natural e a uma interpretação sobrenatural. As duas, a psicanalítica e a teológica, perdem de vista o essencial. A primeira é devida a Hellmuth Kaiser; a segunda foi praticada por numerosos autores, como H. J. Schoeps, Bernhard Rang e Groethuysen. Willy Haas pode também ser incluído nessa corrente, embora em outras ocasiões tenha escrito comentários muito instrutivos sobre Kafka, como veremos a seguir. Isso não o impediu de explicar a obra de Kafka em seu conjunto segundo certos lugares-comuns teológicos. “O poder superior”, escreve ele,

a esfera da graça, é descrito em seu grande romance *O castelo*, enquanto o poder inferior, a esfera do julgamento e da danação, é descrito em outro grande livro, *O processo*. Tentou descrever a terra, esfera intermediária entre esses dois planos... o destino terreno, com suas difíceis exigências, e de modo altamente estilizado, num terceiro romance, *Amerika*.

O primeiro terço dessa interpretação constitui hoje, a partir de Brod, patrimônio comum da exegese kafkiana. Assim, por exemplo, escreve Bernhard Rang:

Na medida em que o castelo pode ser visto como a sede da Graça, os vãos esforços e tentativas dos homens significam, teologicamente falando, que eles não podem forçar e provocar arbitrariamente, por um ato de vontade, a graça divina. A agitação e a impaciência inibem e perturbam o silêncio grandioso de Deus.

É uma interpretação cômoda, que se torna cada vez mais insustentável à medida que se avança na mesma direção. Willy Haas é especialmente claro nessa linha de argumentação:

Kafka descende... de Kierkegaard e de Pascal; podemos considerá-lo o único descendente legítimo desses dois filósofos. Os três partem, com a mesma dureza implacável, do mesmo tema religioso de base: o homem nunca tem razão em face de Deus... O mundo superior de Kafka, o castelo, com seus funcionários imprevisíveis, mesquinhos, complicados e gananciosos, e seu estranho Céu, brincam com os homens impiedosamente... no entanto nem diante desse Deus o homem tem razão.

Em suas especulações bárbaras, que de resto não são sequer compatíveis com o próprio texto literal de Kafka, essa teologia fica muito aquém da doutrina da justificação, de Anselmo de Salisbury. É exatamente em *O castelo* que encontramos a frase: “Pode um só funcionário perdoar? No máximo, a administração como um todo poderia fazê-lo, mas provavelmente ela não pode perdoar, e sim julgar, apenas”. Esse tipo de interpretação levou rapidamente a um beco sem saída. “Nada disso”, diz Denis de Rougemont, “significa a miséria de um homem sem Deus, mas a miséria do homem ligado a um Deus que ele não conhece, porque não conhece o Cristo.”

É mais fácil extrair conclusões especulativas das notas póstumas de Kafka que investigar um único dos temas que aparecem

em seus contos e romances. No entanto somente esses temas podem lançar alguma luz sobre as forças arcaicas que atravessam a obra de Kafka — forças, entretanto, que com igual justificação poderíamos identificar no mundo contemporâneo. Quem pode dizer sob que nome essas forças apareceram a Kafka? O que é certo é que ele não se encontrou nelas. Não as conheceu. No espelho da culpa, que o mundo primitivo lhe apresentou, ele viu apenas o futuro, sob a forma do tribunal. Como representar esse tribunal? Seria o julgamento final? O juiz não se converte em acusado? A punição não está no próprio processo? Kafka não respondeu a essas perguntas. Veria alguma utilidade nelas? Ou julgava preferível adiá-las? Nas narrativas que ele nos deixou, a epopeia recuperou a significação que lhe dera Scherazade: adiar o que estava por vir. O adiamento é em *O processo* a esperança dos acusados — contanto que o procedimento judicial não se transforme gradualmente na própria sentença. O adiamento beneficiaria mesmo o Patriarca, e para isso deveria renunciar ao papel que lhe cabe na tradição.

Posso imaginar um outro Abraão, que não chegaria evidentemente à condição de Patriarca, nem sequer à de negociante de roupas usadas, que se disporia a cumprir a exigência do sacrifício, obsequioso como um garçom, mas que não consumaria esse sacrifício, porque não pode sair de casa, onde é indispensável, porque seus negócios lhe impõem obrigações, porque há sempre alguma coisa a arrumar, porque a casa não está pronta, e sem que ela esteja pronta não pode sair, como a própria Bíblia admite, quando diz: ele pôs em ordem sua casa.

Abraão parece “obsequioso como um garçom”. Só pelo gesto podia Kafka fixar alguma coisa. É esse gesto, que ele não compreende, que constitui o elemento nebuloso de suas parábolas. É dele que parte a obra literária de Kafka. Sabe-se como ele era reticente com relação a essa obra. Em seu testamento, ordenou que ela fosse destruída. Esse testamento, que nenhum estudo sobre Kafka pode ignorar, mostra que o autor não estava satisfeito; que ele considerava seus esforços malogrados; que ele se incluía entre os que estavam condenados ao fracasso. Fracassada foi

sua grandiosa tentativa de transformar a literatura em doutrina, devolvendo-lhe, sob a forma de parábolas, a consistência e a austeridade que lhe convinham, à luz da razão. Nenhum escritor seguiu tão rigorosamente o preceito de “não construir imagens”.

“Era como se a vergonha devesse lhe sobreviver” — são as últimas palavras de *O processo*. A vergonha, que nele corresponde à “pureza elementar dos sentimentos”, é o mais forte gesto de Kafka. Ela tem uma dupla face. A vergonha é ao mesmo tempo uma reação íntima do indivíduo e uma reação social. Não é apenas vergonha dos outros, mas vergonha pelos outros. A vergonha de Kafka é tão pouco pessoal quanto a vida e o pensamento que ela determina e sobre os quais Kafka escreveu:

Ele não vive por causa de sua vida pessoal, nem pensa por causa do seu pensamento pessoal. Tudo se passa como se ele vivesse e pensasse sob o peso de uma obrigação familiar... Por causa dessa família desconhecida... ele não podia ser despedido.

Não conhecemos a composição dessa família desconhecida, constituída por homens e animais. Só uma coisa é clara: é ela que o força, ao escrever, a movimentar períodos cósmicos. Obedecendo às exigências dessa família, Kafka rola o bloco do processo histórico, como Sísifo rola seu rochedo. Nesse movimento, o lado de baixo desse bloco se torna visível. Não é um espetáculo agradável. Mas Kafka consegue suportar essa visão. “Ter fé no progresso não significa julgar que o progresso já aconteceu. Isso não seria mais fé.” A época em que ele vive não representa para Kafka nenhum progresso com relação ao começo primordial. Seus romances se passam num lamaçal. A criatura para ele está no estágio que Bachofen caracterizou como hetaírico. O fato de que esse estágio esteja esquecido não significa que ele não se manifeste no presente. Ao contrário, é esse esquecimento que o torna presente. Ele é descoberto por uma experiência mais profunda que a do homem comum. Em uma de suas primeiras anotações, escreve Kafka: “Eu tenho experiência e não estou brincando quando digo que essa experiência é uma espécie de enjoo em terra firme”. Não

é por acaso que a primeira *Reflexão* parte de um balanço. Kafka é inesgotável em sua descrição da natureza oscilante das experiências. Cada uma cede à outra, mistura-se com a experiência contrária. “Era um dia quente de verão.” — começa *Schlag ans Hoftor* (em português, “Batida no portão”) — “Voltando para casa com minha irmã, passei diante de um portão. Não sei se ela bateu no portão, por capricho ou distração, ou se apenas ameaçou fazê-lo com o punho, sem bater.” A mera possibilidade da terceira hipótese faz as duas outras, aparentemente inocentes, aparecerem sob outra luz. É do pântano dessas experiências que emergem os personagens femininos de Kafka. São figuras de lodo, como Leni, que “separa o dedo médio e o anular de sua mão direita, de modo que a *película que une os dois dedos* se estende quase até atingir a articulação superior do dedo mínimo”. A ambígua Frieda se recorda de sua vida passada. “Belos tempos. Nunca me perguntaste nada sobre o meu passado.” Esse passado se estende até o ponto mais escuro das profundezas em que se dá aquela cópula cuja “voluptuosidade desenfreada”, para usar as palavras de Bachofen, “é abominada pelos poderes imaculados da luz divina e que justifica a expressão *luteae voluptates*, de Arnobius”.

Só a partir desse fato podemos compreender a técnica narrativa de Kafka. Quando outros personagens têm algo que dizer a K., eles o dizem casualmente, como se ele no fundo já soubesse do que se tratava, por mais importante e surpreendente que seja a comunicação. É como se não houvesse nada de novo, como se o herói fosse discretamente convidado a lembrar-se de algo que ele havia esquecido. É nesse sentido que Willy Haas interpreta, com razão, o movimento de *O processo*, dizendo que

o objeto desse processo, o verdadeiro herói desse livro inacreditável, é o esquecimento... cujo principal atributo é o de esquecer-se a si mesmo... Ele se transformou em personagem mudo na figura do acusado, figura da mais grandiosa intensidade.

Não podemos afastar de todo a hipótese de que esse “centro misterioso” derive da “religião judaica”.

A memória enquanto piedade desempenha aqui um papel supremamente misterioso. O mais profundo atributo de Jeová é que ele se recorda, que conserva uma memória infalível até a *terceira e quarta geração*, até a *centésima geração*; o momento mais sacrossanto do ritual é o apagamento dos pecados no livro da memória.

Mas o esquecimento — e aqui atingimos um novo patamar na obra de Kafka — não é nunca um esquecimento individual. Tudo o que é esquecido se mescla a conteúdos esquecidos do mundo primitivo, estabelece com ele vínculos numerosos, incertos, cambiantes, para formar criações sempre novas. O esquecimento é o receptáculo a partir do qual emergem à luz do dia os contornos do inesgotável mundo intermediário, nas narrativas de Kafka.

Aqui a plenitude do mundo é considerada a única realidade. Todo espírito precisa fazer-se coisa, ser isolado, para adquirir um lugar e um direito à existência... O espiritual, na medida em que ainda desempenha um papel, pulveriza-se em espíritos. Os espíritos se tornam entes completamente individuais, com os seus próprios nomes estreitamente associados ao nome de quem os venera... despreocupada, a plenitude do mundo recebe da plenitude desses espíritos uma nova plenitude... Sem provocar nenhuma inquietação, aumenta a massa dos espíritos... aos antigos espíritos se acrescentam novos, todos com seu nome e distintos uns dos outros.

Essas palavras não se referem a Kafka, e sim à China. É assim que Franz Rosenzweig descreve o culto dos antepassados na *Estrela da redenção*. Do mesmo modo que para Kafka o mundo dos fatos importantes era imenso, também era imenso o mundo dos seus ancestrais, e é certo que esse mundo, como o mastro totêmico dos primitivos, chegava até os animais, em seu movimento descendente. De resto, não é somente em Kafka que os animais são os receptáculos do esquecimento. Na profunda obra de Tieck, *Der Blonde Eckbert* (em português, “O louro Eckbert”), o nome esquecido de um cãozinho — Strohm — figura como símbolo de uma culpa enigmática. Podemos entender assim por que Kafka não se cansava de escutar os animais para deles recuperar o que fora esquecido. Eles não são um fim em si, mas sem

eles nada seria possível. Recorde-se o “artista da fome”, que “a rigor era apenas um obstáculo no caminho que levava às estrebarias”. Não vemos, em *Bau* (em português, “Construção”) ou no *Riesenmaulwurf* (em português, “Toupeira gigante”), o animal refletindo e ao mesmo tempo cavando suas galerias subterrâneas? Por outro lado, esse pensamento é algo de muito confuso. Indeciso, ele oscila de uma preocupação para outra, saboreia todos os medos e tem a inconstância do desespero. Por isso, em Kafka também existem borboletas; o “caçador Gracchus”, sob o peso de uma culpa da qual ele nada quer saber, “transforma-se em borboleta”. “Não riam, diz o caçador Gracchus.” O que é certo é que de todos os seres de Kafka são os animais os que mais refletem. O que é a corrupção no mundo do direito, a angústia é no mundo do pensamento. Ela perturba o pensamento, mas constitui o único elemento de esperança que ele contém. Porém em nosso corpo o mais esquecido dos países estrangeiros é o nosso próprio corpo, e, por isso, compreendemos a razão pela qual Kafka chamava “o animal” à tosse que irrompia das suas entranhas. Era o posto avançado da grande horda.

Em Kafka, Odradek é o mais estranho bastardo gerado pelo mundo pré-histórico com seu acasalamento com a culpa.

À primeira vista ele tem o aspecto de um carretel achatado, em forma de estrela, e de fato parece ter alguma analogia com um novelo de fios: de qualquer maneira só poderiam ser fios rasgados, velhos, interligados por nós, emaranhados um no outro, dos mais diferentes tipos e cores. Mas não é apenas um carretel, porque do centro da estrela sai um bastonete transversal, ao qual se junta outro no canto direito. Com auxílio desse último bastonete e de uma das pontas da estrela, a criatura pode ficar de pé, como se tivesse duas pernas.

Odradek “fica alternadamente no sótão, na escada, no corredor, no vestíbulo”. Ele frequenta, portanto, os mesmos lugares que o investigador da Justiça, à procura da culpa. O sótão é o lugar dos objetos descartados e esquecidos. A obrigação de comparecer ao tribunal evoca talvez o mesmo sentimento que a obrigação de remexer arcaas antigas, deixadas no sótão durante anos. Se depen-

desse de nós, adiaríamos a tarefa até o fim dos nossos dias, do mesmo modo que K. acha que seu documento de defesa “poderá um dia ocupar sua inteligência senil, depois da aposentadoria”.

Odradek é o aspecto assumido pelas coisas em estado de esquecimento. Elas são deformadas. Deformada é a “preocupação do pai de família”, que ninguém sabe em que consiste, deformado o inseto, que como sabemos é na realidade Gregor Samsa, deformado o grande animal, meio carneiro e meio gato, para o qual talvez “a faca do carnicheiro fosse uma salvação”. Mas esses personagens de Kafka se associam, através de uma longa série de figuras, com a figura primordial da deformação, o corcunda. Entre as atitudes descritas por Kafka em suas narrativas nenhuma é mais frequente que a do homem cuja cabeça se inclina profundamente sobre seu peito. Ela é provocada pelo cansaço nos membros do tribunal, pelo ruído nos porteiros do hotel, pelo teto excessivamente baixo nos frequentadores das galerias. Contudo na *Strafkolonie* (em português, “Colônia penal”) os dirigentes se servem de uma antiga máquina que grava letras floreadas nas costas do culpado, aumenta as incisões, acumula os ornamentos, até que suas costas se tornem clarividentes, possam elas próprias decifrar as inscrições, descobrindo assim o nome da culpa desconhecida. São, portanto, as costas que importam. São elas que importam para Kafka, desde muito tempo. Lemos nas primeiras anotações do *Diário*:

Para ficar tão pesado quanto possível, o que considero bom para o sono, eu cruzava os braços e punha as mãos nos ombros, como um soldado com sua mochila.

É claro que a ideia de estar carregado tem relação com a de esquecer — no sono. Uma canção popular — *O homenzinho corcunda* — concretiza essa relação. O homenzinho é o habitante da vida deformada; desaparecerá quando chegar o Messias, de quem um grande rabino disse que ele não quer mudar o mundo pela força, mas apenas retificá-lo um pouco.

“Vou para o meu quartinho; para fazer minha caminha; e encontro um homenzinho corcunda; que começa a rir.” É o riso

de Odradek, que “ressoa como o murmúrio de folhas caídas”. A canção continua: “Quando me ajoelho em meu banquinho; para rezar um pouquinho; encontro um homenzinho corcunda; que começa a falar.; Querida criancinha, por favor; Reza também pelo homenzinho corcunda”. Assim termina a canção. Em suas profundezas, Kafka toca o chão que não lhe era oferecido nem pelo “pressentimento mítico” nem pela “teologia existencial”. É o chão do mundo germânico e do mundo judeu. Se Kafka não rezava, o que ignoramos, era capaz ao menos, como faculdade inalienavelmente sua, de praticar o que Malebranche chamava “a prece natural da alma” — a atenção. Como os santos em sua prece, Kafka incluía na sua atenção todas as criaturas.

SANCHO PANÇA

Conta-se que numa aldeia hassídica alguns judeus estavam sentados numa pobre estalagem, num sábado à noite. Eram todos residentes do lugar, menos um desconhecido, de aspecto miserável, mal vestido, escondido num canto escuro, nos fundos. Conversava-se aqui e ali. Num certo momento, alguém se lembrou de perguntar o que cada um desejaria, se um único desejo pudesse ser atendido. Um queria dinheiro, outro um genro, outro uma nova banca de carpinteiro, e assim por diante. Depois que todos falaram, restava apenas o mendigo, em seu canto escuro. Interrogado, ele respondeu, com alguma relutância:

Gostaria de ser um rei poderoso, governando um vasto país, e que uma noite, ao dormir em meu palácio, um exército inimigo invadissem o meu reino, e que antes do nascer do dia os cavaleiros tivessem entrado em meu castelo, sem encontrar resistência, e que acordando assustado eu não tivesse tempo de me vestir, e com uma simples camisa no corpo eu fosse obrigado a fugir, perseguido sem parar, dia e noite, por montes, vales e florestas, até chegar a este banco, neste canto, são e salvo. É o meu desejo.

Os outros se entreolharam sem entender. “— E o que você ganharia com isso?” perguntaram. “— Uma camisa”, foi a resposta.

Essa história conduz ao centro da obra de Kafka. Não está dito que as deformações que um dia o Messias corrigirá são apenas as do nosso espaço. Certamente são também as do nosso tempo. E certamente Kafka pensou nisso. É com uma certeza desse gênero que seu avô diz:

A vida é surpreendentemente curta. Ela é mesmo tão curta em minha memória, que mal posso compreender, por exemplo, como um jovem pode se decidir a viajar para a próxima aldeia sem temer — mesmo deixando de lado os acidentes imprevisíveis — que o tempo de toda uma vida normal e sem imprevistos seja insuficiente para terminar essa viagem.

O mendigo é um irmão desse velho. Em sua “vida normal e sem imprevistos” ele não encontra tempo para um só desejo, mas na vida anormal e cheia de imprevistos da fuga, que ele fantasia em sua história, ele renuncia a qualquer desejo e o troca pela sua realização.

Entre as criaturas de Kafka existe uma tribo singularmente consciente da brevidade da vida. Ela vem da “cidade do sul”, que Kafka caracteriza com o seguinte diálogo:

Ali estão as pessoas! Imaginem, elas não dormem!

— E por que não?

— Porque não se cansam nunca.

— E por que não?

— Porque são tolos.

— Então os tolos não se cansam?

— Como poderiam os tolos cansar-se?

Como se vê, os tolos têm afinidades com os infatigáveis ajudantes. Mas essa tribo tem ainda outras características. De passagem, ouvimos um comentário segundo o qual os rostos dos ajudantes “lembravam os de adultos, talvez mesmo os de estudantes”. Com efeito, os estudantes, que em Kafka aparecem nos lugares mais estranhos, são os chefes e porta-vozes dessa tribo. “— Mas quando dormem vocês? perguntou Karl, olhando admirado os estudantes; — Ah, dormir! disse o estudante. Dormirei quando tiver acabado os meus estudos.” Pense-se nas crianças: com que relutância vão para a cama! Pois enquanto dormem, alguma coisa interessante poderia acontecer. “Não se esqueça do melhor!” é

uma observação “que nos é familiar a partir de uma quantidade incerta de velhas narrativas, embora ela talvez não ocorra em nenhuma.” Porém o esquecimento diz sempre respeito ao melhor, porque diz respeito à possibilidade da redenção. “A ideia de querer ajudar-me”, diz, ironicamente, o espírito sempre inquieto do caçador Gracchus, “é uma doença que deve ser curada na cama.” Os estudantes não dormem, por causa dos seus estudos, e talvez a maior virtude dos estudos é mantê-los acordados. O artista da fome jejua, o guardião da porta silencia e os estudantes velam: assim, ocultas, operam em Kafka as grandes regras da ascese.

Os estudos são seu coroamento. Kafka os traz à luz do dia, resgatando-os dos anos extintos de sua infância.

Numa cena não muito diferente, há muitos anos, Karl se sentava, em casa, à mesa dos seus pais, fazendo seus deveres escolares, enquanto o pai lia o jornal ou fazia contabilidade e redigia a correspondência para uma firma, e a mãe costurava, levantando muito alto a linha. Para não incomodar o pai, Karl só colocava na mesa o caderno e o material de escrever, arrumando os livros necessários em cadeiras à direita e à esquerda. Como tudo era tranquilo ali! Como era rara a visita dos estranhos!

Talvez esses estudos não tenham servido para nada. Mas esse “nada” é muito próximo daquele “nada” taoista que nos permite utilizar “alguma coisa”. É em busca desse “nada” que Kafka formulava o desejo de

fabricar uma mesa com uma perícia exata e escrupulosa, e ao mesmo tempo não fazer nada, de tal maneira que, em vez de dizerem: o martelo não é nada para ele, as pessoas dissessem: o martelo é para ele um verdadeiro martelo e ao mesmo tempo não é nada, e com isso o martelo se tornaria ainda mais audacioso, mais decidido, mais real e, se se quisesse, mais louco.

Em seus estudos, os estudantes têm uma atitude igualmente resoluto e igualmente fanática. Essa atitude não pode ser mais estranha. Escrevendo e estudando, as pessoas perdem o fôlego.

Muitas vezes o funcionário dita em voz tão baixa que o escrevente não ouve nada se estiver sentado, e, por isso, precisa pular, capturar as

palavras ditadas, sentar-se depressa e escrevê-las, em seguida pular de novo, e assim por diante. Como é singular! É quase incompreensível.

Mas talvez possamos compreender melhor se voltarmos aos atores do teatro ao ar livre. Os atores têm que ficar extremamente atentos às suas deixas. Eles se assemelham também sob outros aspectos a essas pessoas zelosas. Para eles, com efeito, “o martelo é um verdadeiro martelo e ao mesmo tempo não é nada”, desde que esse martelo faça parte do seu papel. Eles estudam esse papel; o ator que esquecesse uma palavra ou um gesto seria um mau ator. Para os integrantes da equipe de Oklahoma, contudo, esse papel é sua vida anterior. Por isso, esse teatro ao ar livre é um teatro “natural”. Os atores estão salvos. O mesmo não ocorre com o estudante que Karl vê do seu balcão, em silêncio, à noite, quando ele lê o seu livro: “ele virava as folhas, de vez em quando consultava outro livro, que ele segurava rapidamente, fazia anotações frequentes em um caderno, inclinando profundamente o rosto sobre ele”.

Kafka não se cansa de dar corpo ao gesto, em descrições desse tipo. Mas sempre com assombro. Com razão, Kafka foi comparado ao soldado Schweyk; porém o primeiro se assombra com tudo, e o segundo não se assombra com nada. O cinema e o gramofone foram inventados na era da mais profunda alienação dos homens entre si e das relações mediatizadas ao infinito, as únicas que subsistiram. No cinema, o homem não reconhece seu próprio andar e no gramofone não reconhece sua própria voz. Esse fenômeno foi comprovado experimentalmente. A situação dos que se submetem a tais experiências é a situação de Kafka. É ela que o obriga ao estudo. Nesse processo, talvez ele encontre fragmentos da própria existência, que talvez ainda estejam em relação com o papel. Ele recuperaria o gesto perdido, com Schlemihl, a sombra perdida. Ele se compreenderia enfim, mas com que esforço imenso! Pois o que sopra dos abismos do esquecimento é uma tempestade. E o estudo é uma corrida a galope contra essa tempestade. É assim que o mendigo em seu banco ao lado da lareira cavalga em direção ao seu passado,

para se apoderar de si mesmo, sob a forma do rei fugitivo. À vida, que é curta demais para uma cavalgada, corresponde a vida que é suficientemente longa para que o cavaleiro “abandone as esporas, porque não há esporas, jogue fora as rédeas, porque não há rédeas, veja os prados na frente, com a vegetação rala, já sem o pescoço do cavalo, já sem a cabeça do cavalo!”. Assim se realiza a fantasia do cavaleiro feliz, que galopa numa viagem alegre e vazia em direção ao passado, sem pesar sobre sua montaria. Infeliz, no entanto, o cavaleiro que está preso à sua égua porque se fixou um objetivo situado no futuro, ainda que seja o futuro mais imediato, como o de atingir o depósito de carvão. Infeliz também seu cavalo, infelizes os dois.

Montado num balde, segurando a alça, a mais simples das rédeas, desço penosamente as escadas; mas, quando chego embaixo, meu balde se levanta, lindo, lindo; camelos deitados no chão não se levantariam de modo mais belo, sacudindo-se sob o bastão do camaleiro.

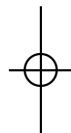
Nenhuma região é mais desolada que a região da “montanha de gelo” em que se perde para sempre o “cavaleiro do balde”. Das “regiões inferiores da morte” sopra o vento, que lhe é favorável — o mesmo que em Kafka sopra tão frequentemente do mundo primitivo, e que impulsiona o barco do caçador Gracchus. “Ensina-se em toda parte”, diz Plutarco, “em mistérios e sacrifícios, tanto entre os gregos como entre os bárbaros... que devem existir duas essências distintas e duas forças opostas, uma que leva em frente, por um caminho reto, e outra que interrompe o caminho e força a retroceder.” É para trás que conduz o estudo, que converte a existência em escrita. O professor é Bucéfalo, o “novo advogado”, que sem o poderoso Alexandre — isto é, livre do conquistador, que só queria caminhar para frente — toma o caminho de volta. “Livre, com seus flancos aliviados da pressão das coxas do cavaleiro, sob uma luz calma, longe do estrépito das batalhas de Alexandre, ele lê e vira as páginas dos nossos velhos livros.” Há algum tempo, Werner Kraft interpretou essa narrativa. Depois de ter examinado com cuidado cada pormenor do texto,

observa o intérprete: “Nunca antes na literatura foi o mito em toda a sua extensão criticado de modo tão violento e devastador”. Segundo Kraft, o autor não usa a palavra “justiça”; não obstante, é da justiça que parte a crítica do mito. Mas, já que chegamos tão longe, se parássemos aqui, correríamos o risco de não entender Kafka. É verdadeiramente o direito que em nome da justiça é mobilizado contra o mito? Não; como jurista, Bucéfalo permanece fiel à sua origem: porém ele não parece *praticar* o direito, e nisso, no sentido de Kafka, está o elemento novo, para Bucéfalo e para a advocacia. A porta da justiça é o direito que não é mais praticado, e sim estudado.

A porta da justiça é o estudo. Mas Kafka não se atreve a associar a esse estudo as promessas que a tradição associa no estudo da Torá. Seus ajudantes são bedéis que perderam a igreja, seus estudantes são discípulos que perderam a escrita. Ela não se impressiona mais com “a viagem alegre e vazia”. Contudo Kafka achou a lei na sua viagem; pelo menos uma vez, quando conseguiu ajustar sua velocidade desenfreada a um passo épico, que ele procurou durante toda a sua vida. O segredo dessa lei está num dos seus textos mais perfeitos, e não apenas por se tratar de uma interpretação.

Sancho Pança, que aliás nunca se vangloriou disso, conseguiu no decorrer dos anos afastar de si o seu demônio, que ele mais tarde chamou de Dom Quixote, fornecendo-lhe, para ler de noite e de madrugada, inúmeros romances de cavalaria e de aventura. Em consequência, esse demônio foi levado a praticar as proezas mais delirantes, mas que não faziam mal a ninguém, por falta do seu objeto predeterminado, que deveria ter sido o próprio Sancho Pança. Sancho Pança, um homem livre, seguia Dom Quixote em suas cruzadas com paciência, talvez por um certo sentimento de responsabilidade, daí derivando até o fim de sua vida um grande e útil entretenimento.

Sancho Pança, tolo sensato e ajudante incapaz de ajudar, mandou na frente o seu cavaleiro. Bucéfalo sobreviveu ao seu. Homem ou cavalo, pouco importa, desde que o dorso seja aliviado do seu fardo.



COLEÇÃO «HEDRA EDIÇÕES»

1. *A arte da guerra*, Maquiavel
2. *A conjuração de Catilina*, Salústio
3. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
4. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Friedrich Nietzsche
5. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
6. *A história trágica do Doutor Fausto*, Christopher Marlowe
7. *A metamorfose*, Franz Kafka
8. *A monadologia e outros textos*, Gottfried Leibniz
9. *A morte de Ivan Ilitch*, Lev Tolstói
10. *A velha Izerguil e outros contos*, Maksim Górkí
11. *A vida é sonho*, Calderón de la Barca
12. *A volta do parafuso*, Henry James
13. *A voz dos botequins e outros poemas*, Paul Verlaine
14. *A vênus das peles*, Leopold von Sacher-Masoch
15. *A última folha e outros contos*, O. Henry
16. *Americanismo e fordismo*, Antonio Gramsci
17. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
18. *Apologia de Galileu*, Tommaso Campanella
19. *Arcana Cœlestia e Apocalipsis revelata*, Emanuel Swedenborg
20. *As bacantes*, Eurípides
21. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
22. *Ação direta e outros escritos*, Voltairine de Cleyre
23. *Balada dos enforcados e outros poemas*, François Villon
24. *Carmilla, a vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
25. *Carta sobre a tolerância*, John Locke
26. *Contos clássicos de vampiro*, L. Byron, B. Stoker & outros
27. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
28. *Contos indianos*, Stéphane Mallarmé
29. *Cultura estética e liberdade*, Friedrich von Schiller
30. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
31. *Dao De Jing*, Lao Zi
32. *Discursos ímpios*, Marquês de Sade
33. *Dissertação sobre as paixões*, David Hume
34. *Diário de um escritor (1873)*, Fiódor Dostoiévski
35. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin
36. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
37. *Don Juan*, Molière
38. *Dos novos sistemas na arte*, Kazimir Maliévitch
39. *Educação e sociologia*, Émile Durkheim
40. *Édipo Rei*, Sófocles
41. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
42. *Émile e Sophie ou os solitários*, Jean-Jacques Rousseau
43. *Emília Galotti*, Gotthold Ephraim Lessing
44. *Entre camponeses*, Errico Malatesta
45. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
46. *Escritos revolucionários*, Errico Malatesta
47. *Escritos sobre arte*, Charles Baudelaire
48. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
49. *Eu acuso!*, Zola/ *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
50. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte
51. *Fedro*, Platão
52. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
53. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
54. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
55. *Fé e saber*, Georg W. F. Hegel

56. *Gente de Hemsö*, August Strindberg
57. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
58. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
59. *História da anarquia (vol. II)*, Max Nettlau
60. *História da anarquia (vol. I)*, Max Nettlau
61. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
62. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
63. *Inferno*, August Strindberg
64. *Investigação sobre o entendimento humano*, David Hume
65. *Jazz rural*, Mário de Andrade
66. *Jerusalém*, William Blake
67. *Joana d'Arc*, Jules Michelet
68. *Lira grega*, Giuliana Ragusa (org.)
69. *Lisistrata*, Aristófanes
70. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Friederich Engels
71. *Manifesto comunista*, Karl Marx e Friederich Engels
72. *Memórias do subsolo*, Fiódor Dostoiévski
73. *Metamorfoses*, Ovídio
74. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
75. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown
76. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
77. *No coração das trevas*, Joseph Conrad
78. *Noites egípcias e outros contos*, Aleksandr Púchkin
79. *O casamento do Céu e do Inferno*, William Blake
80. *O cego e outros contos*, D. H. Lawrence
81. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
82. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
83. *O corno de si próprio e outros contos*, Marquês de Sade
84. *O destino do erudito*, Johann Fichte
85. *O estranho caso do dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Robert Louis Stevenson
86. *O fim do ciúme e outros contos*, Marcel Proust
87. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
88. *O ladrão honesto e outros contos*, Fiódor Dostoiévski
89. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
90. *O mundo ou tratado da luz*, René Descartes
91. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
92. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E. T. A. Hoffmann
93. *O primeiro Hamlet*, William Shakespeare
94. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Piotr Kropotkin
95. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Mikhail Bakunin
96. *O príncipe*, Maquiavel
97. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont
98. *O retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde
99. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
100. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, P. B. Shelley
101. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, John Keats
102. *Odisseia*, Homero
103. *Oliver Twist*, Charles Dickens
104. *Origem do drama barroco*, Walter Benjamin
105. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
106. *Os sovietes traídos pelos bolcheviques*, Rudolf Rocker
107. *Para serem lidas à noite*, Ion Minulescu
108. *Pensamento político de Maquiavel*, Johann Fichte
109. *Pequeno-burgueses*, Maksim Górkí
110. *Pequenos poemas em prosa*, Charles Baudelaire
111. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Robert Stoller
112. *Poemas*, Lord Byron

113. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
114. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
115. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
116. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
117. *Præterita*, John Ruskin
118. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
119. *Rashômon e outros contos*, Ryûnosuke Akutagawa
120. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Mikhail Bakunin
121. *Robinson Crusoe*, Daniel Defoe
122. *Romanceiro cigano*, Federico García Lorca
123. *Sagas*, August Strindberg
124. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
125. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
126. *Sobre a filosofia e seu método (Parerga e paralipomena)* (v.ii, t.i), Arthur Schopenhauer
127. *Sobre a liberdade*, Stuart Mill
128. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Friedrich Nietzsche
129. *Sobre a ética (Parerga e paralipomena)* (v.ii, t.ii), Arthur Schopenhauer
130. *Sobre anarquismo, sexo e casamento*, Emma Goldman
131. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
132. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
133. *Sobre verdade e mentira*, Friedrich Nietzsche
134. *Sonetos*, William Shakespeare
135. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Leonardo da Vinci
136. *Teleny, ou o reverso da medalha*, Oscar Wilde
137. *Teogonia*, Hesíodo
138. *Trabalhos e dias*, Hesíodo
139. *Triunfos*, Petrarca
140. *Um anarquista e outros contos*, Joseph Conrad
141. *Viagem aos Estados Unidos*, Alexis de Tocqueville
142. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
143. *Viagem sentimental*, Laurence Sterne

COLEÇÃO «METABIBLIOTECA»

1. *A carteira de meu tio*, Joaquim Manuel de Macedo
2. *A cidade e as serras*, Eça de Queirós
3. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
4. *A família Medeiros*, Júlia Lopes de Almeida
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Auto da barca do inferno*, Gil Vicente
7. *Bom crioulo*, Adolfo Caminha
8. *Cartas a favor da escravidão*, José de Alencar
9. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida
10. *Crime*, Luiz Gama
11. *Democracia*, Luiz Gama
12. *Direito*, Luiz Gama
13. *Elixir do pajé: poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
14. *Eu*, Augusto dos Anjos
15. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
16. *Helianto*, Orides Fontela
17. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
18. *Iracema*, José de Alencar
19. *Liberdade*, Luiz Gama
20. *Mensagem*, Fernando Pessoa
21. *Meridiano 55*, Flávio de Carvalho
22. *O Ateneu*, Raul Pompeia

23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O desertor*, Silva Alvarenga
25. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
26. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
27. *Poemas completos de Alberto Caetano*, Fernando Pessoa
28. *Teatro de êxtase*, Fernando Pessoa
29. *Transposição*, Orides Fontela
30. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
31. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
32. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
33. *Índice das coisas mais notáveis*, Antônio Vieira

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *8/1: A rebelião dos manés*, Pedro Fiori Arantes, Fernando Frias e Maria Luiza Meneses
2. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile
3. *A sociedade de controle*, J. Souza; R. Avelino; S. Amadeu (orgs.)
4. *Ativismo digital hoje*, R. Segurado; C. Penteado; S. Amadeu (orgs.)
5. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
6. *Descobrimos o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Desinformação e democracia*, Rosemary Segurado
8. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
9. *Labirintos do fascismo* (v.III), João Bernardo
10. *Labirintos do fascismo* (v.II), João Bernardo
11. *Labirintos do fascismo* (v.IV), João Bernardo
12. *Labirintos do fascismo* (v.I), João Bernardo
13. *Labirintos do fascismo* (v.VI), João Bernardo
14. *Labirintos do fascismo* (v.V), João Bernardo
15. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
16. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
17. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
18. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
19. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
20. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva

COLEÇÃO «MUNDO INDÍGENA»

1. *A folha divina*, Timóteo Verá Tupã Popygua
2. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
3. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupã Popygua
4. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
5. *Cantos dos animais primordiais*, Ava Nomoandyja Atanásio Teixeira
6. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
7. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
8. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin-Gallois
9. *Não havia mais homens*, Luciana Storto
10. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri
11. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
12. *Os Aruaques*, Max Schmidt
13. *Os cantos do homem-sombra*, Patience Epps e Danilo Paiva Ramos
14. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
15. *Xamanismos ameríndios*, A. Barcelos Neto, L. Pérez Gil & D. Paiva Ramos

COLEÇÃO «ECOPOLÍTICA»

1. *Anarquistas na América do Sul*, E. Passetti, S. Gallo; A. Augusto (orgs.)
2. *Ecopolítica*, E. Passetti; A. Augusto; B. Carneiro; S. Oliveira, T. Rodrigues (orgs.)
3. *Pandemia e anarquia*, E. Passetti; J. da Mata; J. Ferreira (orgs.)

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu 1 000 exemplares deste
livro na gráfica Expressão & Arte, em 22 de abril de 2025 em papel
Pólen Soft 80, em tipologia Minion Pro, 11 pt, com diversos softwares
livres, entre eles, Lua^BTeX, git.
(v. 25276do)

